

Ética d^o b^{anc}ar

Daniele Noal Gai

UFRGS. FACED. PPGEDU.

TESE DE DOUTORADO

PORTO ALEGRE

OUTUBRO

2015

[2]

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação

Daniele Noal Gai
Ética do Brincar

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação,
da Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul,
como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Educação.

Grupo Temático: Educação em Saúde

Orientador: Professor Dr. Ricardo Burg Ceccim

Porto Alegre, 19 de outubro de 2015.

CIP - Catalogação na Publicação

Noal-Gai, Daniele

Ética do Brincar / Daniele Noal-Gai. -- 2015.
215 f.

Orientador: Ricardo Burg Ceccim.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2015.

1. ética do brincar. 2. educação na deficiência.
3. pedagogia na saúde. 4. saúde mental. 5. relicário
como método. I. Burg Ceccim, Ricardo, orient. II.
Título.

Banca examinadora

MARILDA OLIVEIRA DE OLIVEIRA (Universidade Federal de Santa Maria)

DANIELA DALLEGRAVE (Centro de Educação Tecnológica e de Pesquisa em Saúde - Escola GHC, Grupo Hospitalar Conceição)

LUCIANO BEDIN DA COSTA (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

MARIA CARMEM SILVEIRA BARBOSA (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)



A ética do brincar está sujeita à criação e à desconstrução, engendra-se por ser uma máquina política e uma prática de ensinar experimental (segundo as questões da vida contemporânea). Opera com a pedagogia na educação e com a pedagogia na saúde, produzindo outra pedagogia, com articulação contemporânea vívida. Flerta (e tira partido) da filosofia, das artes, da pedagogia, e cria métodos pra educação e pra saúde. Produz entrecomposição com ações de ensino, pesquisa e extensão na universidade, em que a Ética coloca movimentação, pondo coletivos a brincar. Trata-se do contemporâneo como desafio na educação superior, num cenário nacional e internacional, para promover outra perspectiva de docência e formação de profissionais de saúde na universidade. Compromete-se com uma política de educação para todos e para cada um, desde a aprendizagem na deficiência, no autismo, na saúde mental, como na não deficiência. Afirma a pedagogia como ciência da multiplicidade, da entrecomposição. O texto funciona por sua escritura, com entoados, argumentos e procedimentos, ao modo filosófico e artístico, e funciona por uma entrecomposição engenhosa, articulada, simétrica e complementar das partes da Tese: pathos; efeitos poiéticos; criação; riso; espaço de habitação; escrita; curandeira; arteira; geringonça; relicário; acúmulo; lúdica; descabimento; experimentação; deambulação; desconstrução; composição; som; presença; jardim; cuidado; condução; intuição; máquina política; máquina experimental; ética experimental. Perspectiva axiológica. O método foi o do relicário, ensaio com os guardados de escola, de unidades de saúde, de contato com o fazer em educação e em saúde mental.

Palavras-chave: ética do brincar, pedagogia na educação, pedagogia na saúde, educação na deficiência, saúde mental, relicário como método.

The logo features the word "Abstract" in a serif font. The letter "A" is significantly larger and more prominent than the other letters. The letters "b", "S", and "t" are smaller and positioned below the "A". The letters "r", "a", and "c" are also smaller and positioned below the "t". The entire word is set against a solid black rectangular background.

The ethics of playing is subject to the creation and deconstruction, is engendered by to be-being a political machine and experimental ethical (issues of contemporary life). It operates with pedagogy in education and pedagogy in health, producing another pedagogy, with vivid contemporary articulation. Quibble with (and takes advantage of) philosophy , with art, with pedagogies and creates methods for education and health. Produces amongst-composition in teaching activities, research and extension at university where the Ethics starts movimentation, putting collectives to play. It is about the contemporary higher education, a national and international scene, providing another perspective of teaching and training health professionals at the University. It is committed to an education policy for all and for each one, from the learning disability, in autism, mental health, and in no impairment. Claims pedagogy as science of multiplicity into amongst-composition. The text works by its writing, with intoned, arguments and procedures, philosophical and artistic way, and works for an ingenious amongst-composition, articulated, symmetrical and complementary to parts of the thesis: pathos; "poiétical" effects; creation; laughter; living space; writing; healer; naughty; contraption; shrine; accumulation; ludic; misplaced; experimentation; ambulation; deconstruction; composition; sound; presence; garden; caution; conduction; intuition; political machine; experimental machine; experimental ethics. Axiological perspective. The method was the relicary, assay with things found and saved from schools, health units, contact with the making in education and mental health.

Keywords: ethics of playing; pedagogy in education; pedagogy in health; education in disability; mental health; reliquary as a method.

Agradeci^{me}ntos

Universidade, pela epifania, por sua magia, pela educação, pelo que tem que ser na tradição, na cultura, na democracia e na ciência – honra-me ser partezinha. PPGedu, ser estudante é ser desejo, agradeço, então, ser mais uma vez sua aluna e poder estudar. Orientador, agradeço o encontro alegre, o coletivo de orientação, os dispositivos provocativos e inteligentes. Ricardo, agradeço por tanta saúde nesta tese. Minha banca avaliadora, “ninguém tem vontade de falar de amor se não for para alguém”

(Barthes – p. 65 – Fragmentos de um discurso amoroso), por isso a conversa é com vocês: Marilda, Lica, Lu e Dani. Professores, pelas aulas em meio à filosofia da diferença e em meio a geografias nômade, reverberam: Sandra Corazza, Tania Galli, Paola Zordan, Luciana Loponte. Colegas (estudantes, docentes, servidores, da Ufsm, da Ufpa, da Ufrgs, das Redes de ensino e saúde), amo-lhes em greves, maios, menos burocráticos, honestos e com pensamento a pensar. Alunos os amo -- só por saber que chegamos juntos e atualizamos nossas histórias ao mesmo tempo. Amigos, quem ama-distante-presente ama mais! Parafernâlias, e quem pode agradecer gentes tão sem vergonhas e sem cabimentos? Amigos de fabulações, seguiremos rigorosos, aprendendo, experimentando e criando. Família, quem pode coisas mais lindas sem a nossa imaginação? Celso, Clarice e Phelipe, sendo necessário tudo, vocês são tudo. Filhos (cute-cutes-da-mamãe), agradeço à vida vívida e todos os nossos dias com olhos de estrela, Helena Estrela, e com sorrisos de sol, Frederico. Mauricio, sem festas íntimas não venceríamos os felizes e os que nos veem de fora -- és admirável, homem.



“1. A linguagem é uma pele: esfrego minha linguagem no outro. É como se eu tivesse palavras ao invés de dedos, ou dedos na ponta das palavras. Minha linguagem treme de desejo. A emoção de um duplo contacto: de um lado, toda uma atividade do discurso vem, discretamente, indiretamente, colocar em evidência um significado único que é ‘eu te desejo’, e liberá-lo, alimentá-lo, ramificá-lo, fazê-lo explodir (a linguagem goza de se tocar a si mesma); por outro lado, envolvo o outro nas minhas palavras, eu o acaricio, o roço, prolongo esse roçar, me esforço em fazer durar o comentário ao qual submeto a relação.

(Falar amorosamente é gastar interminavelmente, sem crise; é praticar uma relação sem orgasmo)”.

(Barthes – p. 64 – Fragmentos de um discurso amoroso)

S Umário

Prefácio – página 13

Abreviação I – página 15

Abreviação II – página 16

Abreviação III – página 17

Abreviação IV – página 18

Abreviação V – página 19

Abreviação VI – página 20

Abreviação VII – página 23

Abreviação VIII – página 24

Abreviação XI – página 25

Abreviação X – página 26

Entoado Alfabético – página 27

Entoado a – Pathos –	página 29
Entoado b – Efeitos poiéticos –	página 40
Entoado c – Criação –	página 46
Entoado d – Riso –	página 56
Entoado e – Espaço de habitação –	página 61
Entoado f – Escrita –	página 69
Entoado g – Curandeira –	página 83
Entoado h – Arteira –	página 89
Entoado i – Geringonça –	página 93
Entoado j – Relicário –	página 99
Entoado k – Acúmulo –	página 105
Entoado l – Lúdica –	página 112
Entoado m – Descabimento –	página 117
Entoado n – Experimentação –	página 129
Entoado o – Deambulação –	página 134
Entoado p – Desconstrução –	página 141
Entoado q – Composição –	página 145
Entoado r – Som –	página 155
Entoado s – Presença –	página 160
Entoado t – Jardim –	página 166
Entoado u – Cuidado –	página 170
Entoado v – Condução –	página 174
Entoado x – Intuição –	página 178

Entoado w – Máquina política – página 184

Entoado y – Máquina experimental – página 187

Entoado z – Ética experimental – página 197

Posfácio – página 198

Bibliografia – página 200

Anexos – página 206 a página 214

Prefácio

Ao que se prestaria uma ética de brincar? Ao que se prestaria essa ética na educação e na saúde? Ao que se prestaria essa ética na educação especial e na educação em saúde? Ao que se prestaria essa ética na contemporaneidade? Primeiro que não se trata de um tratado filosófico sobre ética, tampouco sobre modos de ser éticos, menos ainda modos de comportamento ao brincar ou para brincar melhor. Esta pesquisa de doutorado opera com a ética posta a brincar em tempo de instabilidade e, ao mesmo tempo, de possibilidades outras de existir, de sersendo. A posição de que podemos ser muitos, ser vários, olhar para todos os lados, em perspectiva, tanto em educação quanto em saúde, é a aposta desta pesquisa. Isso porque se pensa na pedagogia que se valha do comum, do comunitário, dos dias módicos e simples, a que nos submetemos, para que se produza educação como saúde, saúde como saúde, saúde e educação, educação e saúde. Importa a essa ética a multiplicidade, as coleções, os relicários, as cartas, os brinquedos, o espírito de humor e jogo. Preocupa-se com o cinza da contemporaneidade, que reage às informações e às opiniões, bem como investe sua atenção nas cores mais fortes de nossa arte, de nossa cultura, de nossa potência lúdica. Enfim, da ludicidade que há naquilo que criamos, tecemos, arranjamos, pintamos, moldamos, modelamos, cantamos, extraímos a ética que não é moralista, cientificista, tecnicista, burocrática, homogeneizadora. Uma ética que não salva e não normaliza. Ética de brincar, uma vez que de tão comum pode e é vivida, é viva. Na educação, pela pedagogia, na saúde, pela pedagogia, a generalização nos encontros pode envolver ao máximo as experimentações, de aprofundamento, de conexão entre áreas da ciência, assim como da potência afirmativa dos corpos a aprender, a cuidar, a deixar de sofrer, a ampliar-se, a expandir-se fortemente. A pesquisa mostra a intuição, os fios tênues e aquilo que se faz em ensino, pesquisa e extensão, ou que se pode em ensino, pesquisa e extensão na Universidade. Quando se propõe brincar, é para brincar ao seu modo, é um convite aberto que o leitor encontra, com instruções, listas, passos, entoados, demonstrações, amostrações, para a ludicidade lhe encantar, ao longo do artefato-tese. A ética é estabelecida no momento em que coletivos investem cuidado ativo, como cuidado ético

ao outro, num ato político alteritário, num ato pedagógico ético, estético, político. Foi percorrido o curso de doutorado, em justaposição a docência e entrecomposição com as preferências pedagógicas que operam educação especial, educação em saúde, deficiência mental, saúde mental, artes integradas e saúde coletiva – na edição desses dias é que esta pesquisa aconteceu. A coleção é tida aqui, num relicário de Pathos (aquelas paixões que nos colocam em ação, em afeição, em expansão). Coleciono paixões de um encontro alegre com o fazer na Universidade, coloco no relicário que aqui se amostra. A Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, o EducaSaúde (Núcleo de Educação, Avaliação e Produção Pedagógica em Saúde), o Parafernália (Programa de Extensão Universitária), o Tinta Fresca (Grupo de Estudos em Filosofia Nômade), o Pibid (Programa de Iniciação à Docência), os cursos de Licenciatura, a Pedagogia, a Licenciatura do Campo, são trânsito, são espaços de deambulação, coleção, registro e escritura. Conto com a educação pulsando, com a loucura, com o sofrimento, com corpos da diferença, com pessoas com deficiência, com a saúde, com as artes integradas, com oficinas, com aulas, com projetos, com encontros, com a greve, com orientações – conto com um corpo inquieto e que é lento, paradoxalmente, ao dissertar e pesquisar. Trata-se de um compêndio, um glossário, um diário, em um Relicário.

Abreviação I

Esta tese de doutorado enseja uma ética d^o brincar.

Traz argumentos, demonstrações e procedimentos para configurar seu projeto. Perspectiva, prescritiva e prospectiva, extravagantemente.

Com excertos da filosofia nômade. Com visualidades das artes integradas.

(CRIA COM A FILOSOFIA NÔMADE E CRIA COM AS ARTES INTEGRADAS. FAZ FILOSOFIA NÔMADE E FAZ ARTES INTEGRADAS).

Texto para produzir: **entrecomposições** na educação e na saúde.

Texto produto de Pathos. Texto que é causa da Tese. Texto em grau máximo do léxico.

Abreviação II

A ordem das invenções não altera uma ética do brincar.

Há:

Criação;

Desconstrução;

Afetos ativos;

Escritapoesia;

Riso;

Engenhocas;

Deficiência;

Loucura;

Saúde;

Educação (docência).

Abreviação III

Coleciona potências vitais (relicário de edições e palavras)

Abreviação IV

É **Pathos**paixão

Inscribe-se na paixão alegre, que conduz a criação e pode produzir uma ética experimental.

Abreviação V

Uma Ética posta a Brincar

“Foi Capaz De Modificar A Tarde Botando Chuva Nela”

(Manoel De Barros)

Abreviação VI

Cabe na escritapoesia (que abanca e espera, pois que dispõe de tempo).

Toca

é paixão e
é espaço de habitação e
é arquitetura e
é engenharia e
é arteira e
é geringonça e

é coleção e
é acúmulo e
é cúmulo e
é descabimento e
é experimentação e
é deambulação e
é engenhoquice e
é criação e
é desconstrução e
é composição e

é sapequice e

Age

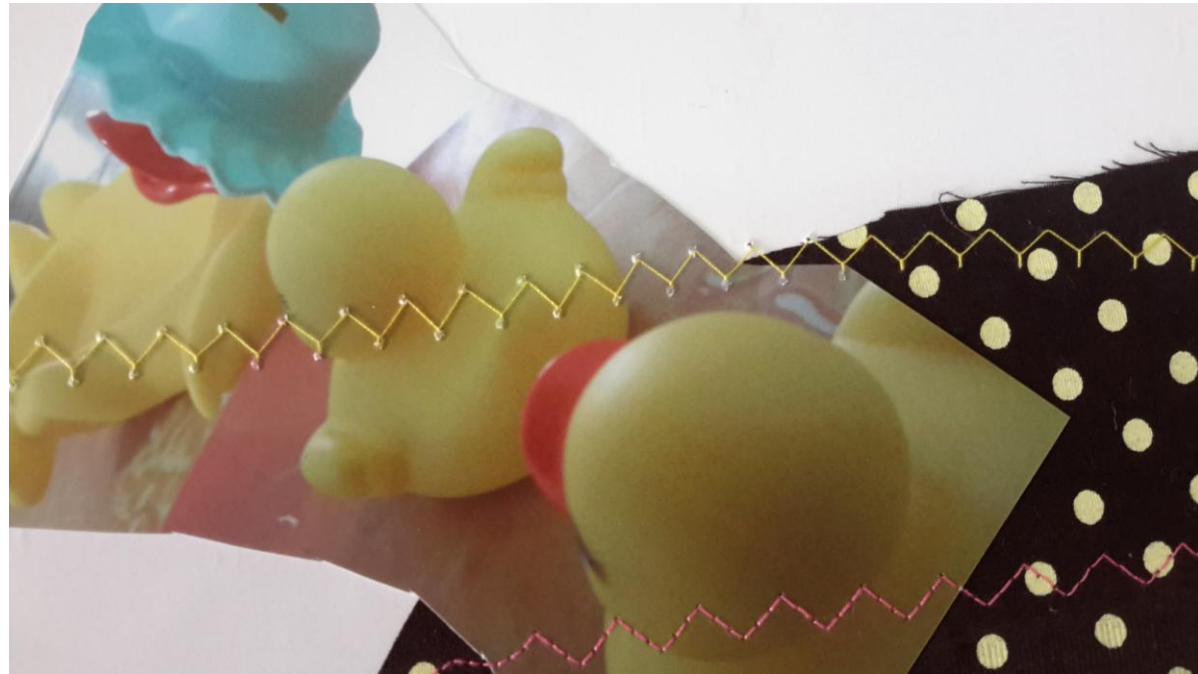
como máquina política e experimental

com produção de efeitos
com produção de sentidos
com produção de afetos
e intuição

Estoura

sempre de modo experimental;
por isso delicada

por isso terna
por isso sensível
por ser intensiva
por ser poesia



Abreviação VII

O lúdico é uma política

A didática é uma política

O riso é uma política

A ludicidade do humor é uma política

Arquitetar engenhocas é uma política

Brincar é uma política

Escritapoesia é uma política

Como também:

Ética e Estética.

“a música é uma política” (Gilles Deleuze)

“o estilo como política” (Gilles Deleuze)

Abreviação VIII

Cabe aquele excerto, sabe?

(de filme, de livro, de aula, de documentário, de fotografia, de ecolalia, de recomendação popular, de filho, de vida)

que agarrou pelo braço e não largou. Acossa. Cabem os dois pulmões de um encontro. Cabe a transversalidade viva.

Cabe: formas de expressão do pensamento – misturadas – de qualquer um, .

Com entoados do bruto e do impuro. Esculpe e descasca: é leal.

Tergiversa: filosofia arte literatura e cria métodos pra educação e pra saúde.

Abrevação XI

Conclui-se com Nietzsche:

“os poetas não são mais educadores”

Abreviação X

É

Política

Do

Amor Alteritário

É

Política

Do

Mundo Adequado à Vida

~~-vive-intui-age-comunica-franco-lúdico-comum-~~

“Vocês permitiram aos pobres tornarem-se culpados” (Goethe)



Entoado a – **pathos**

Entoado b – **efeitos poiéticos**

Entoado c – **criação**

Entoado d – **riso**

Entoado e – **espaço de habitação**

Entoado f – **escrita**

Entoado g – **curandeira**

Entoado h – **arteira**

Entoado i – **geringonça**

Entoado j – **relicário**

Entoado k – **acúmulo**

Entoado l – **lúdica**

Entoado m – **descabimento**

Entoado n – **experimentação**

Entoado o – **deambulação**

Entoado p – **desconstrução**

Entoado q – **composição**

Entoado r – **som**

Entoado s – **presença**

Entoado t – **jardim**

Entoado u – **cuidado**

Entoado v – **condução**

Entoado x – **intuição**

Entoado w – **máquina política**

Entoado y – **máquina experimental**

Entoado z – **ética experimental**

Entoado a

Pathos

Argumentos

“Paixão significa uma qualidade em função da qual se torna possível a alteração, por exemplo, entre a brancura e a negrura, a doçura e o amargor, o peso e a leveza etc. As atualizações dessa qualidade, ou seja, as alterações já convertidas em ato. Particularmente, alterações e movimentos penosos e, mais particularmente, ferimentos que produzem sofrimento. Experiências vantajosas e penosas extremas são chamadas de paixões”.

(Aristóteles – p. 159 – Metafísica)

“Definição geral dos afetos: o afeto, que se diz pathema (paixão) do ânimo, é uma ideia confusa, pela qual a mente afirma a força de existir, maior ou menor do que antes, de seu corpo ou de uma parte dele, ideia pela qual, se presente, a própria mente é determinada a pensar uma coisa em vez de outra”.

(Spinoza – p. 152 – Ética)

“Espinoza vive sua existência de acordo com os princípios da ascese hedonista do filósofo do Jardim, uma vida propriamente epicurista, portanto: vida saudável, sóbria, privada de paixões negativas, voltada para a coincidência entre seus princípios e seu cotidiano; vida de composição com desejos a esculpir; vida de organização dos prazeres

segundo uma aritmética destinada a gerar mais Alegria ao menor custo existencial; vida livre das bugigangas do haver mundano, inteiramente voltada para as virtudes verdadeiras: a razão, a contemplação, a sabedoria, a alegria, a beatitude”.

(Onfray – p. 236 – Libertinos barrocos)

“O Pathos da nobreza e da distância, como já disse, o duradouro, dominante sentimento global de uma elevada estirpe senhorial, em sua relação com uma estirpe baixa, com um ‘sob’ – eis a origem da oposição ‘bom’ e ‘ruim’. (O direito de dar nomes vai tão longe, que nos permitiríamos conceber a própria origem da linguagem como expressão de poder dos senhores: eles dizem ‘isto é isto’, marcam cada coisa e acontecimento com um som, como que apropriando-se assim das coisas). Devido a essa providência, já em princípio a palavra ‘bom’ não é ligada necessariamente a ações ‘não egoístas’, como quer a superstição daqueles genealogistas da moral. É somente com um declínio dos juízos de valor aristocráticos que essa oposição ‘egoística’ e ‘não egoísta’ se impõe mais e mais à consciência humana – é, para utilizar minha linguagem, o ‘instinto de rebanho’, que com ela toma finalmente a palavra (e as palavras). E mesmo então demora muito, até que esse instinto se torne senhor de maneira tal que a valoração moral fique presa e imobilizada nessa oposição (como ocorre, por exemplo, na Europa de hoje: nela, o preconceito que vê equivalência entre ‘moral’, ‘não egoísta’ e ‘désinteréssé’ já predomina com a violência de uma ‘ideia fixa’ ou doença do cérebro)”.

(Nietzsche – p. 17 – Genealogia da Moral)

“As paixões: a inclinação é sempre boa em seu princípio, na medida em que é necessária ou útil. Já chegaram a afirmar, não sem alguma lógica, que a inclinação tende a fazer perseverar ou a aperfeiçoar o ser vivo, o ser humano. Não seria difícil verificar essa proposição, essa tese tanto sobre as inclinações pessoais como sobre as inclinações simpáticas, e mais ainda sobre as aparições superiores de nossa natureza. A inclinação, portanto, é algo natural,

moral. A paixão sempre tem menos ou mais o aspecto de uma doença. É um estado violento de nossa sensibilidade, é uma inclinação pervertida e degenerada”.

(Bergson – p. 68 – Aulas de psicologia e de metafísica)

“Ideia retomada por Spinoza. Toda paixão é uma exageração, e nesse sentido a razão fria sempre a condena; mas há exageros louváveis que envolvem sacrifícios e que, embora contenham sempre uma parcela de egoísmo, entretanto são desinteressados. Não se poderia criticar uma mãe por amar apaixonadamente seus filhos, embora nesse amor excessivo haja algo que se parece muito com o egoísmo, o desejo de desfrutar prazeres violentos, e entretanto é honroso desfrutar tais prazeres, encontrar alegria no desprendimento, na abnegação.

O amor apaixonado à pátria, à ciência, ao belo também são desculpáveis, louváveis mesmo. Mas essas paixões não são as mais frequentes, e julga-se a paixão em geral a partir dos exemplos mais comuns. Percebem-se então seus terríveis estragos e daí os juízos severos que são formulados sobre ela”.

(Bergson – p. 79 – Aulas de psicologia e de metafísica)

Demonstrações

Com a licença dos apaixonados. Trata-se do gesto que - fato feito - dimensiona um meio material e relativamente livre da vida e das coisas. Dimensiona o prático dos dias. Dimensiona o absolutamente franco. Gesto como um fazer. E por se fazer e por ter intensidade e pelos espasmos – é ética. Está em nós conosco no corpo. É saber do corpo. É lugar. É colônia. É quilombo. É aldeia. Caboclo. É vila. É montagem. Sua potência não é essência. É gesto necessário, mas nem todo nem todos. Fluxos de vida. Afetos ativos. É xamã. Educação. Saúde. Um presente: sorvete! Brincadeira. Jogo. Namoro. Tática. Falha. Atrapalhação. Amor é sinônimo de amor. Todas as músicas de amor são sinônimas do amor. Conforme os volumes, ou aumentam-nos, ou diminuem-nos. Cheirinho de temperos. Amoras pisar. Goiabas ventar. Tintas coloridas. Grãos. Pingos de chuva. Plástica bolha. Plásticos-bolhas. Estética das bolhas. Bolhas de chiclete. Bolhas de sabão. Bolhas de babão. Trenó de bananeira. Pedrinhas coloridas no chão. Caixa de papelão. Prosa no barranco do rio. Copa de árvore. Céu de chuva. Céu de sol ofuscante. Céu pisca-pisca. Céu de lua. Céu com estrelas. Poesia. Almofada velha. Argila. Giz de cera. Giz colorido da professora. Quiproquó. Caixinha de surpresas. Caixinha de música da bailarina da dinda. Horta. Tomates. Jardim. Pétalas. Um cheiro em cada pétala. Isso faz ética. Se fosse sol engravidaria. Compêndio de delicadezas. Compêndio sensorial. Compêndio de setas. Grandes argumentos. Pequenas demonstrações. Devir infâncias. Exercício de comprovação. Exercício de experimentação. Exercício de sensações. Exercício de fabulação. É monstro. Escapa. Escapole. Ameaça. Amedronta. Amansa. Ampliadamente crime. Nem rouba-se nas obras de arte. Nem caracteriza arte popular. Nem repete-se de outros. Tampouco faz-se igual. Vive-se hoje em dia. Vive-se como tal. Vive-se com as coisas dos dias e da vida diária. Faz parte do cruzamento. Está na quitanda do Zé. Veio vizinhar sua esquina. É reparo. Está na ordem do olho. Está na ordem dos dias. Traz harmonia. Faz chorar cantinhos. Alegria canto de bochechas. Embora não repetido massivamente, ou nem sempre riso. Antitédio. Comensurado por encontros. O humor de dois flutua. Como se fosse sempre desejável a alegria. De tão conhecido vira mito. De tão querido quer ser continuado. De tão da casa, senta, espia na janela, traz feijão quentinho. É fulano de tal ou conhecido por: inho, tiaozinho. Intensidade imanente e material. Realidade relacional. Composição relacional. Inclusão relacional. Está relacionada desde a autonomia à divergência dos encontros. Aglomerado. Vila da cidadezinha. Vilarejo rural. Rincão. Travessão da amazônia. Tribo. Aldeia indígena. Trilho. Arroio. Bairro. Morro. Favela. Travessa. Cantão. Aterro. Lona. Assentamento. Escola. Ter aonde ir. E indo lá, alguém encontrar. Toma a perspectiva da vida. Um sim à vida incontestável e com retorno. Intensidade do tempo. Destino demasiado. Ninguém excepcional. Nada excepcional. Vulnerável e frágil como tantos e tontos. Vidapathos. Praticar o bem. Linha do

sonho. Caminhar para lá. Ir vir vai além. O que fazer diante do que anda aí? Ocaso. Humor. Tonalidade da alma. “Nenhuma dor pode nem poderá me induzir a um falso testemunho contra a vida tal como a reconheço”, escreveu Nietzsche em carta à irmã mais velha, em 14 de janeiro de 1880. Crie a obra de sua vida: um espetáculo ao modo Zarathustra após morder a serpente do niilismo. O riso e a dança e o devir criança podem comemorar juntos. Colecionador de boas horas ao vento. Empreende novas linhas de vida. Mais caminhada do que exercício sem sentido. Mais bar do que academia. Mais sinuca do que faxina. Vida descabelada. Vida avessa, pronta para uso. Vida exigindo nova moda, nova arquitetura, novo estilo, novo método – conservando o popular. Mais listas com ideias acionadoras. Mais listas de vida por programar. Mais listas que produzam a articulação simétrica e complementar entre desejo e imanência do desejo. Mais listas que entremponham os dias, as impressões dos dias e as possibilidades de compensação das intempéries. Mais listas de poesia e poetas e versos e entoados. Menos listas de compras. Menos listas de supermercado. Menos listas de exercícios da matéria que menos tenho empatia. Menos listas de tarefas burocráticas desnecessárias. Menos listas de presentes para chefes, patrões, padrões, pleitos, poses. Menos listas de materiais escolares incabíveis. Menos listas de materiais escolares caros. Listas de palavras mais mencionadas para logo eliminar. Listas de queixas recorrentes para olhar duas vezes e da memória retirá-las. Listas de vida vívida para cruzar, fazer associações, problemas reformular. Vida intensiva e extensiva a listar. Vida amor fati. Política imanente em contrapartida de política neurótica de política equívoca política embusteira. Política ética em contrapartida de política ambiguidade. Política ativa e potencial. Política de amor alteritário. $+d1 = 1, 0000000000001$ (muito pequenina a expansão, o suficiente para ser mais de 1). Os argumentos são catações de apaixonados. Expressos pelo vívido em Spinoza. Recolocados, com a necessidade de fatos, por Nietzsche. Afirmado pelo elo a Bergson. Os argumentos são de apaixonados, não de românticos. Percebe-se - a infelicidade dos tempos - a paixão por meio de exemplos deploráveis, degradáveis. Pouco detemo-nos na paixão que compõe alegre a vida, expandindo-a. Pedagogia pode (tanto) pathos.

·
Paixão mostrada num estilo sinóptico, que seja substancial.

*

Quer tomar alguma coisa?

Uma dose de paixão baixinha

Quer tomar alguma coisa?

Umas alegrias

Três gotinhas de saúde

Um balde de preguiça

Quer tomar alguma coisa?

Duas doses de ti

Uma bruxa

Mamar na gata

*

Quer tomar alguma coisa?

Água pode tomar?

Quer tomar alguma coisa?
Ainda não tive sede de vida

*

Quer tomar alguma coisa?
Uma aula
Amor fati

*

Quer tomar alguma coisa?
Quando?

*

Quer tomar alguma coisa?
- Eu respondi que remédio só aceito se for para tomar coragem e fugir.

*

Quer tomar alguma coisa?

*

Quer tomar alguma coisa?

Uma

canha

gelada,

Tio

Rosa.

Pathos exerce força sobre aquele que com entusiasmo vive. Pathos exerce força sobre aquele que se confronta. Aquele sob o efeito de pathos é pressionado a se recolocar na experiência da vida. Aquele sob efeito de pathos é pressionado a se recolocar na experiência da aprendizagem. Aquele que sob efeito de pathos é pressionado a se recolocar na experiência da aprendizagem das coisas que são comuns a +d1. Há uma pressão da atmosfera que nos circunda. Sob pressão, exige-se, verificar o que lhe acontece, haja positivamente em si, nas suas próprias coisas, nos seus percalços, saúde, paixão. Com Pathos age-se em viradas. Há uma virada de comportamentos, de compreensões, de sentidos, de nexos, de valores, quando se apreende a pressão. Apreender as viravoltas e produzir pathos em mim. O Pathos exerce influência na literatura barroca, romântica, simbolista, impressionista e nas narrativas contemporâneas. Calha, originalmente, no modo dramático, como narração, na prosa de ficção e no modo lírico. Consta, nessas artes, a persuasão, a comoção, a emoção, a empatia. Essas emoções eram exercidas sobre os ouvintes das performances, das exposições, das encenações, das narrativas - uma vez que agiam com pathos. As paixões são causas para as mudanças, que variam conforme experimentamos um sentimento aguçado, como a alegria ou o ódio. Percebe-se a oposição entre logos e pathos. Tal herança que opõe razão e paixão localiza-se aqui e assusta filósofos e metafísicos e religiosos e pedagogos. (Por favor, assustem-se!). Paixão vem do grego pathos. Pathos deu origem ao termo patologia. E a patologia como ciência estuda a origem, a causa das doenças, de modo a fixar-lhes significações e processos de intervenção e tratamento. Em Nietzsche não há pathos a tratar que não seja pela experimentação máxima. **Há pathos ao desejar ` ao ir ao mundo ` ao amar a vida.** Em Nietzsche a noção de pathos apresenta-se como contraconceito da razão. Excesso perdulário de vida. Combinação de encontros com certa forma de vida. Travessia existencial. Uma existência é propriamente pathos. Nas experiências presentes, receio, estamos sempre ausentes. Nelas não temos nosso coração presente, tampouco o corpo todo. Cadê o corpo experiência? O saber do corpo, dos que aqui vivem, viveram, vem vivendo. Para essas experiências não temos ouvidos. Nas experiências de contemporâneo, intuo, estamos vagando iludidos. Dispersos e imersos num em si excessivo pela ilusão ` pela veneração ` pela reverência ` pela referência. Sugere-se não buscar a verdade, a coerência com o lido, o amigo venerado, o chefe bajulado. Sugere-se buscar a si mesmo. Buscar o melhor em si. Buscar o que faz suportar perspectivas. Multiplicar suas perspectivas, seus olhos, seus ouvidos, suas sensações e impressões. Ampliar o mais completo/convexo de pathos em nós. A paixão assusta desde sempre, sendo inclusive pensada como doença. Nietzsche analisa o ressentimento, ao que nos toca, caracterizando-o como um afeto enfraquecedor, como um afeto deprimente, como uma doença. A falta de pathos é enfraquecedora, decadente, doentia. Paixão aqui não é uma passividade não é um ardor, que nos arrasta, não é o que nos sujeita, não é um aprisionamento. Ela justamente que comanda a criação, a arte, o pensamento, a ciência. Nietzsche cria o conceito de pathos da distância para assinalar um outro afeto. Como pathos

fortalecedor, ascendente, que faz agir, que seria próprio a todo tipo instintivo, a todo tipo intuitivo, a todo tipo dançarino, a todo tipo nobre. Pathos da distância: uma paixão que impulsiona algo a tomar distância em relação a um outro e tem grande importância para que apareça um tipo de homem mais elevado. Por isso Nietzsche observa que tal afeto produz elevação e crescimento da cultura. Cadê, hoje, a coragem de privilégios, de direitos soberanos, do sentimento de respeito consigo e com seus pares, diria Nietzsche?. A política da vida está “doente dessa falta de coragem” (Anticristo - p.43). Tipos fortes de homem: “casos raros de pujança da alma e do corpo”, os acasos felizes do homem (Nietzsche – A genealogia da moral). Os bem logrados poderiam ser protegidos do ar ruim, do ar doentes, indica Nietzsche ao listar diferentes modos filológicos. Os doentes são os maiores perigos para os sãos; não é dos mais fortes que vem o infortúnio dos fortes, e sim dos mais fracos. Se livrar do ar de hospício do ar de hospital do ar de prisão. Ali reside a decadência. Colocar nesses lugares somente portas-janelas-pontes, pontes, para entrar e sair livremente e muitas vezes. É possível preservar os fortes separando-os dos mais fracos: “os que mais perigosamente envenenam e questionam nossa confiança na vida, no homem, em nós”. Os fracos se desprezam, se iludem, ofuscam vistas, se distraem de si. São incapazes de amar a si mesmos, direcionam seu olhar para um outro, se comparam aos mais fortes, iludindo-se, assim, com uma superioridade. “Os felizes são curiosos”, igualmente “para corações fracos não há infelicidade” (Sabedoria Para Depois de Amanhã – p.195). O amor fati poderia ser sua moral. Aceita o porvir e o que o ama, indica Nietzsche. Aceita e ama também o real em sua totalidade. “Amor fati: seja este, doravante, o meu amor! Que a minha única negação seja desviar o olhar! Quero ser, algum dia, apenas alguém que diz sim!” (A Gaia Ciência – p.276). Existe aí uma possibilidade, uma mudança de perspectiva, uma transformação dos valores, um florescimento. O amor pelo destino deve ser maior que todo ressentimento e deve sempre vencê-lo. **O amor pelo destino não é uma maneira de suportar a vida, mas de amá-la verdadeiramente.** A vida não é para ser suportada, sobrevivência. Amor fati não tem nada de subserviência. O amor fati pressupõe o indivíduo forte, que ama e respeita a si mesmo. Amar o outro, ainda que este seja desprezível, porque ama a si mesmo. Talvez o próprio Nietzsche não pudesse viver esse amor intensamente, talvez ele mesmo não fosse capaz da indiferença amorosa. Nietzsche é spinoziano? Abusemos do anticristo! Spinoza é epicurista. Vejamos o que pode a beatitude sem moral. Em Spinoza as paixões são descritas como alegres ou como tristes. O ser apaixonado triste é abandonado em contrapartida de um ser ativo. Na Ética, Spinoza, faz ressalvas à passividade e a um possível aniquilamento pelas paixões. As paixões nos descentram, fazem romper os limites, sendo necessária certa prudência. “Nessa circunstância, o afeto que provém da razão é mais potente” (Ética – p.220). “O melhor que podemos fazer, enquanto não temos um conhecimento perfeito de nossos afetos, é conceber um princípio correto de viver, ou seja, regras seguras de vida, confiá-las à memória. Estabelecemos, entre as regras de vida, que o ódio deve ser combatido com o amor ou com a generosidade, em vez de ser retribuído com um ódio recíproco (Ética – p.221)”. Nessa ética encontramos a indicação necessária de regulação dos afetos e dos apetites, por via da observação cuidadosa das coisas, de modo a levar em consideração aquilo que cada coisa tem de bom, para sermos, desse modo, determinados pelo afeto da alegria.

Agir segundo o afeto da alegria, afetar e ser afetado segundo a paixão alegre. São aquelas paixões que nos fortalecem, nos potencializam, nos põem em harmonia com a força de existir. São aquelas paixões que nos colocam em ação, em afeição, em expansão. O que aumenta nossa força de existir, o que Spinoza chama de conatus, e que pode aumentar ou diminuir ao longo da existência de encontros alegres e tristes. Daí decorre a composição dos corpos. Decomponho-me quando em encontros tristes. Na experienciação das paixões alegres minha natureza se compõe com outras. Em tal encontro componho-me outro, ampliado, ativo, dilatado, perfeito. Há de haver a concórdia dos entendimentos, empreendido pela pedagogia, pela medicina, por meio da filosofia, das artes e da literatura. Há de haver uma vida saudável ao propósito e alcance de muitos, empreendido pela pedagogia e pela medicina. O próprio Spinoza (Onfray – Libertinos Barrocos) viveu uma vida filosófica capaz de permitir o gozo de uma alegria incessante. Sua recusa é das honrarias, das riquezas, dos bens materiais, dos excessos sensuais, atitude sóbria com a vida, rotina privada de paixões negativas, vida de composição, com desejos a esculpir ao menor custo existencial. Viveu frugalmente, franzino, moderadamente desenhista, fumante de cachimbo, jogador de xadrez. Preferia compreender os afetos, olhar, desmontar, apreender mecanismos imanentes do real -- e não combatê-los. A ética geometricamente demonstrada: perseverar em seu ser e visar o conhecimento da natureza que o compõe. A ética spinozana celebra a composição, o movimento, a força, a dinâmica, a extensão. Põe em encadeamento geométrico a perseverança do dionisíaco e do poético. Faça de sua ética, pathos, uma arquitetura monumental barroca (ou outro estilo) -- que sirva a ti mesmo! Componha-se, o corpo pode muitas coisas. Num mundo imanente, o preço da virtude é a virtude, e da desrazão é a desrazão. Spinoza cria uma ética onde não há dualismo, dicotomia, mas, sim, oxímoros: ética sem moral, virtude na virtude e sem dever, religião sem dogmas, desejo sem carne. Como num dia de semana alegre, numa hora sua, expanda sua força num exercício de por a vida a brincar. Abundância de vitalidade na sua ética d° brincar! “A vida não pode imaginar nada, nem se recordar das coisas passadas, senão enquanto dura o corpo” (Ética – p.227).

Entoado b

Efeitos poiéticos

Argumentos

“Eu (Genet): é preciso coração forte para ter uma das suas estátuas em casa. Ele (Giacometti): por quê? Hesito em responder. Minha frase o fará zombar de mim. Eu: uma de suas estátuas num quarto, e o quarto vira um templo. Ele: parece um pouco desconcertado. Ele: e acha isso bom?

Eu: não sei, e você, acha bom? Principalmente os ombros e o peito de duas delas têm a fragilidade de um esqueleto que, quando tocado, logo se desmancha. A curva do ombro – a ligação com o braço – é delicada... (desculpe-me, mas...) é delicada de força. Toco o ombro e fecho os olhos: não posso descrever a felicidade dos meus dedos. Antes de tudo, tocam o bronze pela primeira vez. Em seguida algo forte os guia e os tranquiliza”.

(Gian Genet – p. 16 – O Ateliê de Giacometti)

“(Prazer/Fruição: terminologicamente isso ainda vacila, tropeço, confundo-me. De toda maneira, haverá sempre uma margem de indecisão; a distinção não será origem de classificação segura, o paradigma rangerá, o sentido será precário, revogável, reversível, o discurso incompleto). O texto que o senhor escreve tem de me dar prova de que ele me deseja. Essa prova existe: é a escritura. A escritura é isto: a ciência das fruições da linguagem, seu ka ma-sutra (desta ciência, só há um tratado: a própria escritura)”.

(Barthes – p. 09 – 11 – O prazer do texto)

“Nietzsche é aquele que não tenta fazer recodificação. Ele diz: isto ainda não foi longe o bastante, vocês são apenas crianças (‘A igualização do homem europeu é hoje o grande processo irreversível e deveríamos ainda acelerá-lo’). No nível daquilo que escreve e do que pensa, Nietzsche persegue uma tentativa de descodificação, não no sentido de uma descodificação relativa que consistiria em decifrar os códigos antigos, presentes ou futuros, mas de uma descodificação absoluta – fazer passar algo que não seja fácil, mesmo no nível da mais simples escrita e da linguagem.

Só vejo semelhança com Kafka, com aquilo que Kafka faz com o alemão, em função da situação linguística dos judeus de Praga: ele monta, em alemão, uma máquina de guerra contra o alemão; à força de indeterminação e de sobriedade, ele faz passar sob o código do alemão algo que nunca tinha sido ouvido. Quanto à Nietzsche, ele vive ou se considera polonês em relação ao alemão. Apodera-se do alemão para montar uma máquina de guerra que vai passar algo que não é codificável em alemão. É isso o estilo como política.”

(Deleuze – p. 321 – A ilha deserta)

“O dom do bom escritor é o de, pelo seu estilo, dar ao pensamento o espetáculo oferecido por um corpo treinado com inteligência e eficácia. Nunca diz mais do que aquilo que pensou. Assim, a sua escrita aproveita não ele próprio, mas tão somente aquilo que quer dizer.”

(Benjamin – p. 123 – Imagens de pensamento)

“O nome Método era muito forte, de fato, Método faz pensar em alguma ordem muito bem definida de operação e eu tinha em mente apenas um hábito singular de transformar todas as questões do meu espírito.”

(Valery – p. 107 – Introdução ao método de Leonardo da Vinci)

Demonstrações



“Pequenos discursos. E um grande” (Hilst – p. 13 – Rútilos). Estilo como método. Estilo Flâneur. Estilo “coleccionador de pequeninos nadas” (Ceccim – Memorial de Concurso para Professor Titular Universidade Federal do Rio Grande do Sul). A tese: espaço-mínimo. Barthes diz que a obra é “aquele ato mínimo de escrita”, “a anotação”. Uma “forma exemplar de anotação” para o autor é o Haicai (Barthes - A preparação do romance, II - p.04). A tese: colecciona potências vitais (relicário de edições e palavras). Coisa para fruir. Não é alucinação visual. Traz marcas dos acontecimentos em mim. Colecciona o que aconteceu no processo de vida (pathos complexo singular). Afirma uma escrita viva. Afirma uma escrita que é método. Método que agencia e afirma a tese: ética d3/dº brincar. Afirma uma escrita do frágil, do precário, do sensível, do telhado caindo. Percorreram-se alguns dos textos lidos ao longo do doutoramento e outros muito antes dele. São excertos postos à amostra para conversação nos encontros na Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, ou em outros espaços percorridos ao longo da coleção de dias e fatos. O que importa nesta escrita é a causa. Na escrita desta ética d3/dº brincar foram colocados em destaque “protocolos de experiência”. Deleuze e Guattari (Kafka: por uma literatura menor - 2014) acreditam em uma política Kafka, que não é nem imaginária nem simbólica, mas máquina. Acreditam em apenas um modo de experimentação de Kafka, sem interpretação e sem significância, apenas protocolos de experiência, elaborados a cada encontro com a escritura, programado pela via da intensidade. Trato, com uma língua sem vergonha e sem verdades, do contemporâneo da educação e da saúde -- entrecompostas. Uma “língua menor”, ao acaso e ao encontro, posta a brincar. 1ª característica da língua menor: desterritorialização. 2ª característica: tudo nela é político. 3ª característica: tudo toma valor coletivo (Deleuze e Guattari – Kafka: por uma literatura menor). Sendo necessária a tradução: pesquiso o que não se quer ver, a idiotia, o idio (do grego: próprio, particular, peculiar) e mim em nós. Procura-se, como forma, uma variação na escrita acadêmica, tal que seja fortemente absurda e (se possível e por acidente) poética. Transversalmente, faz-se um recorte nalgumas ações de ensino, pesquisa e extensão desenvolvidas na área de educação especial, do Departamento de estudos especializados, da Faculdade de Educação, como junto ao EducaSaúde, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, bordando sentidos com os planos filosófico, científico e artístico. Trata de uma mudança na prática em educação especial? Trata de uma mudança na prática diagnóstica? Trata de uma mudança na prática da medicalização? Não, pois que interessa a potência que há na “ética de si”. Foucault (Hermenêutica do sujeito – p.267) propõe dois exercícios de Epicteto: 1º exercício-caminhada e 2º exercício-memória. O primeiro exercício requer “que saíamos de tempos em tempos, que caminhemos, que olhemos o que se passa ao nosso redor (as coisas, as pessoas, os acontecimentos etc.) e que nos exercitemos em relação a todas essas diferentes representações que o mundo nos oferece”. O segundo indica que lembremos de um acontecimento para na sequência perguntar sobre o simétrico da vida: “delibera se queres entrar ou sair, ou seja, se queres ou não viver”, contigo mesmo e pensando bem o que queres. Não se põe em destaque o eu, o comigo, o dele, o ele, o ela, nem. Sobretudo, coloca-se relevo no entorno, na transversalidade dos fatos, na associação de ideias, na pesquisa

em perspectiva, na docência com seus modos de fazer encontros. Desde aí se pensar a deficiência e a loucura, desde a educação e a saúde sendo política para todos (da polis menor?). Quer-se afirmar uma ética por uma didática. Trata-se de uma didática como ética, como estética e como política da docência. É outra forma de olhar os corpos da diferença, os corpos que pululam, corpos que se artístam, corpos que se compõem? Também. Pois que a docência da diferença pura se faz com a didática. A docência da diferença pura se produz em meio à produção, se faz fazendo. **Uma docência se afirma por meio de uma didática.** Subdividiu-se a tese de modo que pudesse ser didática e política. De modo que pudesse ser lida em blocos independentes cada parte aqui inscrita. Atrevimento, para conseguir ler com outros sentidos. Inscreve-se aquele que quer ser lido. Inclusive as imagens inscrevem-se. Inscrever-se para ser ou não vista; para ser ou não aceita; para ser ou não compreendida; para ser ou não interioridade. Inscreve-se sem pretensão de verdade com o que ali é mostrado. Escrita que percorre imagens. A tese é artefato visual? É um artefato-tese? Imagens são verdades no/do contemporâneo? Imagem é revelação? Imagem é transparência? Imagem é instante? Imagens trazem consigo os cenários, os engendramentos, as maquinarias, as relações de tempos e espaços outros? Imagens somente aparecem com a palavra? Embora a imagem possa não aparentar nada e, ao mesmo tempo, ser completa em sua informação, mesmo assim, neste caso de estudo, optou-se pela companhia entre imagem e palavra. A imagem não é a verdade, tampouco: mostra, demonstra, apresenta, retrata, ilustra, flagra -- verdades. Tampouco a palavra escrita é verdade, ela não pode representar apenas o dito, o enunciado, o grifado. A opção aqui é produzir autoria que traga imagem e palavra, pelo esgotamento, pelas associações de ideias, pela criação de perguntas, pelas poesias “perguntativas”, pela possibilidade da empiria e da criação. Sugere-se, neste ensaio, uma verdade que meça sua potência pela simetria da palavra com a imagem, pela simetria da imagem com a palavra, pela obsessão da companhia: imagem-palavra. Que pelo esgotamento se viva a simetria e, que, paradoxalmente, isto nos livre da caquexia. Querer uma estética outra. Cheirar e olhar a imagem, pelo toque, talvez. Cheirar e olhar a palavra, pelo estilo mais do que pelo sentido. Seguir labirintos para rasgar efeitos para a pesquisa em educação, sugere-se. Aprender a ver a imagem em companhia da palavra. Aprender a ver e guardar a foto da retina. Aprender a ver. “Aprender a ver, tal como eu entendo isso, já é quase aquilo que o modo afilosófico de falar denomina vontade forte: o essencial nisto é, precisamente, o poder não ‘querer’, o poder contrariar a decisão” (Nietzsche – p. 71 – Crepúsculo dos ídolos, ou, como se filosofa com o martelo). “Você não está seguro do que diz? Vai novamente mudar, deslocar-se em relação às questões que lhe são colocadas, dizer que as objeções não apontam realmente para o lugar em que você se pronuncia? Você se prepara para dizer, ainda uma vez, que você nunca foi aquilo que em você se critica? Você já arranja a saída que lhe permitirá, em seu próximo livro, ressurgir em outro lugar e zombar como o faz agora: não, não, eu não estou onde você me espreita, mas aqui de onde o observo rindo. Como? Você pensa que eu teria tanta dificuldade e tanto prazer em escrever, que eu me teria obstinado nisso, cabeça baixa, se não preparasse com as mãos um pouco febris – o labirinto onde me aventurar, deslocar meu propósito, abrir-lhe subterrâneos, enterrá-los longe dele mesmo, encontrar-lhe desvios que resumem e deformam seu percurso, onde me perder e

aparecer, finalmente, diante de olhos que eu não terei mais que encontrar? Vários, como eu, sem dúvida, escrevem para não ter mais um rosto. Não me pergunte quem sou e não me diga para permanecer o mesmo: é uma moral de estado civil; ela rege nossos papéis. Que ela nos deixe livres quando se trata de escrever” (Foucault – p.20 – A Arqueologia do Saber). Conjunto de trechos. Com tudo dentro. Companhia da educação especial. Da educação em saúde. Da saúde mental coletiva. Das artes integradas. Inventário. Lembranças. De uma vida inteira. De seus efeitos poéticos e disjuntivos. Vícios de escritura. Zunzunzum fabulatório. A causa desta tese: dar a ver o estilo. “A pintura não dá a ver da sua causa formal: sua quiddidade, seu algoritmo de certo modo, seu eidos, em suma, a definição em sentido estrito do que um quadro representa; aquilo de que um quadro faz as vezes” (Didi-Huberman – p.304 – Diante da Imagem). Procedimentos. Perfumes. Fez-se a pergunta como, com afinco, uma ética (viva) do brincar? Colecionemos experiências. Memória. Alegorias. Aforismos. Intuição. Fabulação. Criação. Frases que gerem pelo menos quatro sentidos. Ideias que sejam produção de múltiplos interesses e conexões. Ideias de coleção. Projetos de colecionador. De catação. De Geringonça. Sucatrália. Geringonças. Parafernália. Murais. Cartazes. Anotações em livros. Esquema de bloquinhos. Costura de capas em folhas avulsas. Cartonagem. Escritapoesia. Anotações ininterruptas. Dias sem nenhuma letra a ser grafada. Fotocartografia. Velocidades. Amorosidades. Vaporosidades. Mistura o hipotético e o poético. Será um romance, conta amor fati. Cada parte é um capítulo em abertura. A escritura em abertura. Tema inesgotável para variar, e, ainda assim, se manter no espaço aberto de conversação (e pesquisa). Uma música traz efeitos sonoros ao texto. A música fez a tese. As onomatopéias dos intérpretes musicais geraram paroxítonas. O som do carimbó acompanha as leituras de Deleuze desde as andanças pelo rio Xingu. Quem dança em comunidade faz parte da cultura (só assim aceitação). Música tem uma linguagem ‘melodia’ letra’ acontecimento. Melodia que passa o que vem por dentro da canção. Tom Zé passa qual sentido na canção? Qualquer um que a semiótica possa repreender. **Não temos moral hígida para tratar de ética, Zé?** Cada frase pode ser pendurada. Cada frase desloca-se e cola-se cá e lá. Cada frase tem efeitos, temos assumido. Fazer escritura pra pendurar, cartaz ser, obra para murais variar. Fazer frase para crianças desenharem suas ideias, pintarem e pendurarem.

Entoado c

Criação

Argumentos

“Projeto para um filme de Kafka. I. Projeto de trabalho. O projeto de trabalho sobre Kafka poderia ser dividido em três grandes partes: 1. Um ateliê vídeo, comportando seis sessões longas a cada dois meses a fim de reunir material para um roteiro; 2. A confecção, por uma equipe restrita, do roteiro propriamente dito; 3. A realização eventual do filme. Claro que estamos particularmente interessados pela fase 1. Ela comporta dois aspectos: o estudo de um projeto de filme sobre Kafka e o estudo mais geral do modo de trabalho em roteiros, numa espécie de análise crítica dos métodos atuais do cinema. Estaremos, portanto, em presença de três problemas distintos de financiamento, a fase 1 a ser custeada provavelmente por diferentes televisões em vista da produção de uma ‘série cultural’, e as fases 2 e 3 assumidas pelos produtores. A obra de Kafka e sua vida parecem prestar-se particularmente a esse tipo de projeto; com efeito, não nos parece razoável esperar que um roteirista capitalize sozinho todas as dimensões suscetíveis de serem utilizadas num filme (nos planos plásticos, musical, sonoro, gestual etc.)”.

“Com efeito, nessa fase se deveria ficar numa perspectiva exploratória, nada impede de contradizer-se a si mesmo de uma sessão à outra. Imagino facilmente que numa das sessões eu pudesse apresentar certas fazendas de Sologne como cenário para a novela *Imagens da Defesa de uma Fazenda*, mas também, na vez seguinte, poderia sugerir um contexto

inteiramente abstrato. A polivocidade da inspiração coletiva não deveria de modo algum rebater cada intuição sobre um consenso, e é nesse sentido que o estilhaçamento da obra de Kafka deveria ser preservado. Assim, poderíamos talvez trazer à tona algumas dimensões que em geral são esmagadoras no trabalho habitual do cinema.”

(Guattari – p. 37 e p. 40 – Máquina Kafka)

“Lembremos igualmente esta outra – e bela – frase de Panofsky: ‘a relação do olho com o mundo é, em realidade, uma relação da alma com o mundo do olho’. Lembremos seu insubstituível valor crítico – a esperança positivista de apreender o real, esperança aqui rasgada pela metade -, mas rasguemo-la por nossa vez, como se rasgaria a unidade sintética e o esquematismo transcendental herdados de Kant. Pois a ‘relação da alma com o mundo do olho’ só poderia ser a não-síntese de uma instância ela mesma rasgada entre consciência e inconsciente, e de um ‘mundo’ que faz sistema apenas até certo ponto, para além do qual a lógica mostra sua falha, sua falha constitucional. Se quisermos abrir a ‘caixa de representação’, devemos então praticar nela uma dupla rachadura ao meio: rachar ao meio a simples noção de imagem e rachar ao meio a noção simples de lógica. Pois as duas constantemente se juntam para dar à história da arte a evidência própria de sua simples razão. Rachar ao meio a noção de imagem seria, em primeiro lugar, voltar a uma inflexão da palavra que não implique nem a imagística, nem a reprodução, nem a iconografia, nem mesmo o aspecto ‘figurativo’. Seria voltar a um questionamento da imagem que não pressuporia ainda a ‘figura figurada’ – refiro-me à figura fixada em objeto representacional -, mas a figura figurante, a saber, o processo, o caminho, a questão em ato, feita cores, feita volumes: a questão ainda aberta de saber o que poderia, em tal superfície pintada ou em tal reentrância da pedra, vir a ser visível. Seria preciso, ao abrir a caixa, abrir os olhos à dimensão de um olhar expectante: esperar que o visível ‘pegue’”.

(Didi-Huberman - p. 187 – Diante da imagem)

“Francis Bacon: Continuo talvez porque minha obsessão foge ao meu controle. A criação é uma necessidade absoluta que apaga todo o resto. Eu não pensava em ganhar a vida com minha pintura, pensava apenas em me explicar comigo

mesmo. A criação é como o amor, você fica impotente. É uma necessidade, ponto final. Na hora, a gente não sabe muito como as coisas acontecem. O importante é que aconteça. Para o indivíduo, é isso tudo. Depois, podemos nos divertir, achar explicações... No que me diz respeito, é em primeiro lugar para mim mesmo. Naturalmente, se podemos viver isso, é melhor”.

(Maubert – p 36 – Conversas com Francis Bacon)

“o que significa a oposição conceitual que introduzi na estética, a oposição entre os conceitos de ‘apolíneo’ e ‘dionisíaco’, ambos compreendidos como espécie de embriaguez? – A embriaguez apolínea mantém excitado sobretudo o olho, de modo que ele recebe a força visionária. O pintor, o escultor e o poeta épico são visionário ‘par excellence’. No estado dionisíaco, por outro lado, o sistema inteiro de afetos é excitado e intensificado, de modo que descarrega todos os seus recursos expressivos de uma só vez e libera ao mesmo tempo a força de representar, imitar, transfigurar e transformar, bem como toda espécie de mímica e teatralidade. O essencial é a facilidade de metamorfose, a incapacidade de não agir (de modo semelhante a alguns histéricos, que também assumem qualquer papel a qualquer indicação). É impossível ao homem dionisíaco não compreender alguma sugestão, ele não ignora nenhum sinal do afeto, ele tem o grau mais alto de instinto compreensivo e divinatório, tal como possui grau mais alto da arte de comunicar. Ele entra em qualquer pele, em qualquer afeto.”

(Nietzsche – p. 84 – Crepúsculo dos Ídolos)

Demonstrações



Como seriam as argumentações acerca da Imagem-Simetria e da Imagem-Caquexia (imagens anteriores)? Da primeira, Imagem-Simetria, diria que é a obsessão e a dedicação à matéria de interesse, tal produz o aluno com altas habilidades, assim como o usuário de saúde mental, com suas listas telefônicas recitadas e suas engenhocas complexas para um cotidiano simples: são traços de pesquisadores. Da segunda, Imagem-Caquexia, que a grande saúde de Nietzsche seja tomada por nós pela saúde da linguagem, especialmente daquele que deixa falar tudo que é insuportável, naquilo que em nós é demasiado humano, para ver-ouvir, pensar-escrever, ser sendo, ir fazendo, pensar o pensamento. Escarnar a simetria e a caquexia da pesquisa exige tomar posse da régua e do estetoscópio, porém, somente como objetos postos em diferentes púlpitos de artes. Se quer pesquisa em educação que invente formas de suportar o humano prostrado, o adoecimento da vida, o cansado, o vencido, se quer mais do que a preguiça, mas ela inteira e potente no preguiçoso produzindo. Vejamos que simetria é a qualidade de simétrico. Correspondência em tamanho, forma ou arranjo, de partes em lados opostos de um plano, seta ou ponto, tendo cada parte em um lado a sua contraparte, em ordem reversa, no outro lado. Proporção correta das partes de um corpo ou de um todo entre si, quanto a tamanho e forma. Disposição simétrica das partes de uma flor. Contrapartes um do outro. Semelhança. Concerto. Acordo. Arranjo. Unidade. Equilíbrio. Medida. Cadência. Conformidade. Regra. Harmonia. Avença. Método. Em educação especial, educação em saúde e arte, nada disso há em si mesmo. O que há, age em perspectiva. Quem pesquisar, que seja em Imagem-perspectiva. Conceito, o perspectivismo, que aparece com a obra de Nietzsche e está relacionado à crítica da verdade e à teoria do conhecimento em geral. “Dizer que tudo é uma questão de perspectiva quer dizer, entre outras coisas, que existem muitas maneiras de ver e conceber a mesma coisa. A verdade absoluta seria, nesse caso, uma quimera ou simplesmente a imposição de um sentido único e arbitrário para alguma coisa” (Schopke – p. 190 – Dicionário filosófico). Verdade regulamenta o quê? Os regulamentos não podem ser maiores do que a vida. Ato sem obra. Obra sem experimentação. Exercício de experimenta-te. Exercício experimento de liberdade. Duas atividades fundamentais: educação e arte; saúde e arte. Atividade essencial: impulsionar e respirar. Com móveis, mobílias e materiais pedagógicos fazer agir inteligentemente. Com letras móveis esculpir e grudar: uma meia palavra com outro meio sentido que dá efeito alfabético. Aqueles escritores e escritoras que conheci, de idades variadas, olhavam para todos os lados, todos, sem julgamento (e isso não é uma hipótese, é constatação). Está aí a ética que catei. Conheci grandes pesquisadores analfabetos. Escritores analfabetos são os que conhecem a comunicação e a observação, usam apenas da contação de histórias, da boa memória e da associação de ideias. Analfabetos não são bem quistos. Ser analfabeto é vergonhoso. Ter pais ou familiares analfabetos é vergonhoso. Escritores de pedras, de terras, de areias, de buracos de jogar bolitas, de bola de gude, de jogo do bicho. Escritores de casas sendo construídas de sonhos, de sorrisos, da força de analfabetos. Escritores de telhados e pedreiros. Escritores de redes de pescas e anzóis. Escritores de canoa, barco, pedra, ar. Escritoras também. Escritores de listas de trocas e de listas de compartilhamentos de alimentos com vizinhos e com familiares.

Escritores de recados sobre a faxina para receber visitas. Escritores de bilhetinhos que contam da comida caseira que ficou sobre o fogão à lenha. Analfabetos que negociam seu gado gordo, um por ano, para ter festa de final de ano. Analfabeto que escreve a base de carvão nas paredes do galpão. Analfabeto que lê sol. Lê a chuva. Faz de latas de tinta a pipa de água; de roda de bicicleta moinho de água; do rio a água; do pequeno corredor de cana de açúcar, a cachaça; da goiaba o suco, o doce, a geleia, o enfeite de mesa e o presente para quem vem da cidade. Analfabeto? Cria interpretações para a vida, é criação. Estar rigorosamente preso às verdades e às receitas, o mal do tempo que vivemos. Estar vergonhosamente preso a verdade de uma ciência ‘gelada’ ‘engessada’ ‘régua’ ‘trava. Que seja insuportável o que o cinema e a fotografia mostra do mostrado do que se mostrava. Que seja insuportável a realidade e não as possibilidades que nos trazem as novas realidades. Que seja insuportável a obra de arte que nos mostra e não a vida que se viverá ao brincar. A foto pode ser desnecessária quando o insuportável, o óbvio, os clichês e a felicidade saíram para criar. Limpeza objetiva que limpa a subjetividade. Limpeza que limpa o caráter coletivista. Sair do retângulo tradicional, como? Liberação da criação: olhar com a sensação já que inteligência demais é prejudicial. “Lamber a vida como um torrão doce, moldá-la, afiá-la, amá-la, enfim, como se busca a palavra, a imagem, a frase definitiva, aquilo ou aquela que conclui, que detém, com o que se partirá e que fará dali em diante todo o colorido do nosso olhar. (...) É um pouco o contrário do que se entende pelo banal ‘eu sou feliz’” (Camus – p. 67 e p. 68 – Esperança do mundo). Um ato político: o escritor Esopo, criador das fábulas, era analfabeto.

Sentei no postinho lá da Vila, em Anta Gorda suponho, dia de vacinação,
toda criança vem com um choro ou um colo.

(Pelo menos ali eram crianças. Naquela idade são crianças para colo).

Uma carteira de vacinação, algum documento a mais para assinar.

A mãe não escrevia, ela tinha vergonha. Nesse caso é tida como qualquer adjetivo que não o que indica: uma mãe necessária e boa.

Procedimentos

IMAGEM-SIMETRIA

simetria

substantivo feminino

1. conformidade, em medida, forma e posição relativa, entre as partes dispostas em cada lado de uma linha divisória, um plano médio, um centro ou um eixo.
2. *p.ext.* semelhança entre duas ou mais situações ou fenômenos; correspondência.

À Imagem-Simetria remeto um encontro que se tem com bueiros. Não pelo viés niilista possível de ser associado ao que nele escorre, mas, ao contrário, pela potencial possibilidade de criação e fabulação postas à simetria da imagem fotografada. É uma fotografia do acervo da autora:

- que faz enquadramentos simétricos, pela obsessão à forma?
- que quer mostrar a linha reta sobre a calçada?
- mostra, pela cor amarela, qual é o limite de cruzamento ou passagem da calçada fotografada?
- mostra um pequeno bueiro sendo pisado pela linha reta?
- fotografa o redondo do bueiro, o mosaico das pedras e a linha reta?
- retrata a justaposição - bueiro, pedra, tinta amarela - que compõe a imagem?
- fotografa bueiro e lugar que é qualquer lugar?
- é lugar comum e transforma-se no que é?

- é objeto-bueiro?
- é desejo para a lente fotográfica?
- faz a pergunta: quantos bueiros sobrevivem a uma linha amarela em cidade lotada de trânsito e linhas de fluxos?
- é bueiro-obra de arte em exposição que vem?
- quer ser algo que não existe na língua para qualquer um poder narrar do ponto de seus protocolos de experiência?
- é parte de uma aula de educação especial?

Todas as perguntas são respondidas com uma única expressão: sim. O difícil é admitirmos as inúmeras interpretações que temos sobre os encontros comuns, com o comunitário, com os fatos, seus efeitos e as possibilidades de mudanças. Uma pergunta e uma resposta reduzem a potência da pesquisa. Se pensarmos na Imagem-Simetria, que é nosso foco aqui, questões implodiriam para dela tratar, desde a acessibilidade às artes (quanto à audiodescrição; foto-relevo; retrato bordado; retrato urbano; retrato escolar; investigação baseada nas artes; ar/tografia; tripé; lógica da sensação; lógica dos sentidos; câmara clara etc). Talvez seja importante estudar território para criar forças argumentativas para tratar desta fotografia-simetria. Ou quem sabe nos auxiliaria a antropologia, a arquitetura?

IMAGEM-CAQUEXIA

caquexia cs/

substantivo feminino

1. *med* grau extremo de enfraquecimento.
2. *fig. p.ana.* estado ou condição do que está muito alquebrado ou muito usado ou muito ultrapassado. "a c. de uma tese cosmológica"

O que é plano e fundo na Imagem-Caquexia? “Neste ponto não posso suprimir um suspiro e uma última esperança. Que coisa é para mim completamente intolerável? Aquilo com que não posso, que me faz enlanguescer e definhar? O ar ruim! O ar ruim! O fato de que uma coisa malograda se aproxime; que eu tenha de cheirar as entranhas de uma alma malograda!... O que não suportamos normalmente de miséria, privação, mau tempo, enfermidade, fadiga, solidão? No fundo podemos com

todo o resto, nascidos que somos para uma existência subterrânea e combativa”. (Nietzsche – p. 31-32 – Genealogia da Moral). O cansado. Aquele de Nietzsche, que não aventura-se ao viver e com o vivido. O que se bebe inteiro no turvo das sensações. Como Gaia na ciência? Essa pergunta faço-me na pesquisa em educação: quando Gaia? Alegria, sugeriria Nietzsche ao andar em seus passeios para recuperar a saúde. Alegria à ciência, como? A noção de verdade em Nietzsche está referida a um grau de potência e não a parâmetros discursivos verdadeiros. Diria mais do óbvio do que da verdade, a potência. Todas as formas de expressão correspondem-se com os conteúdos a serem compreendidos. Sugiro que estejamos atentos às leituras possíveis e, não necessariamente, às coisas a serem desveladas ou reproblemáticas. Colocar coisas no lugar, dizer de outros modos o mesmo, isso, sim, é sair da simetria da verdade e da linearidade da pesquisa, produzindo potência e invenção na pesquisa em educação. O eterno retorno em Zarathustra? “Eu também aprendi profundamente a esperar, mas a esperar-me a mim. E aprendi sobretudo a ter-me de pé, a andar, a correr, a saltar, a trepar e a bailar”. (Nietzsche – p. 225 – Assim falava Zarathustra). Não se trata do mesmo que volta, de algo a girar sobre si, do mesmo em si. O que se pode afirmar volta; aquilo que alegra a vida; aquilo que afirma a vida - isso é que volta! A noção de verdade em Nietzsche está referida a um grau de potência e não a parâmetros discursivos verdadeiros. Diria mais do óbvio do que da verdade, a potência. A pesquisa, desse modo, seria promovida pela potência de criação de problemas e de proposições. Pois uma vez que não cansa de provocar a pensar e a instaurar rituais e movimentos de pensamento, não pretende estagnar, encerrar questões, enfraquecer. Simetria produzida no grau zero da cena. Sem foco, sem simetria, sem rostos, sem algo essencialmente aparente. Tudo aparece na fotografia, desde que nela encontremos diversos pontos de partida para o pensamento e efeitos de pensamento. Aparece na fotografia (imagem-caquexia): bolhas de água com gás; rosto de cabelo amarelo; camisa com código de barras; tatuagem com código de barras; um grupo compartilhando uma mesa; todas as piadas contadas; aquele que fez a foto; as vozes do bar; o estrangeiro que chegou à mesa; o café sem açúcar; o biscoito trazido na bolsa; a lista de presença; os celulares; dois cadernos de artista; três catálogos de arte - entre tantas outras presenças que não são nem mentira nem omissão - nem destaque - nem ocultas -- estão na cena para serem contadas por alguém. “(...) os artistas especialmente os do teatro, dotaram os homens de olhos e ouvidos para ver e ouvir, com algum prazer, o que cada um é, o que cada um experimenta e o que quer; apenas eles nos ensinaram a estimar o herói escondido em todos os seres cotidianos e também a arte de olhar a si mesmo como herói, à distância e como que simplificado e transfigurado – a arte de se ‘pôr sem cena’ para si mesmo. Somente assim podemos lidar com alguns vis detalhes em nós! Sem tal arte, seríamos tão só primeiro plano e viveríamos inteiramente sob o encanto da ótica que faz o mais próximo e mais vulgar parecer imensamente grande, a realidade mesma” (Nietzsche – p.106 – A gaia ciência).

Em alguns dias olhar para uma imagem parada é a solução.

(Uma imagem estática, pela saúde da educação? Educação da saúde estacionando, espera aí).

Depois vem a pergunta pela causa do desgosto, do gosto, das sensações.

Não basta dizer: não gosto de ir ao médico.

(nesse dia a enfermeira dizia para passar o próximo, todos passavam).

Entoado d

Riso

Argumentos

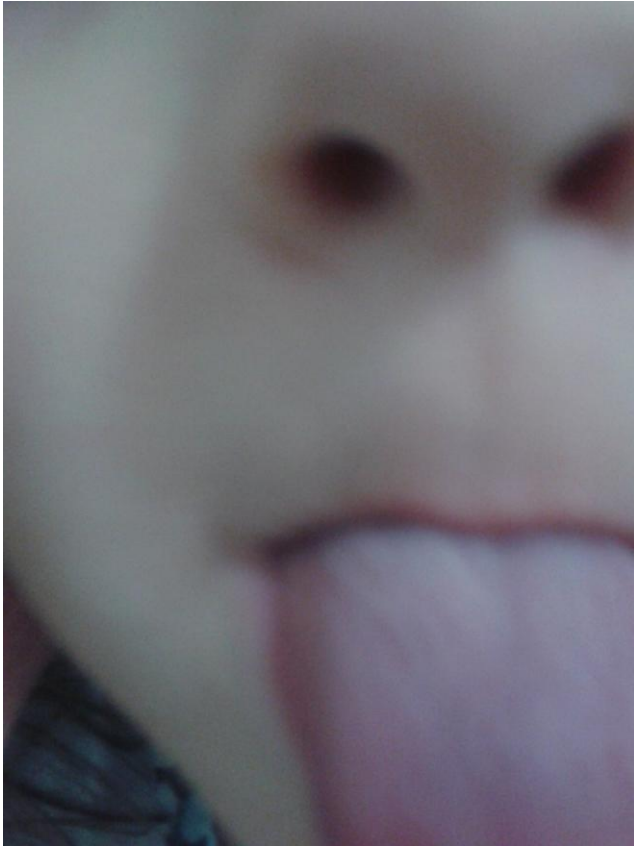
“Como ressaltar agora, como sintoma não menos digno de nota, a insensibilidade que ordinariamente acompanha o riso. Parece que a comicidade só poderá produzir comoção se cair sobre uma superfície d’alma serena e tranquila. A indiferença é seu meio natural. O riso não tem maior inimigo que a comoção. Não quero com isso dizer que não podemos rir de uma pessoa que nos inspire piedade, por exemplo, ou mesmo afeição: é que então, por alguns instantes, será preciso esquecer essa afeição, calar essa piedade. Numa sociedade de puras inteligências provavelmente não mais se choraria, mas talvez ainda se risse; ao passo que almas invariavelmente sensíveis, harmonizadas em unísono com a vida, nas quais qualquer acontecimento se prolongasse em ressonância sentimental, não conheceriam nem compreenderiam o riso.”

(Bergson – p. 03 – O Riso)

“Rir de si mesmo, como se deveria rir para fazê-lo a partir da verdade inteira – para isso os melhores não tiveram bastante senso de verdade até hoje, e os mais talentosos tiveram pouco gênio! Talvez ainda haja um futuro também para o riso! Quando a tese de que ‘a espécie é tudo, o indivíduo, nada’ houver se incorporado à humanidade e a cada um, em cada instante, estiver livre o acesso a essa derradeira libertação e irresponsabilidade. Talvez então o riso tenha se aliado à sabedoria, talvez haja apenas ‘gaia ciência’”.

(Nietzsche – p. 51 – Gaia ciência)

Demonstrações



Pela sátira, inteligência do riso. Ética do riso. Ética do risível do contemporâneo. O paroxismo. No estágio agudo da doença, como, alguém riso faz? Onomatopeísmo. Cacofonismo. Cafonismo. Cafonas juntos. A cultura sendo popular brasileira. O Carimbó no sorriso do rosto. Dança popular de cada vila sendo o riso das meninas e dos meninos. Os círculos dos Filós para, do lado de dentro do meio, os pequeninos, as ninas e os ninos, riso ampliar. O riso das cirandas a girar. Rodas de filô. Uma música faz mais riso do que o cômico ou o palhaço. Uma música faz a graça pular. “A vida deve ser amada, pois!” (Nietzsche – p. 51 – Gaia ciência). Não é autoajuda, ajude-me! Não quer salvar tuas frustrações, mágoas, ressentimentos. Quer impulso, graça, gargalhadas, peido e arrotos. Quer instinto, tolice, como dá. Quer história, de manhã, de tarde, sete livros todas as noites. Quer conectar o corpo, girar, girar, girar. Do sono, todos os sonhos contar. Como for, ir. Volta com todos os motivos. Bolinha no canto da sala amassar, com olhos para o ponto do olho que olha a parede. Ver na parede da sala o melhor esconderijo. Achar ali no cantinho toda a graça para gargalhar. Capaz de viver, mal, irracional – um menino. Partilha alegria. Baba, sorri com os olhos. Olha, olha, me olha. Ah, como aprendi a ser boba contigo. Amote tonto, serelepe, babão, nessa cadeira de rodas a saracotear. Mundo ou não mundo, é para rir. O mundo cabia dentro do teu olho rindo. Aguça a vida, contradiz, sorri. Retardados fomos. Retardamos a chegada, a aprendizagem vem por vagarinhos. Consultório culinário. Consultório de rio. Consultório de jardim. Consultório de sapê. Consultório de avião. Consultório pobre. Consultório banco de rua. Consultório ilha deserta. Consultório pé de árvore. Consultório chuvatório. Consultório solário. Consultório corolário. Consultório herbário. Consultório ervário. Fitoteca. Biblioteca. Brinquedoteca. Discoteca. Empilhoteca. Gavetateca. Maloteca. Cabidoteca. Guardachuvoteca. Parafernalioteca. Geringonçateca. Todas as coisas feitas para riso e alegria, sem medida e sem vergonha. Prelúdio às nossas infâmias. Prelúdio à alegria. Prelúdio ao ordinário. Prelúdio às nossas desventuras. Macacas. Toupeirinhas. Paquinhas. Cachorrinho d’água. Joanhinha. Passarinhos. Fragmentos esvoaçantes. Pendure-se. Embale. Treppe. Desarrume-se. Receitas doces. Experimentar ingredientes. Lamber os dedos. Comer brigadeiro. Lambuzar-se. Dos ingredientes os sabores inconfessáveis. Disposição pelo que está vivo. Delira pela rua, encontra no riso a resposta para a ecolalia. Delira na sala de aula, encontra no riso a ofensa ao desgosto da clausura. Delira no consultório e encontra no riso forma de explicar a dor. Língua de fora pra louco. Língua de fora para a incompreensão. Língua de fora para o desafio. Sua língua era mais do que síndrome, era transgressão. Sua língua de fora era também um alerta para os filiados e um convite a bobeira acompanhada. Língua de fora para quem passa na praça e olha sem cuidado com a privacidade daquele que está ali a vontade, língua de fora para aquele que não entende as tantas gargalhadas daquele que mora na praça. Língua do estar fora, então língua pra gritar. **O mais feio dos homens sorri bonito.** O riso não carrega a totalidade do sentido, tampouco aspira qualquer sentido. Naquela aula impossível, faz outra, nada chata, para riso amadurecer. Fones de ouvido para rir. Fones de ouvido para balançar a cabeça em ônibus lotado. Fones no ouvido para não se aborrecer. A vida é potência para riso, criação, respiração, efeitos e estados em expansão. O riso não murcha a minha

expansão. Uma meia palavra encontra um sorriso e ali se faz equilíbrio. Um meio sorriso pode ser todo o equilíbrio. Riso como bússola. Bússola vital. Bússola ética. O que se quer conservar, enfim, é a vida. Uma tal ética do brincar não condena o riso, não condena a língua pra fora, não condena o saber do corpo sorrindo. Uma tal ética do brincar gargalhante ao sair pra passeio de bicicletas, passando pontes, correndo em bosques, sendo parte das brincadeiras das ruas. A ética do brincar sorri com as pessoas, nos bailes, nos banheiros, no morro, no prédio. Amigos, se deve dizer, esqueça a baixa vontade de potência! Essa tal que não deixa passar os saberes do corpo, não dá realidade para outras coisas que não as coisas do patrimônio geral. Que surjam muitas camadas em nós, de comicidade, de humor alegre, de espírito de riso. Que o riso esteja entre os planos e que estes se componham com os efeitos do riso. Sensível. Dizível. Visível. Conteúdo de efeitos. Clichês, só que entrecompostos com encontros com meia palavra e outra palavra. Clichês com novos nomes e até novas semelhanças. Possível? Há tecido Poá, há amorosidade. Mas nenhum ato suicida. Pode ser riso a ciência, a pedagogia na educação e a pedagogia na saúde? Para além de palhaçarias, faz risadices, risonhices, cosquinhas. Na nossa memória do corpo: saber do corpo. Ex-colônia o corpo. Essencial na estruturação da subjetivação um riso que encadeia a comicidade desde o canto da boca até o dedão do pé. Tem quem seja engraçadamente necessário para pedagogia se balançar. Que os estudantes que não param sejam a caricatura de nós mesmos ao repetir a escola do mesmo. Montessori, diria: “quem estuda meditando, assimila de um modo especial”. Montessori também diria que quem estuda sorrindo torna o aprendido algo especial? (Montessori – Pedagogia científica). O riso é gratuito, é grátis, ‘free’. O riso não doença de paranoico, não é traço de esquizofrênico, não é delírio. Podendo ser. O que tem de pedagógico no riso, o que tem de saúde, é isso que nos interessa no riso. O riso é um investimento de um campo social, econômico, político, cultural, racial, racista, sexista, religioso, pedagógico, etc. O riso tem nele possibilidades, fugas, estratégias, mapas abertos, dois dentes sobreposto, aquela boca banguela, a falha dos dentes etc.

Naquele que sorri há libido, há fluidos, há fluxos, há desejo. Naquela que sorri há libido, há fluidos, há fluxos, há desejo. Naqueles que sorriem há libidos, há fluidos, há fluxos, há desejo. Naquelas que sorriem há libidos, há fluidos, há fluxos, há desejo.

“O que pede a esquizo-análise? Nada mais que um pouco de realidade real. E reclamamos o direito de uma leviandade e de uma incompetência radicais – entrar no consultório do analista e dizer: cheira mal aqui”. (Deleuze e Guattari – p. 424 e p. 425 – O anti-édipo)

Entoado e

Espaço de habitação

Argumentos

“A ciência é a auxiliar da ação. E a ação visa um resultado. A inteligência científica pergunta-se portanto o que precisará ser feito para que um certo resultado desejado seja atingido ou, de modo mais geral, que condições é preciso obter para que um certo fenômeno se produza. Vai de um arranjo das coisas para um rearranjo, de uma simultaneidade. Necessariamente negligencia o que ocorre no intervalo; ou, caso disso se ocupe, é para ali considerar outros arranjos, simultaneidades mais uma vez. Com métodos destinados a apreender o já feito, ela não poderia, em geral, entrar naquilo que se faz, seguir o movente, adotar o devir que é a vida das coisas. Essa última tarefa pretende a filosofia. Enquanto o cientista, adstrito a tomar vistas imóveis do movimento e a colher repetições ao longo daquilo que não se repete, preocupado, também, em dividir de modo cômodo a realidade nos planos sucessivos pelos quais ela está desdobrada a fim de submetê-la à ação do homem, está obrigado a valer-se de astúcias com a natureza, a adotar em face dela uma atitude de desconfiança e de luta, o filósofo trata-o como camarada. A regra da ciência é aquela que foi posta por Bacon: obedecer para comandar. O filósofo não obedece nem comanda: procura simpatizar”.

(Bergson – p. 144 e p. 145 – O Pensamento e o movente)

“A duração exprime-se sempre em extensão”.

(Bergson – p. 07 – O pensamento e o movente)

“Proxemia. Noite: deito-me, apago a luz, meto-me sob as cobertas para dormir. Mas tenho vontade de me assoar. Na obscuridade, estico o braço, atinjo sem me enganar a primeira gaveta do criado-mudo e, nessa gaveta, não menos infalivelmente, um lenço que está à direita. Recoloco o lenço e fecho a gaveta, também infalivelmente. Este é um episódio típico que permite colocar a noção de proxemia. (...) Utilizarei a palavra aplicando-a somente ao espaço muito restrito que cerca imediatamente o sujeito: espaço do olhar familiar, dos objetos que podemos atingir com o braço, sem nos mover (quase às cegas; cf. nosso exemplo inicial); espaço privilegiado do sono, do repouso, do trabalho sedentário em casa: a esfera do “gesto imediato” (Moles), o metro cúbico dos gestos de alcance e partir do corpo imóvel: microespaço. Exemplos dados por Moles: criança em sua caminhada, homem de negócios em seu escritório, intelectual em sua mesa, aposentado em sua poltrona (TV, cachimbo, óculos, jornal). Proxemia: faz parte de uma tipologia dos espaços subjetivos na medida em que o sujeito os habita afetivamente: > 1) território (propriedade) > toca (quarto, choupana de Robinson, apartamento, no granito, dos colonos de A ilha misteriosa). (Chombart: família = “conjunto de pessoas que vivem ao abrigo de uma mesma chave”.) 3) lugar proxêmico: nicho, ninho. Quer dizer, em certo sentido: a) lá onde o olhar alcança (ou o cheiro, ou o ruído); b) lá onde a gente leva, esconde, c) lá onde alcançamos, tocamos. Dois objetos são, por estatuto, criadores de proxemia (de espaço proxêmico): o abajur, a cama = objetos-centro, com os quais o sujeito tende a se identificar.”

(Barthes – p. 218 e p. 219 – Como viver junto)

Demonstrações





Bolsa-passarinhos. Bolsa-cor-da-moda-ano-2015. Bolsa ecológica. Bolsinha. Bolsa da professorinha. Bolsa de puta. Bolsa de maluco. Bolsa pra viagem. Bolsa que é sacola. Bolsa de universidade. Bolsa de loja de pobre. Bolsa de pobre é autêntica. Bolsas reutilizadas. Bolsas reaproveitadas. Bolsas pintadas, customizadas, costuradas etc. Não troco de bolsa pelo fetiche, pela aparência, para descartar bolsa velha, troco pela necessidade de portar: um cartão, um livro, uma caneta, um bloquinho, uma agenda pequena, um celular comum com câmera. Em pesquisa é preciso portar-se com poucos órgãos dentro. Em pesquisa portar pathos no bolso, consigo, agindo. Para fazer pesquisa tem-se que ter espaço para circular, habitar, acostumar-se a ficar e voltar pra lá muitas vezes. Os instrumentos de pesquisa podem ser portados, como podem ser deixados, abandonados, trocados, emprestados. Se o corpo puder carregar a pesquisa, será também apropriado. Perspectiva criadora, arquitetura e invenção de contornos borrados. Fala-se de uma universidade capaz de construir potência de invenção e intervenção. Fala-se de uma saúde fortemente comum, afetiva, afetuosa, próxima, desarmada de saberes corretivos e, absurdamente, próxima. Fala-se de uma política proxêmica, que se põe num lugarzinho, faz parte dele, e é tão comum quanto o que ali está. Uma política do canto pra sentar à porta e prosear (uma imagem recorrente nas culturas). De que forma os docentes da Universidade conhecem por dentro a engenharia do serviço para os quais formam profissionais? Até que ponto os estudantes são convidados a conhecer essa engenharia? De que forma os docentes conhecem por dentro as engenharias dos serviços? Até que ponto os estudantes são convidados a conhecer essas engenharias? Professores e alunos da universidade estão sempre em formação. Professores e alunos da universidade estão sempre em formação em serviço. Professores e alunos da universidade não estudam e depois aplicam o estudado. Professores e alunos da universidade se conectam com as intuições que os levaram até seus lugares de professores e alunos. As experiências de conhecer, de se sentir bem nas comunidades, de sentar para o café da manhã enquanto trabalha - há de ser resgatada. Uma pequena bolsa é o que se carrega, não um punhado de conhecimentos, preceitos, princípios, julgamentos, ordens, correções. Quem vai e vem, da universidade e da comunidade, deve seguir indo e vindo, sem restrições. Os campos de atuação e intervenção, a comunidade, o território, não se repetem mesmo que sigam morando nos mesmos endereços. Qual a engenharia das unidades básicas de saúde? Quais as engenharias das escolas públicas dos bairros? Unidades de saúde e escolas dos bairros tem a mesma engenharia? Qual a engrenagem que move, num movimento comunitário, escola e unidade de saúde? Qual rua ou avenida liga a “escolinha” ao “postinho”? Para além da aparência, da arquitetura, da casca, o que cabe dentro, quem está dentro, como as paredes se movimentam para que comportem o máximo de vida? Isso pode ser pensado pela gestão, pelos trabalhadores, pelos usuários, pela engenharia, pela acústica, pela culinária, pela criação, pelas artes, pela educação, pela saúde etc. Como na Universidade esse conhecimento? Um conhecimento que assume a sua procura pela acomodação de todas as coisas. Acomodar. Abertura. Zonas. Ambulante casa. Arte móbile. Estandarte giratório. Em órbita. Circo mambembe. Itinerante a casa. Comum casa. Casa pra qualquer um. Lugar aberto. Jardim. Copa. Cozinha. Sala de esperar. Sala de conversar. Canto do vaso de flores. Casa com bibelôs. Tapete de casa. “Mas essa duração, que a ciência elimina, que é difícil de ser concebida e expressa, sentimo-la e

vivemo-la. E se investigássemos o que ela é? Como apareceria ela para uma consciência que quisesse apenas vê-la, sem medi-la, que a apreenderia então sem detê-la, que por fim se tomaria a si mesma como objeto e que, espectadora e atriz, espontânea e refletiva, reaproximasse, até fazer com que coincidam, a atenção que se fixa e o tempo que foge?” (Bergson – p. 06 – O pensamento e o movente). Palhaço do nariz de palhaço. O fecho do casaco a fechar. O zíper da calça jeans. O bolso da camisa do fumante. O furo do bolso da criança. Rasgo no joelho da calça. O botão do vestido aberto. O decote a mostrar-se. Aquela curva da virilha. A puta da esquina. A mochila do adolescente. A maconha no embrulho de jornal. A mala do obsessivo. O macaquinho com comida na grade da vizinha. Entre todos nós uma órbita invisível e bem organizada, paradoxalmente. Espaço para conhecer alguém. Apetrecho da escritura. Apetrechos: algodão doce, máquina de gelo seco, espetáculo de amigos, o vagalume, as velas no sítio, a festa na rua, o parcão, a redenção, as flores do bairro, a máquina cor de rosa, a máquina de costura com nome de pônei, café, remédio homeopático, o telefone de alguém, algum ponto de referência, um relógio para marcar o tempo de voltar etc. Estar-apetrecho Estar seguro na displicência e andante pesquisar. Passa por ali e pega um pedacinho pra dizer: olha, estive neste lugar e fiquei diferente. Não compra lembranças desnecessárias, não carrega grandes bagagens, não se prende ao que está dentro da mochila. A pesquisa transversal não tenta somente responder as questões com as quais escreve, mas também tenta habitar o lugar dessas questões. Leva mudança, se acomoda, fica na expectativa das mudanças de temperatura. Em seu esboço arquitetônico é mais importante o tempo e as mudanças observadas ao mudar. Quem percebe a água fervendo, o leite prestes a derramar, o dia para carregar guarda-chuva. Aquele que sabe quanta intuição é preciso carregar em pesquisa. Anda viril · vinil · vil · veloz · voz · vez. Anda para que possa se encontrar com o tempo para habitá-lo. Anda sem a pretensão da totalidade dos caminhos, a compreensão de todo o percurso, o reconhecimento de tudo, a apreensão da cultura, as anedotas, as curas, as crenças, os ensinamentos. Anda com o gostinho do que delas experimentou, conta para alguns ou segredo tornará. “Viver é transforma-se dentro da incompletude. A vida nesse sentido é toda anedotas, detalhes, instantes” (Valéry – p. 15 – Introdução ao método de Leonardo da Vinci). Obviamente possível habitar a imaginação, e com ela nenhuma mala a desfazer.

Procedimentos

Uma Carta de Marilda Oliveira de Oliveira

Santa Maria, 24 de janeiro de 2015.

Seguimos então nosso diálogo...

Quando decidimos investir numa tese a primeira coisa a decidir é - com que roupa eu vou? Fiquei feliz que não tenhas escolhido uma roupa muito sisuda, pois estas costumam nos tornar pessoas demasiadamente sérias e nos fazem desaprender de achar graça das coisas. Estes trajes nos fazem envelhecer mais depressa, nos tornam chatos e cada vez com menos paciência.

As roupas da moda também não são uma boa pedida, pois essas se tornam logo ultrapassadas e obsoletas. Roupas ‘demasiadamente’ acabadas, também não encaixam. Sabes essas com costura dupla? Pois é, são difíceis de desmanchar e não terminam com os anos, o que é péssimo, pois acabamos usando sempre o mesmo vestuário durante décadas.

Se me permites uma dica, escolha aquelas roupas com alinhavo, com bainhas em desalinho e ares de desmanche, pois estas poderão ser sempre modificadas e remodeladas. Vista-se de ‘inacabamentos’ pois assim poderás sempre acrescentar algum acessório, ou fazer novas combinações.

Ao escolher a bolsa mochila para carregar teus livros, procura uma que seja grande e forte. Também que seja macia e flexível e que se adapte ao conteúdo da carga. Já que, para além dos livros, também carregarás leveza, generosidade, delicadezas, amizade e compreensão. Como podes perceber, não pode ser qualquer bolsa.

Desejo Dani que, ao planejar tuas aulas estreies pelo meio, sem celebração de começo e fim e que faças delas um procedimento constante, processual de investigação da própria existência.

Espero que nunca deixes de escrever. Produza diários, pois eles ajudam-nos a desintoxicar-nos, a sucatear ideias. A escrita consegue devir outras palavras, tenciona o discurso e nos mostra o que a fala não consegue ver.

Não te assustes com os clichês, com a parasitagem das representações, eles estarão sempre por aí a nos assombrar, mas será para oportunizar-nos a resistir e buscar outras formas de agenciar a vida.

É verdade que temos aprendido a frear a perplexidade diante das coisas, a despistar os estranhamentos. Evitamos qualquer situação que nos arranque desse lugar estável no mundo que acreditamos habitar. Sequer chegamos à beira de nossos abismos para dar uma simples espiadinha, para pesquisar o medo. Sufocamos nossa intuição, nossa zona de invenção, porque talvez seja arriscado demais lhe dar algum crédito, pode nos arremessar num beco sem saída, ou a nos forçar a abrir uma clareira em nós. Resistimos em construir outros universos de referência, preferimos repetir ideias encardidas, artificiais, viciadas, que às vezes podem até passar por novidade. Habitamos uma floresta de signos que murcham diante do nosso comodismo. Não admitimos por eles ser provocados, sequer somos suficientemente fluidos para nos engajarmos afirmativamente nessa rede de paradoxais acontecimentos chamada vida.

Desejo Dani que não percas a capacidade de espantar-te, de ter medo. Não deixes que a vida naturalize demais o mundo a tua volta.

Faça dos incidentes de percurso motivações para novos começos e dos desassossegos uma maneira singular para orientar-te. Faça delirar os caminhos de forma que nunca haja apenas uma via a seguir. Invente outros possíveis e abandone o hábito de ser.

Valorize os pequenos fragmentos mais do que as grandes fatias. Olhe com simpatia para nossas ninharias, contradições e disparates. Isso faz parte do nosso lado humano e de tudo que de residual a vida emana.

Ao longo do caminho da feitura dessa tese encontrarás vozes que destoam entre si, valorize-as, pois são elas que nos preparam para a complexidade. “Faça defeitos nas frases que escreveres”, como diria, Manoel de Barros, pois é preferível fazer a língua gaguejar do que falar em unísono.

Beijo grande.

Entoado f

Escrita

Argumentos

“Amável mas indomável. Se sabia homem-poeta, de uns cânones de musgo e de prodigioso eco, à noite ele esperava que a lua habitasse o papel, poderia ter sido lenhador, não o que abate mas o que acaricia, lenhador-amante, homem de amor, Lih, inútil também porque dos jacintos e coisas inomináveis e flagelos, difícil se fazia traduzir para o outro, conhecimento, ciência maior, compaixão, espectro junto de Lih, imantado de luar escrevia: é lícito cantar de amor quando o rei é cruel em seu reinado? Se o canto das gentes se juntasse à audácia fremente do meu canto, talvez o rei cruel nem mais reinasse. E começou a cantar esses versos numa guitarra escura, uns nasais de dentro, e outros sons fundos de timbre amolecido e uns mais agudos, miniatura tensa tecia de consoantes e de vogais.”

(Hilda Hilst – p. 32 - Rútilos)

“Mas do que falamos quando falamos em ‘Poesia’? Admira-me não existir um campo de nossa curiosidade no qual a observação das próprias coisas seja mais descuidada. Sei muito bem que o mesmo acontece com todas as matérias em que se possa temer que o olhar totalmente puro dissipe ou desencante seu objeto. Vi, não sem interesse, o descontentamento excitado pelo que escrevi há algum tempo sobre a História e que se reduzia a simples constatações que todo mundo pode fazer. Essa pequena agitação era natural e fácil de se prever, visto ser mais fácil reagir do que refletir, e que esse mínimo deve necessariamente prevalecer no maior número de espíritos. Quanto a mim, abstenho-me sempre de acompanhar esse arrebatamento de ideias que foge do objeto observável e, de sinal em sinal, irrita o

sentimento particular... Acho que é preciso desaprender a considerar apenas o que o costume e, principalmente, a mais poderosa de todas, a linguagem, oferece-nos para consideração. É preciso tentar se deter em outros pontos além daqueles indicados pelas palavras, ou seja, pelos outros”.

(Valéry – p. 185 e p. 186 – Variedades)

“O que significa a ‘simpatia’ de que fala Bergson com relação à intuição? Ela pertence a esses termos gerais e indefinidos que, ao invés de esclarecer, parecem obscurecer o método bergsonismo. Os comentaristas a evocam raramente, e quando o fazem é para atenuar o seu alcance. O termo ‘simpatia’ seria usado apenas para ilustrar o ato ou a ‘série de atos’ intuitivos que, eles sim, fundamentam um método rigoroso. Rapidamente, chegamos à conclusão de que a intuição só será concebida rigorosamente como método se deixar de ser concebida como simpatia, noção vaga, muito marcada pela psicologia. No fundo, a simpatia seria apenas uma concessão feita à pedagogia ou à psicologia, enfim, um sucedâneo da intuição”.

“Compreendemos então que o método utilizado por Bergson pretende proceder como a própria vida. O filósofo é como o inseto que adivinha simpaticamente sua presa, com a diferença de que ele não lida com presa ou predadores, mas com essências ou tendências, com aquilo que existe de propriamente vital no interior do vivente. Seu conhecimento não é mais instinto, como no animal, ele se tornou intuição, ou seja, um instinto dilatado que não se limita mais ao conhecimento interior de um objeto especial. A intuição nos revela assim como participantes da grande corrente da vida e nos faz sentir aquilo que há de vital em nós”.

(Lapoujade – p. 51 e p. 65 – Potência do tempo)

Demonstrações

Escrita amor fati. Escrita que quer deixar de citar, amor fati. Escrita que deixa Spinoza, Nietzsche, Benjamin e Bergson dormirem com o cão da vizinha. Escrita que quer praticar o bem. Amor-escrito-no-rostro. Amor-escrito-na-folha-dedicatória. Escrita escultura. Disjuntivo território a tal escrita. Um prato com a tese dentro. Um cabide com a tese pendurada. Uma mochila com a tese portada. Fragmentos esvoaçantes · costurados · alinhavados. Para escrita acadêmica: performatize-se; derrame-se; desamarre-se; jogue-se; recorte-se; emaranhe-se; inscreva-se. Em uma escrita, performatize-se feliz (nem sempre é ruim mentir). Escrita sendo feita de variações inusitadas. Para escrita que encanta: tempo e ternura. Escrita em cartas embaralhadas para jogo. Escrita pouco relevante. A forma/diagramação como algum conteúdo impresso é tratado é sempre relevante. A forma/expressão como algum conteúdo impresso é tratado é sempre relevante. O singelo insinuado é sempre relevante. Escrita de uma vida que escreve dentro da Universidade. Escrita que é convocada na graduação, no mestrado, no doutorado, na gestão, na burocracia, nas publicações. Escrita que é ferramenta · é instrumento · é pá de corte. Escrita que tem sido convocada por linhas de pesquisa a ser expressiva e intensiva. Escrita acadêmica sem devaneio, pouco expressiva. Escrita que expulsa a multiplicidade, o extraordinário, o ínfimo, o singular. Escrita acadêmica que não joga, não desafia, não desabotoa, não se intromete, não pede passagem. Escrever com intercessores que esculpem outros mundos exige: experimentação nômade e errante; pensar de outra maneira, desintoxicar-se. Escrita com grupo de orientação. Escrita com orientação. Escrita multidão. Escrita que não pretende ser representativa, pois que quer ser experimentação. Deslocar o ler e o escrever para além, para adiante da linguagem. Afinal, linguagem é instrumento para comunicar, informar, representar, noticiar? Escrita aversão à interpretação. No caso da pessoa com deficiência mental, assim como do louco, a língua menor é eficiente na vibração de intensidades. Escrita como produção de fluxos extravagantes. Escrita no trem lotado da vida. Escrita trânsito de Porto Alegre após horário de banco. Benjamin enumera movimentos para a escrita, descreve “treze teses contra os snobes” e “a técnica do escritor em treze teses”. “Procure fugir à mediocridade da vida cotidiana. O meio sossego, acompanhado de ruídos pouco estimulantes, é degradante. Já o ruído de fundo de um estudo musical ou da confusão de vozes pode ser tão importante para o trabalho quanto o silêncio tangível da noite. Se este afina o ouvido interior, aqueles se tornam pedra de toque de uma dicção cuja riqueza consegue absorver em si até esses ruídos excêntricos (p.27 – Imagens de pensamento)”. E quando a escrita é em rede, em redes sociais, em conexão? Ainda assim, com abreviações ou não, é escrita. Na escrita contemporânea quem faz boa companhia é a foto. As cenas da comunicação, da edição, dos novos enquadramentos, das partes sobrepostas, das montagens, dos melhoramentos dos perfis, da boa pose para mostrar. A fotografia vem, na contemporaneidade, como disciplina potente para a escrita de vidas escolares. No caso de

quem tem atenção às palavras, entende que elas precisam de cuidado. São perigosas em todos os ângulos que ocupam, desde a entonação, à interlocução, à reverberação, à escritura. Cuidemos das opiniões, elas são palavras nem sempre bem organizadas e aprofundadas. São palavras e riscos. **Corremos riscos junto às palavras.** Neste tempo, de palavras a serem recompostas, colocadas noutros planos, de imanência, de efetivação, de práticas, cuidemos de nossa escrita. Na escrita há produção de documento, mais legítimo talvez. Um documento tem uma autenticação, uma publicação, um compartilhamento em sua ordem original. Uma publicação de uma matriz de pensamento. Um primitivo pensamento pensado. Um de tantos outros pontos é sinalizado ali, naquele texto em artesanaria, se fabricando. Uma matriz de onde se principia. A historicidade da escrita. De um meio ou do difuso ou de um fim, tem ali um jeito de o autor pôr o pensamento a pensar. Uma afirmação de pesquisa com pequeno título. Uma amostra em arte. Um estúdio. Ações em atelier. Escritas com velocidade. Práticas em saúde. Parafernália pedagógica. Uma vida inteira se fazendo. As coisas de saúde. As coisas de escola. As coisas de percursos de vida. Também podem ser descritas, romanceadas, dissertadas. O ajuste está no tom, na intensidade, na música. Sim, aquele que escuta a música pode escrevê-la. O ajuste está no que se vê, naquilo que vemos e nos olha. Sim, aqueles que se sentem olhados podem escrever sobre o que observam. O ajuste, talvez, está no que se cheira, no que se come, no que se sorve, no que se toca, nos sentidos. O ajuste está na boca que beija. O ajuste está no sabor da boca que se beija. O ajuste está no corpo. Num corpo presença, num corpo todo, com tudo dentro, sem furos, sem faltas. O ajuste está em mostrar tudo que ali está. O ajuste está nos sentimentos sem nome, naquilo inexprimível, mas que se escreve. Escrita como saúde. A escrita não é uma competência. Não se trata de histórico familiar. Não exige bom professor de língua portuguesa. Não requer anos de experiência. Ela pode ser afinada a qualquer tempo. Não são bons escritores os que leem bem. Escreve pouco aquele que não arrisca a idiotia. A graça traz coisas para o papel. A leveza vem com a falta de grandes ideias a serem defendidas. Escrita não pode se resumir à defesa. Defender uma escrita para assim se sentir escritor ou autor? Se for para ler em voz alta e observar as reações que podem ampliar a amorosidade pelo texto. Inscreva-se em seus movimentos de escrita: mesmo em textos anônimos, em textos indefinidos, em textos secretos, em textos impessoais, em textos genéricos, em texto no gerúndio. Leituras de todas as ordens são profícuas. Esqueça as notícias. Deixe de lado, ao escrever, o que está circulando facilmente. Leia coisas novas para você. Veja o que o rapazinho sentado ao seu lado no banco do ônibus lê. Desça logo em uma livraria e consuma inteiro o que lhe convier. Leia coisas que tragam mais e muita saúde. Não se sabe quais são as boas leituras para fazer bons escritores. Os teus bons exemplos não são plausíveis a todos. Nem todas as tuas escritas serão lidas. Algumas linhas e inúmeras páginas podem ser desprezadas. Anos não são pré-requisitos para a escrita. Escrever como exercício intelectual é requisito para melhoramentos. Escrever para se cuidar, para cuidar de alguém, para dizer que está por perto. Escrita como saúde da família. Escrita como saúde da comunidade. Escrita como postura do corpo para pensar. O teclado, um movimento, a velocidade da saúde sendo escrita. Escrever para além dos protocolos. Escrever para narrar uma conversa coloquial. Uma anotação de relatos de doença tornando-se saúde enquanto a ordem do discurso vai sendo alterada.

Quando leio o que é possível anotar daquilo que se entendeu como adoecimento, a saúde vai se recompondo. Outros nomes são inventados para aquilo que dói. Escrever requer ousadia. A vida se mistura com a escritura. Uma escritura é partilha do sensível. Com ela colocar à mostra, em comunhão, coisas que são da comunidade. Partilha do sensível que dá forma à comunidade. Escritura que partilha, arranja e fragmenta as partes – somente do que é comum a pelo menos dois. Um pequenino cuidado arranjado. Aquele melhor lugar para a escrita. O chão no canto do vaso sanitário. O esconderijo da cama desarrumada. O computador do trabalho em sábados de folga. Parresia na escrita de Foucault. O cantinho de Barthes. Os esquemas de escrita de Benjamin. As vilas de Gonçalo Tavares. A morte – que escreve sentada – com Blanchot. Todos que escrevem tem seus desassossegos, por isso sentam e escrevem sentados. A escrita esculpida levanta, pendura, abaixa, faz exercício com os dedos na argila, naquele cantinho aonde ainda resta um detalhe para o ajuste. Eu te amo. Um som de palavrão. Soa como palavrão. Todas as palavras feias ditas com: eu te amo – oras! Uma questão de querência e potência. Uma questão de escrita que é parresia fati? De amor fati na escritura. De amar o que parece bater e é acolhida, levante, puxão. Respirando, então! Além de poesia, dança kizomba. Pois que. Ora, pois. Além de poesia, dança música lenta de bracinho ao modo anos 80 de qualquer século. Escrita contornado o problema de modo transversal. Escrita, escritura. Escrita pois que – arre – sai escrevendo. Costuras que ligam folhas. Vem quando os projetos mirabolantes de impressão começam a ser desenhados num bloco de papel. Escrita que vem. Escrita solicitada pelo orientador que diz: esse é o método sem fundamento. Orientador que diz: pare de ler e escreva-me, minta, registre, renda-se! Escrita beije-me, pois que de ti padeço, escritora de tese. Escrita paideguá oh. Bah! Oxi, amor. Escrita brejeira. Escrita erva daninha. Escrita “gramiando”, diria o roçador. Escrita gramando. Escrita grampeando. Escrita overloque. Acontece quando foge na direção: à direita. Escrita quando volta: à esquerda, ao meio, sobe, não se contenta em ir somente em linha sequencial para a próxima folha. Escrita exibicionista. Escrita nua. Escrita desprovida de pudor. Escrita maldita. Escrita em revista “Qualis nada” (Processo C3 – 16/2014). Escrita memorial. Escrita etnográfica. Escrita cartográfica. Escrita animação. Escrita pelo motivo dos amigos escritores. Escrita pelo motivo dos amigos impossíveis. Romance falido. Poeta falido. Cartoneiro amado. Pai de Estrela. Romance jogado. Romance jogo de cartas. Romance por email. Romance via webcam. Romance lenço. Romance lenço. Romance esperando perfeição. Romance desistência. Romance música que você compôs. Romance ainda a ser escrito. Romance de escola. Romance de síndromes de down com cadeirante. Romance de lanche de loucos a namorar. Romance de loucos ao lambar-se. Romance de molho jogado no colo em retribuição a cerveja na cara. Romance brega. Romance de gente comum. Romance três maridos e duas mulheres. Romance gay heterossexual. Romance a ser escrito como clássico da vida em ato, sem carne e vida somente. Romance é sempre um risco em educação com em saúde – sempre expande e traz equilíbrio. Escrita ruminante, ruminada, ruim e nada. Escrita mirante. Escrita da escrita. Reescrita. Sempre é uma boa data para a escrita. Sempre é uma boa data para quem escreve. Sempre é uma boa desculpa também. Tocar em um bar, guardanapos ganhar, novos escritos acumular. Tocar em um bar para ter o que escrever de tanto atravessamento de vozes, jeitos, sentidos, cores,

roupas, tensões, tristezas, dúvidas, solidão, mentiras, assédios. O “cientista qualis A” frequenta bar? Escrever com velocidade. Escolher o procedimento errado para cada início de boa escritura. Escolher um procedimento a cada nova escritura. Escolher a música, a paisagem, os vídeos, o lugar, sentar e escrever. Somente escrever, sem parar, sem corrigir, sem olhar as linhas, as quantidades, as páginas, as folhas, o avesso, o verso, o equívoco, o ponto, as conjunções, a letra maiúscula etc. Escrever automaticamente conectado a bobagens. Escrever com vontade, com sorte, com amor, com cuidado, com cor. Escrever um pedacinho em cada folha. Escrever unindo os pedacinhos da pesquisa que não rendeu naquele dia. Escrever para o orientador pedindo para completar. Escrever para o professor aquele artigo incompreensível para lhe dizer que suas aulas foram incompreensíveis e por isso eram maravilhosas. Escrever pedindo emprestado papel, lápis, qualquer coisa que segure a ideia para depois registrar na pesquisa. Escrever com datas. Em cada data uma nova sinalização de dados, de informações, de pesquisa. Escrita do tipo: asterisco, caneta de destaque amarela ou verde, linhas para sublinhar, dobrinha na borda da folha para lembrar da boa escrita que ali está. Escrita de cartas para as pessoas importantes para a pesquisa, com troca de impressões. Escrita intervenção. Escrita susto. Escrita pedindo de atenção. Escrita no quadro de escola. Escrita viva. Escrita vivendo. Brincar de ser clássico. Brincar de falar sério. Escrever e recolocar os problemas (que tem as soluções) pela forma pela qual se colocou como o problema como problema.

.

.

“Jovem, eu exigia das pessoas mais do que elas podiam me dar: uma amizade contínua, uma emoção permanente. Agora eu sei pedir a elas menos do que podem me dar: uma companhia sem frases. E suas emoções, sua amizade, seus gestos nobres guardam aos meus olhos seu valor completo de milagre: um absoluto efeito de graça”. (Camus – p 15 – Esperança do mundo).

.

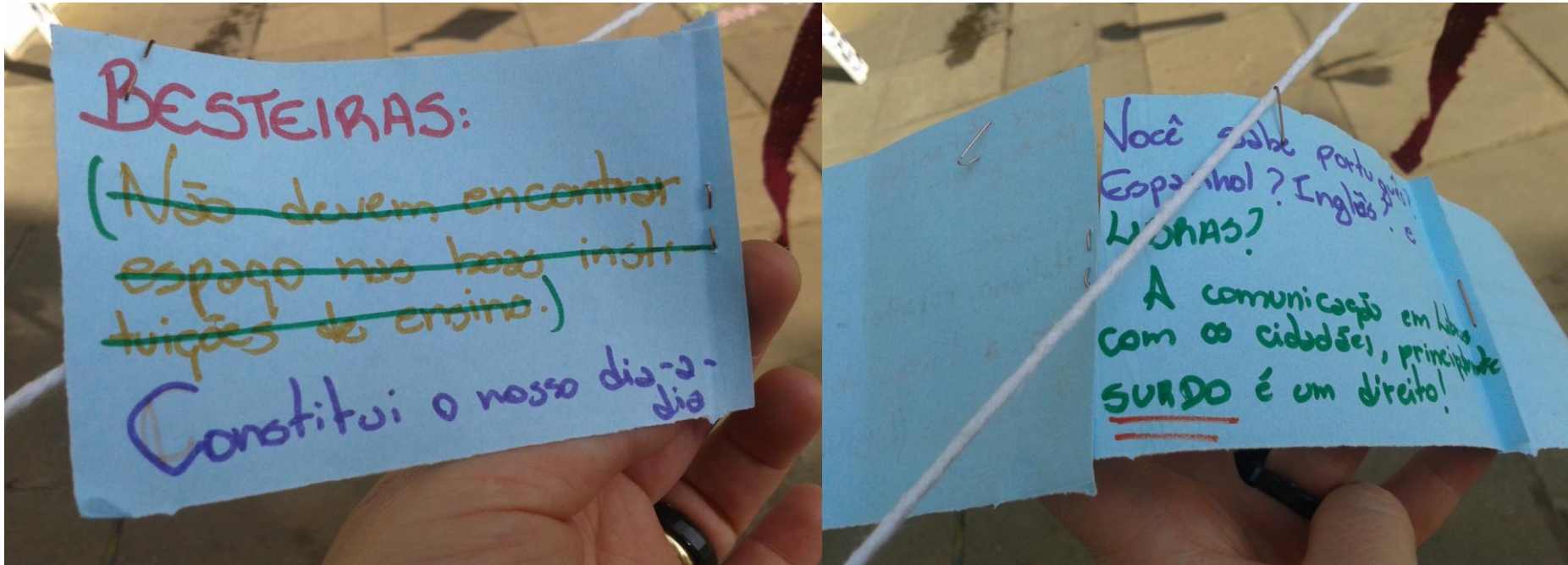
Ainda Camus (p.43):

“escrever é se desinteressar”



Procedimentos

IMAGENS-OCUPAÇÃO



IMAGENS-OCUPAÇÃO



IMAGENS-OCUPAÇÃO



IMAGENS-OCUPAÇÃO



IMAGENS-OCUPAÇÃO

As Imagens que compõem essa intervenção foram feitas num dia de #OcupaçãoFACED/UFRGS, uma atividade de mobilização e greve. Na aula do dia três de setembro de dois mil e quinze li uma carta aos estudantes para lembrá-los da instalação que está mostrada nas fotos anteriores e que foram produzidas com eles:

.

.

Carta de Daniele Noal Gai

Porto Alegre, 03 de setembro de 2015.

“Fotos de intervenção (giz – retalhos – poesia) pela educação pública para todos. A nossa conversa partiu de um email com o convite para vir à Faced com humor, retalhos, botões, fios, fitas e linhas. Um grande tecido xadrez, com quadrados brancos e vermelhos, com mais ou menos três metros por sete metros, estava assentado em frente ao portão/porta principal da faculdade. Na sala de aula estava um bilhete que reforçava o convite sobre a conversa acerca da educação, com intercessores das artes, que aconteceria no pátio da Faced. O loucoartista da poesia, Manoel de Barros, esteve conosco em aula; produzindo encantamentos. O Livretopanfleto, do Programa de Extensão Atelier Parafernalias, passou entre os olhares e foi disparador para alguns de nós conhecermos os colegas, nos apresentarmos. Foi possível, a partir das perguntas que compõem o Livreto, saber: ‘como você está ultimamente e como você veio hoje?’ Tais perguntas podem ser respondidas de modo respeitoso e razoável. Fugimos e sentimos a necessidade de sorrir, olhar nos olhos, ser compassivos e já instituir a amizade. As aulas tratarão de uma ética da amizade, já contratamos naquele dia, do mês de agosto de dois mil e quinze. Alguns leram uma ou mais perguntas do Livreto, dentre elas, sorteando, abrindo ao acaso, querendo saber qual o filme preferido; o filme preferido é o preferido?; a estrela preferida; a música; se beijou e qual o conforto preferido: da mentira ou do fato verdadeiro? O que isso pode ter de interessante e o que se pode relacionar com a vida cotidiana da pedagogia envolvida com a deficiência? Afinal de contas a disciplina será de educação especial? A verdade é que não estávamos tratando do tema; é vício de professor levar para suas performances, materiais, enunciados e afirmações que lhes são simpáticos e, até certo ponto, elásticos. Tratamos de aspectos gerais, sentados em tecido colorido, cercados de novos amigos, com diversos retalhos, livros, canetas

coloridas, barbantes. Tratamos do que era comum a muitos de nós: aquele desejo de permanecer um pouquinho mais para ver no que vai dar a aula, a disciplina, o semestre, o encontro. A aula era pública e aberta. Começamos uma produção de artefatos plásticos com enunciados de nossa autoria. Enunciados ético-plásticos? No coletivo variante, ora de alunos que se acompanharão no semestre, ora calouros com corpos pintados, ora por crianças, ora por ex-alunos daquela disciplina, ora por quem vai e quem chega por instantes, ora por docentes ou servidores grevistas. No coletivo começamos a esticar fios entre árvores, mastros de placas, grades de janelas, portas altas. As melhores ideias foram dos estudantes desta turma, de quem me ouve e me lê agora, através desta carta. Naqueles barbantes, que se cruzavam, foram sendo pendurados, pouco a pouco, timidamente, laços de tecidos coloridos, de bolinhas, amarelos, verde, branco, preto, voal, cetim, poá, jeans. ‘Disfunção lírico-afetiva’ (Manoel de Barros – Só dez por cento é mentira). Estética da pergunta: o que querem com isso? Onde chegarão? Foi feita uma instalação com dimensão ampliada, tomando a frente da Faced e do Dafe (Diretório acadêmico da faculdade de educação), trancando a passagem com cor e alertas. Entre as mensagens, as frases, os papezinhos, os Livretos, os manifestos, a pichação, estavam anúncios sobre a língua brasileira de sinais, a acessibilidade, a educação pública de qualidade, a poesia na aula, os corações, a inclusão, o respeito, as flores etc. Perceberam como se repetiram as expressões com desenhos de flores, corações e estrelas? Giz de lousa na mão e as calçadas logo ficaram coloridas. Também foi abordada cada gente com um pequeno pedaço de giz. Ao receber o giz, a curiosidade era estampada no rosto. Ao entregar o giz era dito: em defesa da educação pública para todos, e (...) você já beijou hoje? Logo ao receber o giz, seguia-se direto para o beijo. Logo o gesto era de voltar-se para o chão e riscar, fixar ideias, florir, alertar. No coletivo já éramos muitos outros. Não havendo hora para acabar. Arrumou-se num cantinho do tecido as ferramentas simples e escolares de trabalho. Foram-se, os estudantes de pedagogia, com entusiasmo. A composição ficou até a noite em frente ao prédio azul. As reações violentas eram visíveis ao levantar ou abaixar o corpo para percorrer o caminho entre os fios. As sensações ao ver o desejo de intervenção foram anunciados por alguns que passaram e citaram ‘ e curiosaram ‘ e se interessaram pelo ali implementado. Foi chamado de panfletagem com poesia. Caminho de afetos. Oficina de greve. Ocupação extensiva da comunidade. ‘Olhar de Ver’ (Manoel de Barros – Só dez por cento é mentira). No que se pode extrapolar o desejo de educação potencializadora de aprendizagem? Onde impulsionar nossas ideias fortes sobre educação? Como fazer da educação e da pedagogia a ciência de nossos dias e de nossos corpos? Como ser sério, forte, alegre, dedicado, atento, imaginativo com a máxima capacidade? O que mais há para se instalar em mim ‘ em nós ‘ conosco ‘ que faça sair do raso, fazendo fugir por ações e por palavras lisas e inventivas. Criemos projetos para iniciar nossos projetos. Aquela instalação de fios e retalhos pode ser reproduzida em escola, em espaço público, em nossas aulas como professores. Além daquela instalação quais outras podem ser inventadas? Hoje começamos nossas aulas para criar ideias sobre a deficiência, utilizando sensações, cinema, textos, folhas, blocos reutilizados, convidados, palestrantes, saída de campo, visita às escolas. Hoje preenchemos uma tabela que articula alguma lógica entre o positivo, o negativo e o ‘entre’ do encontro da pedagogia com a deficiência. Sejam sérios, é um

exercício de lógica-brincante. Temos um bebezinho na sala de aula, saberemos o nome dele? Acompanharemos seus cuidados? Nos dividiremos em nossos cuidados? Desejamos dias de educação em que o cuidado ao professor venha antes do desprezo e do demérito. Cuidemos de nós, exigentes, para que afirmemos com potência nossos dias na pedagogia. Lecionar exige um cuidado mínimo no gesto, no detalhe, para compor um todo plástico, flexível e provocativo. Lecionar é difícil sim, precisa exercitar, treinar, ensaiar, fazer edições de aulas, de textos, de turmas, de encontros. A aprendizagem é plástica; as faculdades, as virtudes e a substância humana se compõem ao modo elástico, fragmentado, e com um todo agindo. Escrevo esta carta em nossa primeira aula, quando da primeira atividade que fazemos para compor nosso cronograma de aulas deste semestre. Aquela instalação fez parte da mobilização e das aulas abertas da greve. Todos temos nossos maios e outras revoluções. Resistência, futuros professores, desejo amorosamente. Ao assistir o documentário ‘Só dez por cento é mentira’, com a poesia e com Manoel de Barros, vocês fabricaram seus bloquinhos de anotações, que já devem conter uma tabela com constatações primeiras. Nos bloquinhos registrar modos de avaliação das aprendizagens até aqui. Enquanto isso, enquanto todos trabalhavam com folhas, grampeadores, barbantes e colas, eu também fabricava sentidos para dizer que já somos muitos, já fizemos tanto, e é preciso autorizar e registrar isso. Enquanto isso, anotei nas bordas da página o que ouvia do Manoel de Barros e em nossa sala de aula: ‘Poesia é para descumprir’. ‘Eu sou muito ciumenta, ele é muito assediado’. ‘Estamos costurando com o grampeador, mas está acabando a linha’. ‘Aparelho de ser inútil’. ‘É preciso transver o mundo’. ‘Está calor, ele está suando, precisa de ajuda para trocá-lo?’. ‘Quero dar encantamento’. ‘A pessoa com deficiência, então, pode aprender e se escolarizar em escola comum?’. ‘Tenho experiências com alunos com deficiência’. ‘Meus pais são surdos, tive dificuldades em entender que uma escola pode ser muitas escolas, que outras formas de escola são necessárias, e nem estou falando de escolas especiais não’. ‘Eu sou autista e sou aluno de Letras, monitor da Dani’. ‘Para dar uma aula lotada, só com ideias lotadas!’”.

Entoado g

Curandeira

Argumentos

“Devir feiticeiro”

(Deleuze – p. 20 – Mil Platôs 4)

“Porque não foram outros os limites que se lhe impuseram quando da exposição nua e crua ao desequilibrado, pois que sem promessa, fundamento, ou ficção, da Cena/corpo de Nietzsche ao sussurrar, com voz rouca, o pensamento do eterno retorno do mesmo – pensamento este a exigir, muito aquém do especulativo, toda uma acumulação de materiais pouco ou nada nobres que acabam por esgarçar o mais que pode o corpo que se lhe oferta: a dor aguda de Zarathustra, o horror daquela hora, o descabro daquela visão – e, no entanto, a convalescença seguida da afirmação implicada no trabalhar do trabalho sobre si mesmo. Como diz Nietzsche em *Ecce Homo*: ‘tomei a mim mesmo em mãos, curei a mim mesmo’. Basta também que notemos no corpo em derrubamento de Antonin Artaud o que pode de esgarçar, de desmembrar, de intoxicar o anúncio de uma abismalidade... o desabar do organismo e sua regularidade funcional”.

(Queiroz – p. 58 – Meu próximo)

“Francis Bacon: Sou desse jeito. As coisas banais, comuns, não me arrebatam. Não gosto das coisas superficiais. É mais forte que eu. Quando leio os últimos versos de ‘The second coming’ de Yeats, fico mais tocado do que por qualquer pintura histórica, qualquer imagem de guerra. (levanta-se, pega na prateleira de sua estante a antologia de Yeats e lê numa voz quase neutra, sem ênfase: ‘O segundo advento: E qual uma besta informe, chegada enfim sua hora, /Arrasta-se para Belém, para lá ver o dia’). Franck Maubert: O que o toca nesse caso é a arte de Yeats, a intensidade dramática de seus versos, não apenas a brutalidade da imagem. Francis Bacon: O poder e a força de suas palavras, e também sua dimensão e visão profética”.

(Maubert – p. 24 – Conversas com Francis Bacon)

“Não despreze a sensibilidades de ninguém. A sensibilidade de cada um é seu gênio”.

(Baudelaire – p. 29 – Meu coração desnudado)

Demonstrações



A psicologia da educação tem fórmulas para a cura. Cura mazelas, sabe cada fase de todas as vidas, conta e restringe medos, controla experiências, diz qual o limite de cada. Mesmo assim é saúde. Em geral temos precisado de receitas e de cura na educação como na saúde. As redes, as rodas, os círculos, as dinâmicas de grupo, elas são pedagógicas e, por isso, terapêuticas. A dessemelhança das necessidades e das voltas do caminhão de gás e do caminhão que vende melancias nas ruas não pode ser invadida. A diversidade só pode ser uma espécie de variação nas formas de aprender e ensinar. Uma multidão compartilhando variações e aprendizagens, em escolas, em aulas abertas, em espaços coletivos. Apenas podem ser sortidos aqueles objetos que nos interessam sem uma explicação imediata. Há exageros na referência à aprendizagem pelo desenvolvimento e do desenvolvimento pela aprendizagem. Dizem tão pouco de uma proposta de cotidiano escolar. Coisa mais simples, da ordem do trivial, do comum. **Um projeto de cotidiano escolar (preferiria ler mais disso).** A fofoca, o cochicho, os empurrões de amigos, as tutorias de alunos mais experientes, as ‘selfies’, as fotografias, as contações de histórias, os grupos de estudo e pesquisa por afinidade de temáticas e áreas do conhecimento, isso tudo possibilitaria a alunos com deficiência outras maneiras possíveis de enunciação, escritura, expressão, aprendizagem. A escola planejar e avaliaria doutro modo, com a parceria, com a mistura, com a coletividade se pronunciando, com as associações combinadas, com as fotografias, com os vídeos caseiros, com as entrevistas entre pares. Os pais não precisam procurar curandeiros para livrarem-se das imagens endemoniadas de seus filhos com deficiência. Os pais podem procurar a benzedura para o alívio da dor de barriga. Quebranto também atinge aquele estranho corpo pela metade, idiota, babando? Quem não se desenvolve a partir de um parâmetro simétrico regular, murcha, apodrece e desaparece? O que decompõe os corpos são os parâmetros normalizadores. Benzedura para o filho com deficiência seguir a cultura, não para o filho ser mais parecido com um outro que nunca vai existir nele. Um desafio falar de avaliação diferenciada na educação, como na educação especial, prefiro apostar em procedimentos e didáticas diversificadas, avaliações também diversificadas, com múltiplos recursos, parafernálias, meios e técnicas. Auxiliar a diagnosticar a aprendizagem, servir de potência para mobilizar outro planejamento, um planejamento de outras novas estratégias e outras novas aulas e outros novos procedimentos. **A aula não foi arquitetada para formar especialistas na disciplina.** Não há como remediar o que não aconteceu. Fazer acontecer. Aula duração. Aula efeitos colaterais saudáveis. Aula efeitos de saúde. Aula efeitos de bem querer. Aula efeitos de amor. Aula efeitos de gozo. Agenciar acontecimentos em aulas. Aulas-agendas de acontecimentos. Aulas com curiosidade sobre o próximo grande acontecimento coletivo. Aulas que sejam desejo, que despertem desejo. Com mãos em formato de conchinha. Com passos vagarosos. Com “vagarinhos”. Em dias módicos. Em encontros semanais, noturnos. Tons de giz. Dobraduras. Origami. O profético é o dito. O profético não está para futuros. A linguagem pode anunciar os sentimentos, as sensações, assim descobrimos muitas novidades, assim também afirmamos o que não era sabido por outros. Anunciar uma intuição e não apenas reiterar, reproblematicar ou circular em torno dos mesmos problemas com as mesmas probabilidades.

Anunciar uma intuição! Não é historiadora ou historiador, uma vez que não tem dificuldades de encostar no presente, na atualidade, na atualização dos fatos. Não é matemático, que confere os resultados e que trabalha com resultados. Mas, também é um tanto de cada área ao entrecorpo com outras. Lambe-lambe no muro para indicar o endereço clandestino. Lambe-lambe na rua para indicar a chegada até a curandeira. Lambe-lambes colados para indicar amor, mais amor. Lambe-lambe na calçada da universidade indicando: morangue-se hoje! Lambe-lambe na entrada da universidade alertando: por mais aulas com bolhas de sabão. Seria a universidade uma curandeira? Há caminho indicado em setas para racharmos as formalidades e encontrarmos mais energia, vitalidade e saúde para o espírito que perambula pela universidade? Sem vitalismos, sem falar de excêntricos, sem falar de intelectual estilo padrão, ou falando deles todos, poderemos tratar de um conceito de universidade que faz bem e ponto. Texto em cartazes. Texto de cartazes. Texto que comete um exercício de escrita, inscreve-se nos estudos de arte e memória numa perspectiva contemporânea. Produz um estilo em educação e em artes, o chamando de Pedagogia de cartazes. Traz uma abordagem para a pesquisa que se vincula ao entendimento da memória como duração, e justamente por isso, atualização. Dos escritos de Bergson (Evolução criadora), retiram-se argumentos de entendimento das faculdades intuitivas, cujo papel é ou conservar as ideias adquiridas ou combiná-las entre si. Questões essas que são importantes ao explicar o que os cartazes podem produzir na experiência da aprendizagem daquele em situação de vulnerabilidade. Uma vez que são visualidades, o que podem produzir naqueles que os percebem? Passou a ser mais um material de divulgação, de poluição das passagens, de informação, de publicidade, de gangues, de partidos, de protestos, de campanha, de informações sobre exposições, sobre Bienal? No caso específico da escola, como os cartazes produzem experiência visual? No caso específico da escola os cartazes produzem experiência visual, que é aprendizagem. Os estudantes com atenção, displicentemente, por acaso, por agenciamento, pelos inusitados dos dias, aproveitam-se do que os cartazes lhes mostram. Continuemos a fazer perguntas em pequenos cartazes, pois que nem sempre a resposta é a melhor saída. Entradas, achar anúncios para chegar e aprender, essa é a resposta que se quer dar. **Pedagogia de Cartazes e aprendizagem por impressões e sensações.** Vale explicar que as impressões feitas neste texto foram escavadas de aulas, de coisas de escola, de coisas de posto de saúde, de coisas de hospital psiquiátrico, de espaços que se localizam entre a seriedade, o obrigatório, o singelo e a alegria pedagógica. Lembremo-nos que a pedagogia dita e feita aqui é a de cartazes. Da matriz de experiência. Da importância. Ética da experiência. Pelas bobagens da rotina. Pelas leves bolhas de sabão. Por brisas e certa escuridão. Pela metamorfose de pedras e lagartixas. Pelo feitiço. Pela benzedura. Por xamanismos. Imaginação! Caso sério a tal imaginação. Caso sério para um educador. Caraminholas a serem colocadas em prática em um espaço de pura sensação. Quais sensações seriam relevantes? O tema é jogo e como jogar, como colocar-se em movimento de jogo? Contaria que para um professor que põe alunos a jogar é mais importante saber ensinar a estudar do que a jogar. Ensinar a estudar exige criar estratégias particulares para cada aluno (junto ao aluno) se conectar com o desejo da aprendizagem. Sair da ideia de “aluno diagnosticado”, “aluno tímido”, “aluno coitado”, “aluno que não sabe nada”, “aluno mais ou menos”, “aluno com dificuldades

de aprendizagem”, “aluno em situação de vulnerabilidade”, “aluno abusado ou violentado”, para capturá-lo pela alegria da experiência da aprendizagem. Afirmar-se, produzir a si, pelo que aprende e que transforma em vida. Provocar gostar da investigação de conceitos formais em meio a limitações cognitivas tão marcadas pelos instrumentos formais de avaliação. Burlar, sim, a rigurosidade das avaliações em detrimento de um planejamento que seja compartilhado e aberto. Confrontar tudo que se possibilitou em termos de experiência e que foi cumprido com excelência pelo “aluno diagnosticado”. Diante do aluno se fazendo aprendiz, um fazer aulas bem planejado. O planejamento das intervenções pedagógicas é muito anterior ao contato com um aluno e um diagnóstico. Um planejamento de aula ou de atendimento ou de consulta ou de terapia exige: linhas de cuidado. Ter modos de condução que favoreçam a permanência e a aprendizagem. Como usar aquele restinho de curiosidade e esforço intelectual? O que ainda sobra das dificuldades tão cheias de siglas e nomes? Um menino, uma menina, o Jeremias, a Ana Lua? O que necessariamente entender absolutamente: de desenvolvimento e/ou de aprendizagem? Seria um equívoco a pedagogia de cartazes dedicar-se a um ou outro, mais importante é a aprendizagem (em alguma medida) acontecer. Aprendizagem por sensações, certamente. Sob o alerta de que mais importante do que saber o aluno e o diagnóstico dele, para colar um ao outro, melhor mesmo era saber olhar para o aluno com todas as informações que ele traz e mais um tanto que podemos auxiliá-lo a criar. O que acontece na sala de aula comum é um contrato que fica sobre o controle do professor. O contrato só pode ser feito em grupo, num coletivo atento a ética da amizade. A dúvida é sobre qual controle o professor necessita exercer. Controle das listas de presença. Controle das avaliações. Controle da participação. Controle do envolvimento. Controle do entusiasmo. Controle da alegria. Controle da aprendizagem. Controle da permanência. Quem exerce o controle o faz pela profanação. Profanar em Agamben (p. 10 – Profanações): “significa tirar do templo (fanum) onde algo foi posto, ou retirado inicialmente do uso e da propriedade dos seres humanos”. “Profanar é assumir a vida como jogo”. Contaminemos-nos com a Energia Espiritual de Bergson (p. 46): “a arte do escritor consiste principalmente em fazer-nos esquecer que ele está empregando palavras. A harmonia que procura é uma certa correspondência entre idas e vindas de seu espírito e as de seu discurso – correspondência tão perfeita que, transportadas pela frase, as ondulações de seu pensamento se comunicam com o nosso e então cada uma das palavras, tomadas individualmente, já não importa: não há mais nada além do sentido movente que atravessa as palavras, mais nada além de dois espíritos que parecem vibrar em uníssono diretamente, sem intermediário. Portanto o ritmo da linguagem tem como único objetivo reproduzir o ritmo do pensamento; e o que pode ser o ritmo do pensamento senão o dos movimentos nascentes, pouco conscientes, que o acompanha?”. “Em outras palavras, o pensamento está direcionado para a ação”. Pensar sobre as virtudes. Sob a condição de exercitar a prudência, de modo a nos compormos, evitando o jogo com o qual não podemos compor. Experimentar jogos aumentativos das formas de afetar e ser afetado. A alegria do jogo põe em movimento uma ética viva. A alegria do jogo é faísca para pensamento variando ético.

Entoado h

Arteira

Argumentos

“Franck Maubert: Seus ‘disparadores’ podem também ser fotografias ou imagens, não é? Francis Bacon: Sim, claro, imagens como vida, como as do olho contado do Cão andaluz de Buñel e Dalí. É fantástico! A fotografia me dá uma ajuda, me serve de apoio, me suscita e provoca imagens. A fotografia me permite arrancar, depois eu risco, subtraio, apago. No fim, não resta mais muita coisa da fotografia originária. Na verdade, ela me liberta da necessidade de exatidão. É um maravilhoso disparador. Sabe, logo depois de sua invenção, a fotografia transformou totalmente a pintura e a visão dos pintores. A fotografia engendra outras imagens. Quem pode ignorar isso? Há instantâneos que nenhum pintor poderia captar. Movimentos...”

(Maubert – p. 25 – Conversas com Francis Bacon)

“- Digamos que eu tenha trinta anos; mas se vivi três minutos em um..., não tenho noventa anos?”

(Baudelaire – p. 32 – Meu coração desnudado)

Demonstrações



Um artista, por vezes, circula inúmeras vezes pelos elementos que compõem sua obra. Um artista, por vezes, circula inúmeras vezes pelos elementos que compõem a obra de outros. Um artista, por vezes, circula inúmeras vezes pelos elementos que compõem a obra de arte. Um artista, por vezes, circula inúmeras vezes pelos elementos disparadores de sua obra. Os estudos para a iniciação de projetos de arte têm muito de: obsessão por séries; por coisas em repetição; por coisas parecidas; por elementos sequenciais; por objetos colecionáveis; por aquilo que apresenta semelhanças; por séries de tons; por séries de pincéis; por séries de repetição; por séries de livros; por série de autores; por série de romances; por linhas de fuga. Um artista, de modo amplo, é aquele que coleciona fotografias, filmes, danças e movimentos. As séries de aprendizagem devem se dar somente por multiplicidade, por variação e alternância. Um modo de se apresentar para alguém. Um modo de amar e referir filhos. Um modo de falar da menina, do instante, do segundo, quando ela rabisca, artista. Quer ser Saramago? Escritor, mecânico, funcionário público, marceneiro, Nobel de literatura, pensador de esquerda? Por que arteiros só são: Kafka, José Saramago, Manoel de Barros, Francis Bacon e Hilda Hilst – estão uns para os outros indiscutivelmente. Nada e o suficiente, muitos fragmentos e uma política tácita: a da arteira. Uma ética arteira, da criança bagunçando, bagunçada. Nada real, e absurdamente política a posição. Uma criação nova, sobreposição da vida, contato e composição. Fala a língua do seu país, é dele que quer dizer, ele sabe narrar, sobre a língua tem domínio de rã. É na sala de aula, num picadeiro, na zona da aula, que se coloca no limite a experiência da aprendizagem de sensações. Na sala de aula a linguagem e a experiência são levadas ao limite (recomenda-se ao menos). Das séries das artes. As séries da televisão, dos filmes, dos cinemas, das prateleiras de videolocadoras, das personagens de ficção científica: agem sob o encantamento e aprendizagem. Qualquer série como coleção de boas lembranças. Qualquer série que lembre fixação. Qualquer série que seja da ordem da obsessão. Um colecionador é um compulsivo por séries raras. Um colecionador é um seriador. Quem coleciona tem o prazer da série. Colecionam-se objetos de encanto, que provocam encantamentos. Aquele organizador de séries é um tanto desarranjado em sua obsessão. Um artista, por vezes, circula inúmeras vezes pelos elementos que compõem sua obra. Um artista, por vezes, circula inúmeras vezes pelos elementos que compõem a obra de outros. A sequenciação de aprendizagem só pode servir a provocação de outras novas sequenciações. Nunca uma série deve seguir rigor outro que não aquele da descoberta, da curiosidade e do aprofundamento de estudos. O rigor das séries num jogo de canastra. A lógica apenas da série num jogo de tabuleiro. Num jogo de dados, jogue suas séries! Aprendizagem a granel. Elementos sortidos. Balas sortidas. Lápis a granel. Cereais a granel. Frutas a granel. Feira e ecologia. Cartazes de feira. Cartazes do bairro. Mapas-cartazes. Trilhas-cartazes. Cartaz de reunião de bairro. Parei. Deambulação. Brincar de parada de ônibus. Brincar de ser taxi. Brincar de empilhar livros. Brincar de caminhão com assovios. Brincar de moto com roncos onomatopeicos. Brincar de vestir, vestir-se, banhar, merendar, nada. Imaginação! Como juntar Aristóteles, Arnaldo Antunes, Hilda Hilst, Tom Zé, Maria Montessori, Paulo Freire, Jorge Amado, João Cabral de Melo Neto, Foucault, Benjamin,

Bergson, Chico Buarque? Ampliaria demais o valor da obra. Brincar de ser escritor. Brincar de dar autógrafos. Brincar de assinar camisetas como celebridade. Professor é celebridade entre as cópias e impressões das crianças (desde sempre). Flores e mais amores. Amores de maios. Amores e Caios. Brincar de amar o médico spinozano. Cartaz de alerta: cuide da sua rua, da sua calçada, da sua fachada! As múltiplas ecologias. A sustentação das variações da comunidade, do comunitário, da ecologia do lugar, das conectividades com a diversidade de quem ali se aconchega. As experimentações em atelier de aprendizagens a granel. Experimentações de aprendizagem avaliadas e reprogramadas pelos docentes em conjunto com a comunidade. Comunidades reunidas em horas de lazer, prazer, criação, produção. Garantir espaços de experimentação e vivências escolares relacionais àqueles alunos que não respondiam às exigências do currículo escolar formal. Fato é que quando abrimos o currículo à experimentação temos uma afirmação da aprendizagem e da sua eficiência. São feitos investimentos de aprendizagem intensos e extensivos, ao mesmo tempo mais leves, numa velocidade que empreende diversidade e que não necessariamente a respeita. Empreender a diversidade significa, na Pedagogia de cartazes, abrolhar coisas de escola que sejam dinâmicas, criativas, porém, pela ordem da cartografia, do absurdo, da mistura, da alternância, das artes. Considerar a diversidade nas saídas e entradas no currículo significa trazer a criação para o centro do trabalho pedagógico. Sobre a maturação dessa proposta, ou das fases de aprendizagem, que não estão condicionadas a normalização dos corpos, classificação, maturidade ou seriação. As leituras da psicologia da educação estão tomando espaço demais nos projetos pedagógicos das escolas. É possível um encontro afetivo com uma escritura em cartaz, sobre Bial, por exemplo. Seja lá o que isso pode ser, ainda assim é uma possibilidade de aprendizagem. Arteira e artista. Arteiro e artista. Adjetivos admissíveis a um tratamento com crianças, com pessoas criativas, com sujeitos a criar modos de existir e se experimentar. Não é ideal, não se trata de um jogo ideal: é o que com mais de um, de uma, com mais ânimo se fabrica. Ânimo bom fabrica jogo bom. Não jogo para espelhos, para reflexos, para reflexões, para explicações. No canto do pátio, no olho do gol, deambulando, na hora, no ponto, no ato, no quadro, no furo, no toque, no lugar. Estopim. Pranto. Tanto. Acorda. Tonto. Explode. Sabe de nada. Raio. Cai. Imagem-vida. Imagem-ação. Imagem-movimento. Imagem-jogo. Imagem-montagem. Olhando pra você. Olhando pra alguém. Lugar para olhar para alguém. Pronto. Ocupa. Tempo sem tempo. Tempo com tempo. Perto. Tempo inteiro. Ocupar pouco tempo. Ocupar-se pouco. Ócio todo. Ócio brando. Ócio sol. Ócio nuvem. Ócio e amigos. Lado a lado em expansão. Arteira expansão.

Entoado i

Geringonça

Argumentos

“Conta-se que, certa vez, quando Félix Guattari esteve em São Paulo, perguntaram-lhe delicadamente se poderia moderar sua linguagem, evitando recorrer a tantos neologismos – corria o risco de ser confundido com um membro de uma das seitas locais. Guattari respondeu calmamente: inventar conceitos era uma aventura. E os conceitos que inventa – seus trocinhos, como ela dizia, suas ‘maquininhas’ – eram sua aventura pessoal. Não eram um meio de comunicação, tampouco um instrumento de marketing. E acrescentou: uma trajetória assim soberana, como a sua, geralmente era solitária, acompanhada ocasionalmente por um eco, ou alguns amigos. Então, após um breve silêncio, subitamente perguntou: o que valeria a vida, se não pudéssemos inventar novas palavras e conceitos? Isso fica ainda mais claro em seu belíssimo e penúltimo livro *O que é filosofia?*, escrito com Gilles Deleuze: a tarefa da filosofia é criar novos conceitos, novas pequenas máquinas. Mas como se faz para reconhecer um novo conceito – ou uma nova pequena máquina? Segundo Deleuze, é possível reconhecê-lo por ser ele estranho e necessário. E isto ocorre somente quando o conceito responde a um verdadeiro problema”.

(Guattari – p. 51 – Máquina Kafka)

“Um sistema filosófico parece erguer-se como um edifício completo, de uma arquitetura engenhosa, no qual as medidas foram tomadas para que nele possamos alojar de forma cômoda todos os problemas. Experimentamos, ao

contemplá-lo sob essa forma, uma alegria estética reforçada por uma satisfação profissional. Com efeito, não apenas encontramos aqui a ordem na complicação (uma ordem que, por vezes, nos divertimos em contemplar ao descrevê-la), mas temos também o contentamento de pensar que sabemos de onde provêm os materiais e de que modo a construção foi feita. Nos problemas que o filósofo pôs, reconhecemos as questões que se agitavam à sua volta. Nas soluções que lhe fornece, acreditamos reencontrar, arranjados ou desarranjados, mas quase que não modificados, os elementos das filosofias anteriores ou contemporâneas”.

(Bergson – p. 124 – O pensamento e o movente)

“Nos fundos da cozinha meu avô tentou cortar o phalo com o lado grosso da faca. Não cortou. Ia pinchar aos urubus. Não pinchou. Bem antes, em 1922, na Vila do Livramento, onde nascera, meu avô apregoava urinóis enferrujados. Ele subia no Coreto do Jardim: Olha o urinol enferrujado. Serve para o desuso pessoal de cada um. Já pertenceu a Dona Angida dos Cocais, senhora de nobrementes. É barato e inútil. Quem se abastece? Meu avô sabia o valor das coisas imprestáveis. Seria um autodidata? Era o próprio indizível pessoal”.

(Manoel de Barros – O livro das ignorâncias)

Demonstrações



Quem faz geringoça quer conhecer · fazer · produzir · moldar · modelar · brincar. Nem sempre quer utilidade · progresso · benefício · ser universal. O processo de conhecer se associa à experiência necessária à produção do conhecimento. Afirmo um processo de aquisição do conhecimento associado à experiência, em que saber-fazer articula-se ao saber narrativo. A produção e a transmissão do conhecimento se associavam às experiências das pessoas. Assim acontecia com o artesão, que configurava o homem experiente, aquele que conhecia todo o processo de produção material e, por via da transmissão do seu saber, narrava e construía a sua cultura. Os restos de madeiras. Os cascos de tartarugas. As lãs de ovelhas. As rochas. As pedras preciosas. As pedras de rio. As escamas de peixes. As peles de bichos. O urucum. A folha de bananeira. A palha de milho. O grão de arroz. O fósforo. Os tijolos. Os restos de construções prediais. As latinhas de cerveja. Pedagogia da sucata. Pedagogia da gambiarra. Pedagogia do que tem dentro do cantinho de guardados. Pedagogia do que podemos inventar juntos. Pedagogia do exercício das mãos, do corpo, do desejo. Pedagogia de cartazes. Joan Brossa. Lygia Clark. Guler Ates. Joan Fontcuberta. Michel Zóximo. Paul Veyne. Bispo do Rosário. Pedagogia da intuição. Pedagogia da fabulação. Parafernálias pedagógicas. Didática experimental. Design criativo. Criatividade em EaD. Interação silenciosa. Compartilhamento indutivo. Esquema de associações de ideias compartilhado. Esquema de associação de ideias compartilhado com formiguinhas. Esquema complexo de aprendizagem pela via da experimentação de bobagens, simplicidades, intuições. Diagramação com cores e texturas. Fotocartografia. Fotomontagem. Colagem. Papelagem. Ludoarte. Lupedagogia. Alfabetismo sensorial. Alfabetismo poético. Considerar a diversidade nas saídas e entradas no currículo significa trazer a criação para o centro do trabalho pedagógico. Aprendem o que significa educação experienciando os possíveis daquela criação que só pode ser mútua. Como fugir de espaços de mediação, de orientação, de ortopedia, de terapêutica? Passar a espaços de produção, de criação. Docências se fazem em meio ao contemporâneo, por vias de criação e impulsos criativos. Experimentações de aprendizagem avaliadas e reprogramadas pelos docentes em conjunto com a comunidade. Comunidades reunidas em horas de lazer, prazer, criação, produção. Sua biblioteca os nós, os laços, as suas próprias histórias. Fazem o múltiplo. Vivem o múltiplo. Criam suas maquininhas de manter históricos de vida importantes e enunciáveis. Não cabem finais, não cabem encerramentos, não cabem julgamentos, não cabem isolamentos. Sem tantas certezas, inventam. Sem tantas certezas, tem esperanças. Sem tantas certezas, contam com utopias. Sem tantas certezas, sonham. Sem tantas certezas, se multiplicam. Sem tantas certezas contam segredos e os esquecem. Sem tantas certezas, exercem o esquecimento. Na arquitetura engenhosa acham as portinhas. Nas portinhas encontram línguas, falam, expressam-se. Fuxicam, cortam linhas, abrem envelopes, destacam papéis. Engenhosa a alegria do texto, da escritura, da escritura sendo ética. Engenhosa a costura, a montagem, o viés. Costurado pelo contrário, início pelo viés, labiríntico o pacote. Espaço verdadeiramente infinito, como carretel de linha cheio de nós, que puxa aqui,

Visto a obter -, taxa, impassível, que lá que fizesse!

Pareces-me transformado; seu olhar brilha, tua
fraldade se veste do manto do sublime. Que fizesse?

É verdade que o resuscitado, como estes dizem!
E por quê? Não fora executado e liquidado com raios?

Tu mesmo me pareces resuscitado; que fizesse?
que voltaste atrás? Como te converteste? Fala inex-
pugnável!

«Oh! Zaratustra! - respondeu o Mais Frio dos Ho-
mões. - És um maroto!»

Quando a saber se ele ainda vive, ou se resuscitou,
ou se morreu completamente, qual de nós dois sabe
melhor, eu te pergunto.

Sei, porém, uma coisa - e contigo a aprendi há
tempos, Zaratustra: Quando queremos matar radical-
mente, ponhamo-nos a rir.

Não é com a cólera, mas com o riso que se mata.
Assim falavas tu. Ó, Zaratustra! Tu que permaneces
oculto, destruidor impassível, santo perigoso, és
um maroto!

Entoado j

Relicário

Argumentos

“Ser um homem útil sempre me pareceu algo bastante detestável”

(Baudelaire – p. 45 – Meu coração desnudado)

“Estudar, em todas as suas modalidades, nas obras da natureza e nas obras do homem, a universal e eterna lei da gradação, do pouco a pouco, do grão em grão, segundo a qual as forças aumentam progressivamente, tal como, em matéria de finanças, os juros compostos. É o que igualmente ocorre no caso da habilidade artística e literária; e também no caso do tesouro variável da vontade”

(Baudelaire – p. 70 – Meu coração desnudado)

[100]

Demonstrações



[101]



Aqui está um método. Relicário de Pathos (aquelas paixões que nos colocam em ação, em afeição, em expansão). Edição de aulas. Coleção feita para aulas. Aulas são edições de coleções. Improbabilidade da vida. Aulas são relicários, asseguro. As séries da televisão, dos filmes, dos cinemas, das prateleiras, das videolocadoras, das personagens de ficção científica: agem sob o encantamento e aprendizagem. Qualquer série como coleção de boas lembranças. Qualquer série que lembre fixação. Qualquer série que seja da ordem da obsessão. Um colecionador é um compulsivo por séries raras. Um colecionador é um seriador. Quem coleciona tem o prazer da série. Colecionam-se objetos de encanto, que provocam encantamentos. Aquele organizador de séries é um tanto desarranjado em sua obsessão. A sequenciação de aprendizagem só pode servir a provocação de outras novas sequenciações. Nunca uma série deve seguir rigor outro que não aquele da descoberta, da curiosidade e do aprofundamento de estudos. O rigor das séries num jogo de canastra. A lógica apenas da série num jogo de tabuleiro. Num jogo de dados, jogue suas séries! Aprendizagem a granel. Elementos sortidos. Balas sortidas. Lápis a granel. Cereais a granel. Frutas a granel. Feira e ecologia. As múltiplas ecologias. A sustentação das variações da comunidade, do comunitário, da ecologia do lugar, das conectividades com a diversidade de quem ali se aconchega. As experimentações em atelier de aprendizagens a granel. Um modo de fazer amigos. Um modo de ir às hemodiálises, colecionando algum novo encontro. No envelhecimento ter encontros e ampliar a vida. “Ou o tempo é invenção, ou então não é nada”. (Bergson – p. 371 – Evolução criadora). No poema intuir sofrimentos. Do poema fazer relicários. Na poesia ter seu santuário. Escrever para o poema. Escrever com o poema. Dar continuidades aos poemas. Retomar a escrita de pequenos trechos. Usar as pessoas amadas para escrever. Dar adjetivos, modos possíveis, novas faces, desdobrar as vidas em poesias. Muitos nomes em relicários. Muitos nomes próprios para cuidar. Muitas bolinhas, bolas, bolitas, para guardar. Muitas estampas queridas repetir, aquele blusão velho bordado, uma meia listrada e todas as roupas de bolinhas. “O relato da gênese bíblica está sendo substituído pelos novos relatos da recriação permanente do mundo. Aqui, nada melhor do que citar Walter Benjamin condenando o reducionismo correlativo do primado: quando a informação se substitui à antiga relação, quando ela própria cede lugar à sensação, esse duplo processo reflete uma crescente degradação da experiência. Todas essas formas, cada uma à sua maneira, se destacam do relato, que é uma das mais antigas formas de comunicação. À diferença da informação, o relato não se preocupa em transmitir o puro em si do acontecimento, ele o incorpora na própria vida daquele que conta, para comunicá-lo como sua própria experiência àquele que escuta. Dessa maneira o narrador nele deixa seu traço, como a mão do artesão no vaso de argila. Fazer emergir outros mundos diferentes daqueles da pura informação abstrata: engendrar Universos de referência e Territórios existenciais, onde a singularidade e a finitude sejam levadas em conta pela lógica multivalente das ecologias mentais e das ecologias sociais”. (Guattari – p. 53 – As três ecologias). Assumirmos-nos radicalmente, com nossas quinquilharias, rasgos, asteriscos, pequenos relevos, desenhos em cantinhos de livros, estilhaços, dobras, manchas, borrões, cicatrizes, estilos, escritos, rimas, sonoridades, músicas, estampas,

intuições e pedagogias – é ato digno de relicário. Radicalmente assumir nossos relicários (discretamente até). E nos tempos deste texto aumentam aqueles que perambulam com seus excesso, com suas bagagens, com seus carrinhos de supermercado com comida gorda, com carrinho de supermercado que são casa para cachorro e para si. Flana-se pela cidade com relicário de objetos com cheiro, com gosto, com aspecto, com adjetivos criados para os: da rua. Relicário diz de guardados, diz, diz, diz sim. Relicariar em pesquisa pode ser o único método. Relicariar em meio à vida.

Uma Carta de Luciano Bedin

Porto Alegre, outubro frio de 2015.

.

“Está no Óbvio e Obtuso, do Barthes, no texto Réquichot e o seu corpo (p. 206)”

.

Dizia Luciano Bedin em mensagem virtual

(tempos depois de perguntar-me sobre minhas repetidas vestes em estampas de bolinhas).

.

Fotografava Luciano Bedin.

(fotografia dele relicariada por mim).

Aqui:

Agenciamentos: Félix Gua x Dani Noal x

https://www.facebook.com/dani.noal.1

Dani Noal

Linha do Tempo

Qual era o seu cargo em Estudos do Corpo?

- Professora na empresa Universidade Federal do Rio Grande do Sul Anterior: Estudos do Corpo e Atelier Paralelâneas
- Estudou na instituição de ensino Universidade Federal do Rio Grande do Sul
- Mora em Porto Alegre, Brazil
- Casada com Maurício Pinton Gal
- De Santa Maria
- Nasceu em 1 de dezembro de 1981

AMIGOS

Os relicários.

Contudo, sendo caixas no fundo das quais *há alguma coisa para se ver*, os Relicários parecem-se com máquinas endoscópicas. Não será o magma interno do corpo que aí está colocado, sob o nosso olhar, como um campo profundo? Um pensamento fúnebre e barroco não determinará a exposição do corpo anterior, *aquela antes do espelho*? Os Relicários não serão ventres abertos, túmulos profanados («O que nos toca de muito perto não pode tornar-se público sem profanação»)?

Não. Esta estética da visão e esta metafísica do secreto turvam-se de imediato se soubermos que Réquichot tinha repugnância em mostrar a sua pintura, e, sobretudo, que ele levava anos a fazer um Relicário. Isto quer dizer que para ele a caixa não era o quadro (reforçado) de uma exposição, antes uma espécie de espaço temporal, a cerca onde o seu corpo trabalhava, se trabalhava: se entrincheirava, se reunia, se enrolava, se expunha, se desoprimia: fruía: a caixa é o relicário, não dos ossos de santos ou de frango, mas da fruição de Réquichot. Por isso, na costa do Pacífico, encontram-se antigos túmulos peruanos onde vemos o morto rodeado de estatuetas de terracota: estas não representam nem os seus familiares, nem os seus deuses, mas unicamente as suas maneiras preferidas de fazer amor: o que o morto leva não são os seus bens, como em muitas outras religiões, mas as marcas da sua fruição.

206

Encaminhar Baixar

Recargas

2015

2014

2013

2012

2011

2010

2009

2008

2007

2006

2005

2004

2003

2002

2001

2000

1999

1998

1997

1996

1995

1994

1993

1992

1991

Destin

Continuar com Lucretia e outros
Por: vive o bate-papo

Está no Óbvio e Óbvio do
Barthes, no texto Requichot e
o seu corpo in 2001.

Entoado k

Acúmulo

Argumentos

“CP: É por ser um agenciamento, que você precisou, naquele momento, ser dois para escrever por ser em um conjunto, que precisou de Félix, que surgiu em sua vida de escritor? GD: Félix faria parte do que diremos, talvez, sobre a amizade, sobre a relação da filosofia com algo que concerne à amizade, mas, com certeza, com Félix, fizemos um agenciamento. Há agenciamentos solitários, e há agenciamentos a dois. O que fizemos com Félix foi um agenciamento a dois, onde algo passava entre os dois, ou seja, são fenômenos físicos, é como uma diferença, para que um acontecimento aconteça, é preciso uma diferença de potencial, para que haja uma diferença de potencial precisa-se de dois níveis. Então algo se passa, um raio passa, ou não, um riachinho... É do campo do desejo. Mas um desejo é isso, é construir. Ora, cada um de nós passa seu tempo construindo, cada vez que alguém diz: desejo isso, quer dizer que ele está construindo um agenciamento, nada mais, o desejo não é nada mais. CP: É um acaso se... porque o desejo é sentido, enfim, existe em um conjunto ou em um agenciamento, que O anti-Édipo, onde você começa a falar do desejo, é o primeiro livro que você escreve com outra pessoa, com Félix Guattari? GD: Não, você tem razão, era preciso entrar nesse agenciamento novo para nós, escrever a dois, que nós dois não vivíamos da mesma maneira, para que algo acontecesse, ou seja, e esse algo era, finalmente, uma hostilidade, uma reação contra as concepções dominantes do desejo, as concepções psicanalíticas. Era preciso ser dois, foi preciso Félix, vindo da psicanálise, eu me

interessando por esses temas, era preciso tudo isso para dizermos que havia lugar para fazer uma concepção construtiva, construtivista do desejo. CP: Você poderia definir, de modo sucinto, como vê a diferença entre o construtivismo e a interpretação analítica? GD: Acho que é bem simples. Nossa oposição à psicanálise é múltipla, mas quanto ao problema do desejo, é... é que os psicanalistas falam do desejo como os padres. Não é a única aproximação, os psicanalistas são padres. De que forma falam do desejo? Falam como um grande lamento da castração. A castração é pior que o pecado original. É uma espécie de maledicência sobre o desejo, que é assustadora. O que tentamos fazer em O anti-Édipo? Acho que há três pontos, que se opõem diretamente à psicanálise. Esses três pontos são... isso por meu lado, acho que Félix Guattari também não, não temos nada para mudar nesses três pontos. Estamos persuadidos, achamos em todo caso, que o inconsciente não é um teatro, não é um lugar onde há Édipo e Hamlet que representam sempre suas cenas. Não é um teatro, é uma fábrica, é produção. O inconsciente produz. Não para de produzir. Funciona como uma fábrica. É o contrário da visão psicanalítica do inconsciente como teatro, onde sempre se agita um Hamlet, ou um Édipo, ao infinito. Nosso segundo tema é que o delírio, que é muito ligado ao desejo, desejar é delirar, de certa forma, mas se olhar um delírio, qualquer que seja ele, se olhar de perto, se ouvir o delírio que for, não tem nada a ver com o que a psicanálise reteve dele, ou seja, não se delira sobre seu pai e sua mãe, delira-se sobre algo bem diferente, é aí que está o segredo do delírio, delira-se sobre o mundo inteiro, delira-se sobre a história, a geografia, as tribos, os desertos, os povos...”

(Abecedário de Gilles Deleuze com Claire Parnet - s/p – D de desejo)

Demonstrações



“Jogue as cascas pra lá”: trecho da música “Saudosa Maloca”, ao som de “Os originais do samba”. Só com o ritmo do pé que caminha com desejo pelo que vive é que pode explicitar didaticamente o que aqui está. Institucionalização. Desinstitucionalização. Fim das escolas-instituições-especiais. Fim das instituições? Fim das escolas? Fim daquilo que pode se institucionalizar em prol do especialmente especial na convivência institucional? Desinstitucionalização-institucionalização ou uma desinstitucionalização-institucionalizada, ou ainda, uma desinstitucionalização a institucionalizar? Todas as instituições são para todos e cada um, desinstitucionalizados, transitar, conversar, compartilhar, experimentar e aprender. Educação regular? Educação suficiente? Educação, preferencialmente? Educação pura? Educação não pura? Educação bucólica? Educação romântica? Educação laica? Educação, cão Laica. Educação segregadora? Educação, por segredos? Educação promíscua? Educação por infecção? Educação relacional, que escuta cada fragmento de vida. Educação relacional, tal arte relacional. Educação com didáticas do compartilhamento, comuns e relacionais. Olhando para a sucessão, aspectos geracionais e alteritários? Uma família ali, uma experiência com ela. Uma comunidade ali, a cultura dela em consequência. Um mundo se fazendo em conflitos. Corpos sobrevivem ali. Estão ali todos aqueles que se submetem a encontros, a amizade, a vizinhança, a junção na esquina, a paquera, a luz, a escuridão, a vida. De todo modo há aí, no cotidiano das possíveis Redes, as descobertas, os fazeres, os afetos, os encontros, as rugas, o rigor, a pontualidade, a espera. Isto tudo em lócus, na comunidade, na comunhão, na mesa. Pode-se perguntar, quem cuida quem? Quem educa quem? Uma sugestão seria tomar a sensibilidade pisca-pisca, a leveza da imagem vaga-lume. Assumir a alternância, a variação, a multiplicidade, a graça, o brilho, a cor, mesmo quando a rede se apaga? Quando uma lâmpada queima a intermitência se altera, há uma variação. Quando há compartilhamento em rede, o que é da ordem e emergência do contemporâneo se faz. Aprender com coisas que não existem. Inventar outras fugas, mais fugas, tantas possibilidades. Estudar, em alguma medida, é arremessar-se. Ir dois ou três passos para o lado, algum a frente, dois e um para trás. Hipóteses, erros, equívocos, conectividades e precariedades. Não necessariamente se fala daquele que vive o local, o personagem, o sujeito, o amante, a senhora da rua do lado. **Diz-se aqui o que coloca os corpos todos a pulsar.** Manipular. Enquadrar. Enfocar. Selecionar. Disparar. Afirma-se a fotografia na educação (em saúde ou qualquer educação) como forma de materialização de aprendizagens, de bricolagem, de aproximação com outros, de aproximação por fotos em exposição. Afirma-se a fotografia na educação em saúde por vias de disjunção, de compartilhamento e de inclusão. O retrato escolar pode dar corpo às imagens-istantes capturadas por alunos em aula. A foto traz a conversação e a fabulação consigo, e para os espaços escolares. A foto transfigura o que é vívido na educação. A foto mostra capacidades e dignidades daqueles postos a fotografar. A foto tenciona as habilidades de ver, de compreender, de analisar, de pesquisar, de raciocínio, de afeto, de inteligência. A fotografia vem, na contemporaneidade, como disciplina potente para a escrita de vidas escolares. Os enunciados proferidos pelos professores podem ser desde: “se eu fosse uma árvore”; “o que se faz para se demonstrar que se está feliz?”; “fotografe seu

caminho”; “faça uma série de autorretratos do pé”; “faça autorretratos”; “fotografe as mudanças da natureza”; “registre a brisa”; “captura com a foto os sonhos”; “bicho pau”; “o que é uma tese, mamãe?”; “au au fez coco”. O que uma câmera e tais provocações podem movimentar em um aluno, isto nos interessa. Perspectiva criadora, arquitetura e invenção de contorno, o cinema - olha para os corpos como abjetos e/de potência. Dois, três, até 9 filmes examinados – isso pode ter mais ligação com o que é a saúde mais do que a teoria e a experiência em saúde. Manipular a criação. Manipular possíveis. Manipular experiências. Manipular falsificações. Manipular plágios. Manipular originais. Manipular montagens. Manipular a opiniões. Manipular informações. Editar para criar. Editar e selecionar o que nos serve. Narre a ilustração. Siga as setas e crie. Continue os traços do desenho. Metalurgia de ideias. Metalurgia de soluções imprevistas e coisas por colar. Estranhamento com as notícias com palavras remanejadas. Estranhamento com que é desconhecido. Aproximação com as estranhezas. O que provoca presença, aquilo que vem antes da palavra, antes da formação, antes da avaliação, do estar e cumprir com o que se pede ali: na profissão dos déficits ou das loucuras ou das dores. O que traz o entusiasmo conceitual, o ânimo do estudo, o que enfrenta as dores e permanece, faz ficar, obriga querer olhar mais perto, embora envergonhado, embora sem jeito. Mesmo que com dúvidas, se quer permanecer. Alguém, alguma coisa, algum elemento, todos os vãos: algo é querencoso, e quando o é? Quais são as vidas que se superam aí? O reluzinho. Sociedade sustentável. Problemas ecológicos. Golpismos. Saúde moeda de troca. Educação moeda desvalorizada. Saúde prenhe de filas. Educação preenchendo formulários. Problemas novos a cada novo problema. Todos os dias temos os nossos próprios problemas. Agressões contra as mulheres. Agressão a transexuais. Aversão aos gays. Agressão às lésbicas. Agressão aos estudantes. Agressões e estupro. Roubo, assalto, fuga, prisão. Essa ética é a da falta de educação? Preconceito com o pobre que frequenta o shopping. Para criar soluções a cada dia? Uma ética de brincar! Acúmulo de experiência, de políticas, de práticas, de documentos prescritivos, de histórias. Acúmulo por vezes exige desfazer-se de algo ainda novo. Acumulo o velho e não integro elementos novos. Acumulo um mobiliário desnecessário em contrapartida de aura, da marca, do ano, da importação. Quando o acúmulo se equilibra com o necessário? “Quero dizer, ao mesmo tempo, uma palavra geral acerca da minha arte do estilo. Comunicar um estado, uma tensão interna de pathos através de sinais, incluída a velocidade desses sinais – esse é o sentido de todo o estilo. E, considerando que a multiplicidade de estados internos em mim é extraordinária, existem em mim várias possibilidades de estilo – aliás a mais múltipla arte de estilos que um homem jamais teve a seu dispor. Bom é todo o estilo que de fato comunica um estado interior, o estilo que não se equivoca na escolha dos sinais, da velocidade dos sinais, dos gestos – e todas as leis do período frasal são arte do gesto. Meu instinto é infalível nesse sentido... Um bom estilo em si – pura estupidez, mero idealismo, algo como o belo em si... Sempre tendo em vista o fato de que existem ouvidos – de que existem ouvidos que são capazes e dignos de um pathos igual, de que não faltam aqueles com os quais a gente pode se comunicar... Meu Zaratustra, por exemplo, até hoje procura por ouvidos assim – ah! E ele ainda haverá de procurar por muito tempo! A gente tem de ser merecedor de ouvi-lo... E até esse momento não existirá, por certo, ninguém capaz de entender a arte

que ali foi desperdiçada: jamais houve alguém que teve em mãos tantos meios artísticos novos, inéditos, verdadeiramente criados para tanto, para desperdiçar”. (Nietzsche – p. 77 – Ecce Homo).

Chá de desperdício.

Chá de café.

Chá de boldo.

Chá de panela.

Chá de xícara sem cabo.

Chá de greve.

Chá de amor.

Chá de curar.

Chá da Amazônia.

Chá do Ver-o-Peso.

Chá de mercado público municipal.

Chá da curandeira que vende de porta em porta.

Acumular potinhos de chá. Ter chá na escola. Enfeitar as cozinhas com potes coloridos de chá. Resgatam-se receitas de vida forte. Resgatam-se receitas de “afumentar” a vida forte. Resgatam-se receitas de poesia para vida forte. Resgatam-se receitas para aumentar a vida forte. Resgatam-se receitas de engrossar caldo e vida forte. Resgatam-se receitas de farinha de tapioca que ampliam a vida forte. Resgatam-se receitas de tapioca apropriada para vida forte. Resgatam-se receitas de mate com furinho para vida forte. Resgatam-se receitas de chimarrão com gosto de vida forte. Resgatam-se receitas de chimarrão amargo com vida forte. Resgatam-se receitas de vida de esquina com vida forte. Resgatam-se receitas de sorte para vida forte. Resgatam-se receitas de vívida vida forte. Resgatam-se receitas latinas para vida forte. Sexo como saúde. Arte como saúde. Filosofia como saúde. Amor como saúde. Escrita como saúde. Recursos absolutamente comuns. De comum fazer a educação e a saúde.

[111]



Entoado 1

Lúdica

Argumentos

“As crianças são espinosistas”.

(Deleuze – p. 43 – Mil Platôs 4)

"Estou ficando velha, mas me considero uma velha muito interessante. E continuo brilhante".

(Hilst – Facebook – Instituto Hilda Hilst)

“Por produtivo que seja, o jogo, mesmo quando dirigido pela ciência, força intermitente, será vencido pelo trabalho,
por menor que seja, desde que contínuo”

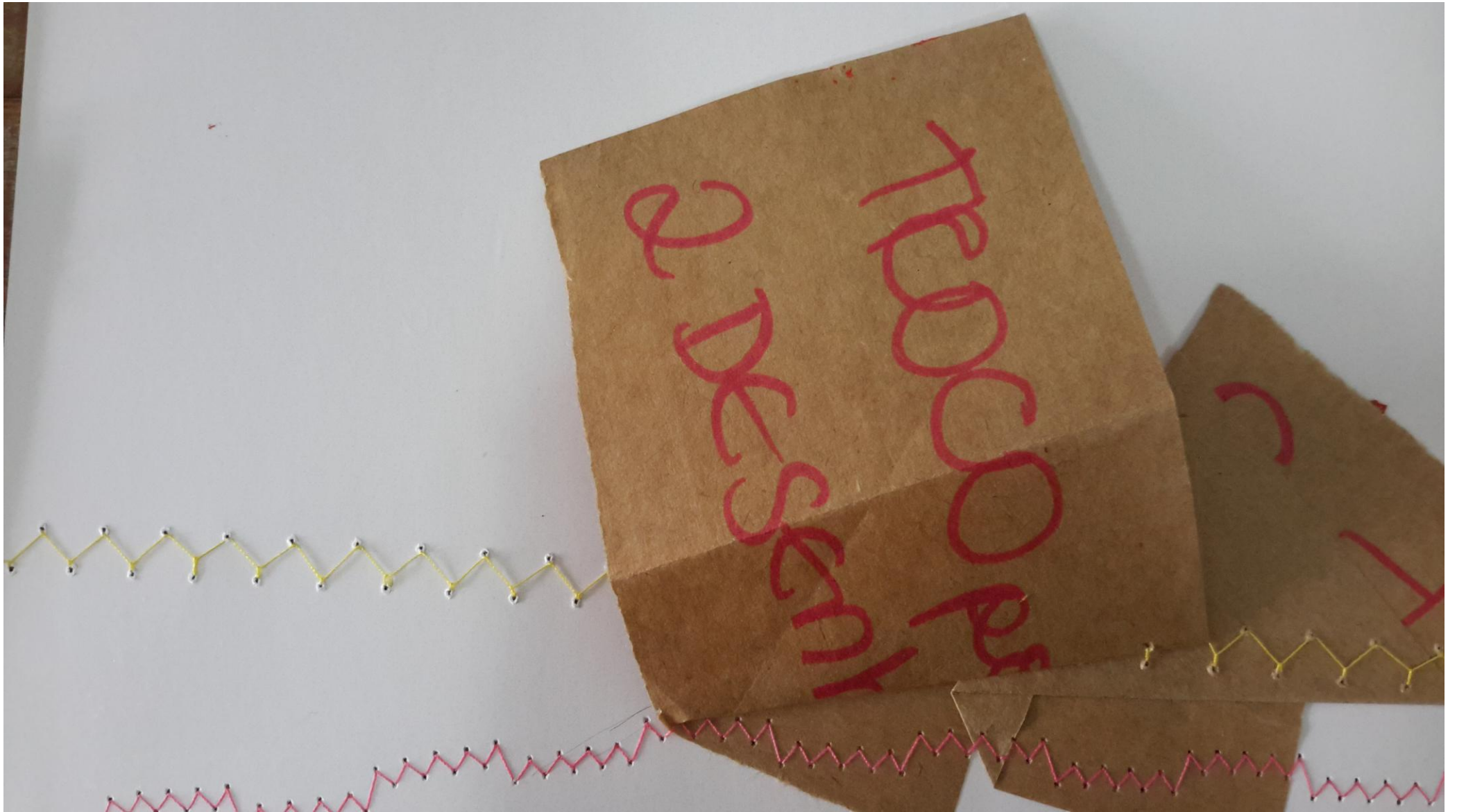
(Baudelaire – p.28 – Meu coração desnudado)

Demonstrações



(preciso corrigir a tradutora: as crianças são extensivamente spinozanas). Bibi é chupeta. Bibi é buzina. Bibi é a amiga da escola. Bibi é a marca do tênis. Bibi é muita palavra para quem joga com meia dúzia de palavras. Bibi pode ser a professor a ensinar qualquer coisa que não o ba be bi bo bu – por favor! Passemos a pensar o lúdico como um espírito que pode ser instituído por simples gestos, pelos modos do professor inventar suas aulas, pelo tom de voz, pela didática, por convite, pelo ar, pelo pátio, por cartas, pelos cartazes. Olhemos para quanto formalismo se instaura ao longo dos anos escolares. Assim que aprendemos a brincar de sentar no lugar certo, logo passamos a brincar de ficar calmos e silenciosos para aprender. E afinal, a aprendizagem não é mesmo uma aventura? Jogo e educação: faz-se com convites ao perigo. Jogo e educação: faz-se com convite a idiotia e a pieguice. Jogo e educação: faz-se com cartazes, gincanas, cartas e alegria. Pensando também nos colocamos em jogo! Imaginação! Caraminholas a serem colocadas em prática em um espaço de pura sensação. Contaria que, para um professor que põe alunos a jogar, é mais importante saber ensinar a estudar, do que a jogar. Brincar é um modo de conhecer alguém. Brincar é um modo de se conhecer. Brincar, todo mundo pode! Tantos os tamanhos, as formas, as cores. Tantas sobreposições, encaixes, peças faltando. Crianças brincando, resguardavam-se apenas os sapatinhos e as meias em meio ao vívido lúdico. Ludicidade que atravessa o corpo a alma a gente. Ludicidade que atravessa a primeira a segunda a terceira a quarta a quinta a sexta a sétima a oitava a nova a décima a décima primeira a décima segunda infância. Interessa-nos os grandes problemas do homem. Interessa também os nossos pequenos brinquedos de fazer a vida grande em cada substância. Um dramalúdicosociológico. Uma comédialúdicopsicológica. Tapete tecido durante o dia e desfeito novamente à noite. Que não exija investigação psicológica, que seja saúde. Que seja necessidade para brincar enquanto vive no desumano da vida. Pela educação desescolarizada. Tudo isso pode ser pequeno fragmento em cartaz de tamanho médio e de fabricação simples. A possibilidade de aprendizagem daquele que interrompe seu curso e vai até aquele beco anunciado no cartaz é fato a ser pensado! Tome-se em rotatividade, de cartaz em cartaz, de beco em beco, por algures. E afinal, a aprendizagem não é mesmo uma aventura? Jogo e aprendizagem. Nos livros de jogo e educação tudo é tão psicologicamente calculado. Estranhemos saber que cada caixa deve ter sua etiqueta. Etiquetas com letras miúdas que informam sobre o que está contido dentro da caixa. As caixas precisam ser empilháveis. É importante certa organização no ambiente. Um ambiente organizado requer prateleiras. Um jogo sai e em seguida outro volta -- para a prateleira. Cada jogo que sai pode ser usado até três vezes. Não faça uso abusivo de um único jogo. Conheça outras versões do mesmo jogo. Estranho o jogo ser indicado para uma idade. Estranho que a idade está relacionada ao que pode se desenvolver com aquele jogo. A idade para o jogo também indica as habilidades do jogador. A etiqueta indica quem tem maturidade para ir até o final do jogo. Indicado para ter idade, para ter aquelas habilidades e para ir até aquela etapa de jogo. Estranho que cada etiqueta de jogo informe a idade mínima e uma idade máxima para uso do jogo. Que bom que aquele que joga não é apenas a etiqueta de um jogo. O jogador é o desafiado, pelo jogo, pelos comparsas e pela educação lúdica de si. Um grande susto provoca a informação de que eu não posso jogar grande parte dos jogos organizados minuciosamente naquela brinquedoteca. Ou melhor, não se tratava

de uma brinquedoteca para crianças. Era um arquivo, belíssimo e digno de cuidado minucioso. Estranho que apenas adultos possam fazer uso daqueles brinquedos, que por sua vez não podem ser manuseados rapidamente pela ordem da curiosidade. Estranho que enquanto organizamos separamos. Estranho que programamos e espaços lúdicos que separam a curiosidade do jogo. Pegar aquele objeto qualquer e descobrir toda sua mágica imediatamente não é tão indicado assim. Aquela brinquedoteca era para quem quer brincar. Brincar onde mesmo? Quer brincar? Saia daqui e vá lá fora. A brinquedoteca armazena os jogos e você retira para brincar em qualquer lugar. Legal, vamos fugir. Vamos fazer fugir os jogos! Contudo, a pergunta inicial era sobre o ordenamento dos jogos e da vida em jogo sob uma perspectiva psicologicamente correta. Aprendemos que com os jogos desenvolvemos. Desenvolvemos o quê mesmo? Tanto desenvolvimento. Tudo se desenvolve. Que bom então! Vamos prescrever? Joguem! Joguem em diferentes lugares. Joguem em diferentes configurações. Joguem em diferentes grupos. Joguem em diferentes momentos da vida. Joguem em diferentes posições. Joguem em dias da semana diferentes. Joguem diferente em situações diferentes. Joguem pelo prazer. Jogue! Faça uso dos seus jogos de ideais. Jogue com seu espírito de jogo. Brinque com jogos simples. Utilize-se dos brinquedos para aprender. Aprenda brincando com trecos e cacarecos. Brincar requer mais sensações do que etiquetas. Brincar exige rotatividade e nenhum pouco de organização. Rode pela casa. Visite os vizinhos. Corra na rua de bicicleta. Jogue bola no parque mais próximo. Pule no jardim. Extravase suas músicas. Fabule! Cirande! Resgate toda a energia das cirandas, e rode! Estranho mesmo é o professor ser convidado a jogar contido, atento às prescrições do jogo, com atenção às etiquetas, com alerta aos perigos. Jogo e educação: faz-se com convites ao perigo. Jogo e educação: faz-se com convite a idiotia e a pieguice. Jogo e educação: faz-se com cartazes, gincanas, cartas e alegria. Não é tarefa fácil. Invista em leituras de Benjamin à Winnicott e poderá dar em “espírito de jogo”. Pensando também nos colocamos em jogo! Diante de convite, por exemplo, para dar aula de jogo e educação em ambiente virtual de aprendizagem, em sala de aula virtual, e nenhum encontro presencial: disposição para jogar. Diante de convite, por exemplo, para trabalhar com jogo e educação em unidade básica de saúde, em sala de jogos, em brinquedoteca, com crianças em situações de sofrimento e de adoecimento: disposição para jogar. Diante de convite, por exemplo, para formar pedagogos em saúde que não se dispõem a criar vida se não somente doença: disposição para jogar. Diante de convite para jogar ao trabalhar: disposição e vida! Um bebezinho traz para o convívio a ludicidade o encontro com aquilo que não pode acontecer naquele momento e que acontece. Ele faz acontecimentos com seus gritinhos, seus sorrisos, suas mamadas, suas paragens de cinco minutos em vinte e cinco colinhos. Não seja lúdica, professora, bebezinhos não podem frequentar a aula da graduação. Sendo como você é, professora, será amada. Isso é prejudicial à formação de professores. Coloco com meias intuições, meios experimentais, muita seriedade com o lúdico, novas perguntas, argumento, com certo descabimento inventivo, crio jogo que faz outro tipo de professor: que coloca outros problemas para a educação. Como lúdica ética? Como fazer um ética vital lúdica? Com problemas comuns sendo recolocados nas redes de conversação. Aquilo que pode ser compartilhado deve ser recolocado, deve. Pathos! Pathos! Pathos! Pathos! Pathos! Pa! Pa! Pa! Qua! Que!



Entoado m

Descabimento

Argumentos

“Eu deveria dizer horas e horas a fio o que eu tivesse que dizer porque me seria de grandiosíssima valia não ter que escutá-lo à sua maneira de dizer, calado!, aqui sou eu quem pergunto, quem será que cala, quem será que deve calar, quem será que há de dizer calado! À sonoridade que d’alguma forma há de partir o silêncio, ou à tagarelice tola que circula entre homens, eu, aqui, eu deveria dizer, ou perguntar tantas vezes fosse que me viesse a mente a vontade de perguntar quem deveria calar ou quem deveria dizer calado! Eu não aguento ouvir tua expressão, a tua boca cirúrgica, tens pinças na boca, tens lâminas de alta precisão na boca, tens dentes dentro dela, eu sei que tens, vi com estes olhos que a terra há de sorver, e que há de regurgitar estes olhos a terra, eu vi que tens dentes afiados, e que tens uma língua a praguejar a qualquer instante do dia e da noite”.

(Queiroz – p. 73 – Antonin Artaud, meu próximo)

“Sofrer, pensar. Seria tentador aproximar aquilo que nos diz Artaud do que nos dizem Holderlin ou Mallarmé: que a inspiração é primeiramente o ponto em que ela falta. Mas é preciso resistir a essa tentação das afirmações demasiadamente gerais. Cada poeta diz o mesmo, e no entanto não é o mesmo, é o único, nós o sentimos. A parte de Artaud lhe é própria. O que ele diz é de uma intensidade que não deveríamos suportar. Aqui fala uma dor que recusa toda profundidade, toda ilusão e toda esperança, mas que, nessa recusa, oferece ao pensamento ‘o éter de um novo

espaço'. Quando lemos essas páginas, aprendemos o que não conseguimos saber: que o fato de pensar só pode ser perturbador; que aquilo que existe para ser pensado é, no pensamento, o que dele se afasta, e nele se exaure inesgotavelmente; que sofrer e pensar estão ligados de uma maneira secreta, pois se o sofrimento, quando se torna extremo, é tal que destrói o poder de sofrer, destruindo sempre à frente dele mesmo, no tempo, o tempo em que ele poderia ser tomado e acabado como sofrimento, o mesmo acontece, talvez, com o pensamento. Estranhas relações. Será que o extremo pensamento e o extremo sofrimento abrem o mesmo horizonte? Será que sofrer é, finalmente, pensar?"

(Blanchot – p. 55 e 56 – O livro por vir)

Demonstrações



Pensa pensa pensa pensa. Fala fala fala tagarela. Conta da cena da televisão comendo com suas necessidades e relatos individuais. E não se trata de contar uma cena ou desejar ser a mocinha da novela. Trata-se de emendar a fala do ator, com a fala do cobrador de ônibus, com a bronca da tia e as suas ideias sobre tantas coisas. Conta de uma tal edição de pensamentos, de edições de suas coleções de pensamentos. Conta conta conta conta. Conta histórias. Conta números. Conta mentiras. Conta tampinhas de garrafas. Conta cachorros pela rua. Conta de suas invenções. Conta as listras das camisas. Conta as moedas que ganhou e que não quer nem saber o valor e se tem valor. Conta conta conta conta. Orientados para um em si sem comparação sem cabimentos sem outrem para cotejar. Orientados à produção à transformação, a julgar-se. Orientados a se esgotar. Orientados a ensaiar seus métodos. Orientados a se conter frente aos problemas de nossos tempos. Tenham sorte. Tenham sorte: não serei gestora, não serei médica, não serei engenheira, não farei plástica, não falo em público, não mostro o corpo para estranhos, não sei falar outras línguas, não vou mudar de marido, não deixo minha esposa, não tirei meus filhos da escola, não deixo o amante, não deixei de comer carne, não romperei com amigos, não leio livros para citar por aí, não lembro das páginas dos jornais, não ouço as notícias da televisão, não escuto canção de revolução etc. Tenham sorte: os atos de ler e de escrever não foram proibidos, não foram censurados, não foram privatizados – ao menos para os loucos. Sendo fígado. Um troço na barriga. Uma girafa na boca. Uma batata na garganta. Sintomas tão comuns. Compomos-nos deles, segundo meus amigos loucos.

Não acabar com determinados sentidos.

A loucura não é mais do louco? É do usuário. Que louco.

Um inventário de loucuras não se esgota. Inventariar um hospício levou-me a muitas escadas, janelas, portais, escadas, sombras, espíritos, sonetos, zunidos, ventos, sobras, ferrugens etc. Inventario canto. Inventario quarto. Inventario armário. Inventário bolsos. Inventario gavetas. Inventario cômodas. Inventario estantes. Inventario bidês. Inventario. É para louco não estar lá dentro. Apenas um ou outro se mantém lá. Um ou outro caminha pelo gramado. Um ou outro estava assustado. Um ou outro (ainda é muita gente). “Se um poeta exigisse do Estado o direito de ter alguns burgueses a seu serviço, haveria muito espanto, enquanto que, se um burguês pedisse um “poeta ao forno”, todos achariam muito natural”. (Baudelaire – p. 28 – Meu coração desnudado).

Procedimentos

CAPS ESCOLA (Centro- Escola de Atenção Psicossocial)

Pelotas, 18 de novembro de 2014

Ricardo Burg Ceccim - coordenador

Elisandro Rodrigues - mobilizador

Daniele Noal Gai - relatora

Retomada do encontro anterior

Tarefa: portfólio com imagens dos percursos traçados por usuários, estudantes, profissionais do caps; organização de textos históricos e/ou científicos; organização de blog ou site do caps escola

Plano de trabalho

- Exercício do Abraço
- Conversa sobre as Resistências
- Propostas para pensar Rede com a Resistência
- Duplas para responder questões listadas por Ricardo
- Listar Pedidos e Ações (que recebemos de outros e que fazemos)
- Mostra das impressões das duplas/quartetos
- Combinações de tarefas e próximo encontro

Em geral

Supervisão proporciona conhecer-se, conhecer os colegas, saber mais do caps escola. Estão em contato, porém absorvidos completamente. O portfólio foi iniciado por um único membro do grupo, com a reunião de fotos antigas, de trechos de jornais, matérias do site da ucpel ou notícias gerais sobre as oficinas do caps. Tem movimentos pessoais, individuais muitas vezes. Mostra caps. Sobre Rede. Abrir mão, ser escolhido, escolher a partir do olhar, etc. Quais as alternativas para as resistências na Rede? Como chego a compreensão do outro? Como resistir à resistência? Por que rede se não há resistência? Como invadir o território para abrir outro caminho? Não aceitamos a rejeição, mas qual exatamente? Quando o psiquiatra diz que não é para ir ao caps? E o distrito, e a unidade básica de saúde? Isenção de responsabilidade? Exercício de cuidado em rede? Tempo para as coisas, para agenciamentos? Os “nós” da rede não estão na intensidade e no tempo para a rede? Quem precisa da rede? Sabe-se qual a rede que se quer? Qual rede quer-se como ponto de contato ou apoio? Quem compõe a rede? Cartografar, rastreando e desenhando a rede? Fazer a rede? Produzir a rede? Criar as suas redes? De qual ponto as rejeições, as responsabilizações de alguns e a acusação de outros? Conta-se um caso, de um rapaz que chega ao caps escola e é acompanhado ao caps ad, com localização vizinha. A rede acontece após conversa por telefone entre pares gestores, ou pares conhecidos de outros espaços de trabalho, ou por imposição de outro profissional mais experiente. Qual rede apoia o rapaz dito ali? Apoia-se em quem nem entre si sabe ou quer falar? Falar com um rapaz com queixa de quê, alguém ainda sabe do que das rusgas da rede fez-se cuidado? Para-se tudo, com sorriso envergonhado e passa-se ao cuidado? Sai de uma caixa de surpresas um sorriso para o usuário e um olhar de reprovação para o estagiário? A rede faz arte então? Convoca, cênica, uma rede? Num cenário atonal, silencioso, gago, afônico, sem língua, quer-se produzir rede? Há grandes impasses quanto ao que é documento mínimo para um cuidado mínimo. Quais as carteiras necessárias para o ingresso no cuidado? Formais as exigências, mas quais são elas? Legais são as exigências, porém, de modo claro e simples, quais são elas? Inúmeras burocracias antes de ouvir a queixa de sofrimento ou dor. Onde nos garantimos em rede? Quais as garantias da rede? Caps escola cumpre com alguns princípios, cumpre com a reforma psiquiátrica, com a política de humanização, respeita os princípios legais. Quem pode interferir na rede? Como produzir consenso, modalizações variadas, mas coerentes? É possível uma rede que articule, vizinhos e usuários, usuários-vizinhos? Como fazer o “abraço da rede”, com toda a resistência que pode haver? Como abraçar as diversas posições e possibilidades de caps? A gestão não provoca grandes encontros, nem articula encontros que realmente promovam a educação permanente dos profissionais de caps. Que rede a nossa prática produz? Quais redes as nossas práticas individuais produzem? Entre nós, no caps, produzimos transversalmente, interdisciplinarmente? Quando se mostra, ao que chega o histórico do caps, conta-se sobre as mudanças e as conquistas do caps escola? Em geral mostra-se o que está escrito, algumas imagens, o que se tem em arquivos ainda não organizados. Existe o desejo e a necessidade do estabelecimento de conversação seja com quem chega no caps escola para compor a equipe como com quem faz a rede. Qual o encantamento necessário à rede? Como pelo encantamento desfazer resistências? Se estamos propondo é porque também temos alterações a fazer em nossa proposta e compreensão de rede. A escritura das

necessidades do caps escola seria um passo inicial e organizacional. Não se reconhece alguns serviços. Ubs tem outro funcionamento, mas dela o que se conhece? Sabe-se, embora pouco, sobre ambulatório, sobre abrigamento, sobre o território, das necessidades dos outros caps vizinhos. Conta-se que haviam reuniões distritais, encontros da saúde mental, ensaios de articulações, começou-se a “apagar o fogo” com as emergências. Como dividir as estratégias? Fazer aproximações, capacitação, ouvir-nos, ouvir os demais profissionais de saúde da rede, bem como a gestão. Como pensar as altas, encaminhamentos, profissionalização, rotina, VD, processo de trabalho integral e não segmentar. Psicólogos em unidades básicas de saúde? Universidade apoiando a saúde pública em que medida? Universidade em parceria com os serviços e produzindo educação em saúde. Queremos encontrar com quem? Encontrar para quê? Encontrar equipes de saúde mental? Encontrar equipes da saúde básica? Pretende-se mudar o perfil do atendimento em saúde mental? Existe uma desassistência e é preciso revisitar a configuração do atendimento em saúde mental? Como mudar a maneira de colocar os problemas, as queixas, os pedidos? Como produzir dobras, dispositivos, fluxos na rede, ações deste caps com os outros serviços? Como não ser o centro, de modo a receber e deliberar sobre a rede e seus pedidos, mas agir propositivamente? Como inserir-se numa condição discursiva que propõe e organiza as ideias de modo que ao efetivá-las as mudanças necessárias ao campo comecem a se arranjar. Conquanto que sem imposições deste caps escola em relação aos demais.

Tarefa para o encontro de 16 de dezembro de 2014

- Fluxograma da rede
- Lista de ações, metas e pedidos de modo mais aprofundado e possível de operacionalização.

CAPS ESCOLA (Centro- Escola de Atenção Psicossocial)

Pelotas, 16 de dezembro de 2014

Daniele Noal Gai - relatora

Elisandro Rodrigues - mobilizador

Ricardo Burg Ceccim - coordenador

Retomada do encontro anterior

Tarefa: retomada do portfólio com imagens dos percursos traçados por usuários, estudantes, profissionais do caps; organização de textos históricos e/ou científicos; organização de blog ou site do caps escola; com registros e divulgação do grupo atual, suas intervenções, planejamento e suas ações no caps escola.

Plano de trabalho

- abertura para conversação acerca do encontro anterior;
- produção de mapa da Rede em pequenos grupos;
- demonstração dos mapas-desenhos para o coletivo;
- discussão do que foi repetição, complementação e outras análises;
- exercício de não-Jogo e Jogo (ou não-Rede e Rede);
- produção de palavras em fitas adesivas, colagem no corpo e em cartazes, para pensar a Rede e a não-Rede;
- conversação sobre o exercício e os cartazes produzidos;
- leitura da relatoria do encontro anterior;
- combinações para o próximo encontro.

Em geral

Encontramo-nos com maior disposição e com planejamento dos espaços de estudo, formação e também de descanso e almoço. Em dois turnos de trabalho, manhã e tarde, foram mobilizadas dinâmicas para pensar Rede, paragens e conversações. Mais próximos todos, os que vivem o caps escola e seu cotidiano e os que se aproximam para compor o coletivo por convite. Quem é convidado também compõe-se daquele cotidiano contado rapidamente como quem revela, pede para guardar ou troca receita de bolo melhor. Um convívio de compartilhamento de percepções, de ideias, de concretudes, de intenções e de sensações. A troca da receita tem acréscimos e melhoramento com a experimentação: todos, juntos, chegamos a esta conclusão neste encontro de intenso verão. Retomada. Quem participou da produção das pastas com o histórico deste caps escola? Há que se contar a história, construindo futuros, sem projeções superficiais, mas com planejamento e mostra de quem faz o presente da história. O passado suporta o atual, propor e planejar a atualidade faz durar o presente e criar futuros, projetos, mudanças, renovações. Contar a história tem algum sentido? Tem o sentido que dermos, que oferecermos a ele. A história pode ser contada de diferentes maneiras. Este coletivo tem história para contar. Pode ser uma afirmação e precisa ser também uma pergunta a ser feita individualmente e como coletivo. Fazer seleções na história. Que tamanho tem a história que eu conto? Registra-se o local, o que se avizinha, o que vizinhou o caps? O local e os espaços que este caps ocupa na saúde mental de Pelotas são medidos pela imprensa local? Qual a interferência dele na Rede que já existe? Com a proposta de produção de mapa.

MAPA -> DIAGRAMA -> CARTOGRAFIA

Com papel pardo, canetas coloridas e recursos simples colocar o caps escola no centro ou em destaque em um desenho. A tentativa é de materializar ou mostrar visualmente:

- o que nos pedem?
- o que pedimos?
- colaboradores?
- quem nos pede?
- quem nos oferta?
- para quem ofertamos?
- com quem somos Rede?

Primeiro desenho – do Coração

Vias de mão dupla; setinhas; retrate doa materiais; ubs; ucpel; hep; senac; samu; casas; transporte; sec; redução; atenção assistida; rádio; promotoria.

Segundo desenho – 3D

Copos de café; em azul os que nos pedem e em vermelho aqueles para quem pedimos.

Terceiro desenho – com Legendas

Rede urbana e zona rural com pedidos e demandas diferentes; assistência aos usuários é efetiva na zona rural; farmácia; conselho de saúde; inss; oficinas; espaços físicos; transporte.

QUADRO e DESTAQUES (por Ricardo)

- Trabalha-se com o coração. É um signo a perceber. Não é o mesmo que dizer trabalha-se com conhecimento;
- laços, distâncias, proximidades, rupturas;
- zona rural, ofertas, solicitação de ajuda, VD;
- cultura;
- conselho de saúde;
- transporte;
- mobilidade;
- produção de afinidade e empatia;
- afirma-se a vida.

DINÂMICA E MOBILIZAÇÃO (por Elisandro)

Sobre a Não-Rede e REDE por quem experimentou o Jogo

Signo. Sentido. Diagnóstico. Loucura. Diferentes sentidos. Conjunto de atribuições. Manicômio. Rede substitutiva. Diariamente novos sentidos de doença. Fragmentar as relações. Tirar do lugar onde se está. Pátio não é pátio. Cadeiras mudam de lugar. As coisas se moveram. A casa foi rearranjada. Mudanças de lugar. Vão se atribuindo outros sentidos. Não entrar na Rede é não entrar no Jogo. É ficar no nosso lugar. Um lugar individual. Onde há menor produção de sentidos. Entrar na Rede pode ser o limite. O que a cada um compete? Previamente a entrada na Rede se define o limite do que a si compete o Jogo? Entrar na Rede e competir? O que tem dentro da Rede é passagem. Num mesmo lugar esgota. Desejar. Reivindicar. Reterritorializar. Zona rural tem uma reserva o que mostra uma potência. O que se consegue fazer de movimento na Rede com o que não nos compete ou com o que nos mostra os nossos limites? Tempo. Gestão. Lentidão. Estratégias. Pode aparecer mais coisas e mudanças no Jogo. Cheios de palavras. Cheios de sentidos. Cheios de lugares. Cheios de siglas. São signos e se dá outros significados. Isso tanto em relação a profissionais, quanto a serviços, usuários, doenças, dores, queixas, espaços físicos, oficinas. O que queremos produzir? Operando cotidianos, criando sentidos diferentes para os espaços e as ações. Foi feita uma colcha de palavras e uma rede de sentidos. As palavras, cuidado, amor, e experiência, inclusão, equipe e gestão foram articuladas e coladas às diferentes engrenagens da Rede. O Hep pediu liberdade. A gestão foi solicitada como dispositivo de junção das partes, partida de planejamentos estratégias, como articuladora das ações. Cinco cartazes foram construídos para que o grupo do caps escola produzisse pensamento sobre Rede, acerca da Rede com a qual se conectam e se produzem. Solidário tem mais compromisso? Paciência no trabalho, com a equipe, nas colocações, nas palavras, nas intenções. As coisas se mesclam, se juntam, por vezes só fazem sentido na Rede. Atribuir sentido às doenças antecipadamente ou repetidamente. Usar o que já é marca para dizer do que difere. A mesma palavra em contextos ou práticas repetidas e que são muito diferentes. A palavra pode ser usada para disputar práticas, para modificá-las ou intensificá-las. Qual o lugar da autonomia? Familiares fazem a Rede invisível? Quando a autonomia é pensada como protagonismo? Quais os lugares do usuário nas decisões e nas ações. Na equipe não há separação. Circula-se na Rede. Mesmo com divergências a equipe quer estar dentro. Equipe em que o fora veio para dentro. Com o Jogo e não-jogo se tem menos convicções, mais interrogações. Importante conhecer-se e conhecer a Rede. Fazer um mapa do planejamento. Questões extra-caps podem interferir nas ações. Olhar o processo de trabalho interno, no coletivo e com ele. Aprofundar o processo de trabalho. Olha-se para fora. Outras relações, novas relações: e as nossas relações como equipe? Como um melhor rendimento nas ações e nas relações profissionais? Pode-se trabalhar melhor. Sem cansaço. Sem sobrecarga. Ceccim veio para nos mostrar isso: nós mesmos apresentamos as questões e propomos as possíveis respostas ou desdobramentos. Com o Jogo conhecemos mais dos colegas e podemos assim apoiar a equipe. A distribuição de papéis fixos é mais fácil, porém pode ser superficial ou insuficiente diante dos pedidos da equipe e do serviço. Nesta supervisão percebemos que o caso a ser estudado não é a Rede, mas a equipe. Como sair deste caps sem a minha posição e

imposição individual? As Redes são previstas e sofrem imprevistos. O relatório do encontro anterior nos mostra, nos vemos, é possível se ver. O texto tem perguntas de vários pontos da Rede e perspectivas. Quais signos inventaremos. Este grupo está no centro. Este caps está no centro, pois outros não o desenhariam como o fizemos nos mapas. Outros não nos desenhariam do nosso jeito, como nos fizemos. A Rede pode ser um conjunto de relações que se produz. No caps escola há a exigência da formação, o que por vezes não é visto pelos gestores. Os invisíveis não são visto? Um ou outro grupo se expressa, tem alta, se forma, conclui um processo, se compõe outro mais autônomo. Um coletivo recentemente se formou no caps, o técnico que os acompanhava relutou na liberação. Há a rádio, que apenas usufrui do espaço do caps. Foi feito documentário do caps. É preciso pensar essas vidas sendo afirmadas pela via da autonomia, do compromisso, da experiência, da arte. Não se doa palavras para o que não se vê, não se coloca, não se expressa, não se movimenta livremente, o que não está amostra, vivo, vivendo, perambulando. Como escolher novas palavras para produzir o outro? Como afirma vida, mas qual? Como se propor a fazer grupo, para fazer coletivo, e com disposição de coletivo? O pedido do Ceccim era para fazer cartazes, colar e fazer setas. Com isso é possível preservar memória, narrativas, imagens, rostos, eventos, fatos, equipes. Preservar a memória do que estamos produzindo. Tem um grupo trabalhando em nome daquilo que ele faz, daquilo que ele se propôs como coletivo e como Rede. A memória pode ser de fatos, de sentidos, de futuros, é uma atualização e nunca um refém de pouca ou perversa memória. Tem mais história para contar nesta história, deste caps. Mais pessoas contam sobre ela, sabem, dominam, inventam esta história.

Tarefa para o encontro de março de 2015

- gravar com som, imagem e movimento relato individual
- pergunta: formamos, o que formamos, como formamos, que escola se propõe a ser este caps escola?
- organizar a memória com compromissos sociais, científicos e de trabalho.

Entoado n

Experimentação

Argumentos

“Em uma entrevista de 1980, Foucault diz que seus livros são para ele experiência no sentido pleno da palavra, já que deles ele próprio saiu transformado. Uma experiência, portanto, poderia ser definida a partir desse crivo: trata-se de uma transformação do sujeito. Um livro concebido como uma experiência é algo que transforma aquele que o escreve e aquilo que ele pensa, antes mesmo de transformar aquilo de que trata. Foucault confessa que os autores que mais o marcaram não foram os grandes construtores de sistema, mas aqueles que lhe permitiram escapar precisamente dessa formação universitária, isto é, aqueles para quem a escrita era uma experiência de autotransformação, tais como Nietzsche, Bataille, Blanchot. Esse trio volta tantas vezes, não só nos artigos e livros de sua primeira fase, mas nas entrevistas até o final de sua vida, que não podemos deixar de ver aí uma espécie de ritornelo. Ora, o que esses autores deram a Foucault de tão essencial, mesmo sendo marginais no que se costuma entender por história da filosofia? Precisamente uma concepção de experiência como uma metamorfose, uma transformação na relação das coisas, com os outros, consigo mesmo, com a verdade. Foi o que ocorreu no estudo dos grandes objetos pesquisados por Foucault, como a loucura, a delinquência, a sexualidade – todos os livros escritos a respeito resultaram em uma transformação profunda na relação que o autor, o leitor, enfim, o próprio tempo de Foucault se viu impelido a ter com esses domínios.”

“Trata não de atingir um objeto do vivido, mas um ponto da vida que seja o mais próximo do invisível. Não a vida vivida, mas o invisível da vida. Não a experiência possível, mas a experiência impossível. Não a experiência trivial, mas aquela em que a vida atinge o máximo de intensidade, abolindo-se. Não a experiência cotidiana, mas a experiência limite”.

(Pelbart – p. 207 e p. 209 – O avesso do niilismo)

“A ecologia social e a ecologia mental encontraram lugares de exploração privilegiados nas experiências de Psicologia Institucional. Penso evidentemente na Clínica de La Borde, onde trabalho há muito tempo, e onde tudo foi preparado para que os doentes psicóticos vivam em um clima de atividade e de responsabilidade, não apenas com o objetivo de desenvolver um ambiente de comunicação, mas também para criar instâncias locais de subjetivação coletiva. Não se trata simplesmente, portanto, de uma remodelagem da subjetividade dos pacientes, tal como preexistia à crise psicótica, mas de uma produção ‘sui generis’. Por exemplo, certos doentes psicóticos de origem agrícola, de meio pobre, serão levados a praticar artes plásticas, teatro, vídeo, música etc., quando esses eram antes universos que lhes escapavam completamente. Em contrapartida, burocratas e intelectuais se sentirão atraídos por um trabalho material, na cozinha, no jardim, em cerâmica, no clube hípico. O que importa aqui não é unicamente o confronto com uma nova matéria de expressão, é a constituição de complexos de subjetivação: indivíduo-grupo-máquina-trocas múltiplas, que oferecem à pessoa possibilidades diversificadas de recompor uma corporeidade existencial, de sair de seus impasses repetitivos e, de alguma forma, de se ressingularizar”.

(Guattari – p. 17 – Caosmose: um novo paradigma estético)

Demonstrações





Digressões. Cenas fílmicas. Quando filme, ao mesmo tempo que é ficção, produz ação-pensamento? Quando o filme é prática que se articula com a experimentação e a ação do pensamento? Quando pesquisar com filme vale a um pensamento que faz conexões e produz intensidades? Quando todas as cenas se conectam, provocam pensar, fazem um corte, e cinema se torna experiência? Uma ambiência transversal? Agimos ante uma lógica instintiva? No centro do devir, o infantil? O grupo aberto, operando em zona? Quem exerce o controle o faz pela fabulação-profanação-experimentação. É na sala de aula, num picadeiro, na zona da aula, que se coloca no limite a experiência da aprendizagem de sensações. Na sala de aula a linguagem e a experiência são levadas ao limite (recomenda-se ao menos). Das séries das artes. Garantir espaços de experimentação e vivências escolares relacionais àqueles alunos que não respondiam às exigências do currículo escolar formal. Fato é que quando abrimos o currículo à experimentação temos uma afirmação da aprendizagem e da sua eficiência. São feitos investimentos de aprendizagem mais intensos e ao mesmo tempo mais leves, numa velocidade que empreende diversidade e que não necessariamente a respeita. Empreender a diversidade. Abrolhar coisas de escola que sejam dinâmicas, criativas pela ordem da cartografia, do absurdo, da mistura, da alternância, das artes. Sonoridade rústica. Sonoridade de rabeça, de percussão ou de pessoas da casa andando e comendo pipoca. Cinema com sonoridade. Sonoridade das sensações. Cinema com o som de quem anima o corpo com o que vê. Cinema que anima, alivia, alimenta, constrói. Cinema que não mobiliza nunca vi! Não falo de 3D. Falo do quiproquó · do mambembe · do itinerante · do subsolo · do suburbano · da praça. Cinema que leva o tema improvável e infame ao público certo – aquele que o encontrou. Não traz a experiência em si, não constitui o relato dessa experiência mesma, não conta com as cenas o vivido de modo reflexivo. Não traz a experiência para ser refletida, analisada, comentada, simplesmente ou facilmente. O cinema como experiência, a experiência na experiência, é radical. A experiência precisa ser uma radical transformação de si. Não pode ser uma constatação da história, mas uma constatação da necessidade daquela experiência em mim. Não pode ser constatação da denúncia, pois que invade minha ética e faz disso a própria experiência do invivível. O que seríamos sem as películas de Auschwitz? O cinema como um instrumento para o enfrentamento do político e do ético, dos problemas que envolvem o coletivo e dos problemas que envolvem individualmente as partes desse coletivo. O cinema para nos entendermos com fatos. O cinema para ser mais esquemática a explicação. O cinema para desenhar a denúncia. O cinema para dar a ver o que de humano e bonito temos. O cinema para nos encartarmos com nossas brincadeiras, com as crianças, com as escolas, com as coisas de escola. O cinema para ver de olhar de assimilar. O cinema que não precisa de prova, desdenha, não é grande expressão, não tem pretensões de prêmios, que é oposição, que faz a esquerda, que faz arte, que faz profanar, que é visível orgulho da comunidade, que é etnometodologia, que é vontade de poder, que ganha expressão por ter grande estilo. Experiência imagem intuição. Experiência germe. Experiência diabólica.

Entoado o

Deambulação

Argumentos

“A deambulação se faz gradativamente, por junções sucessivas. O conhecimento cresce por meio de pedaços que se agrupam. O segundo elemento, após a linha, é então o pedaço. Desse modo mais preciso, a consciência se revela e se faz seguindo linhas, mas também apreendendo pedaços, que ela relaciona entre si. (...) Um pedaço é um tal campo, consistente por si mesmo, autocoalescente. As percepções, os pensamentos e as emoções são tratados como pedaços.

O fluxo de consciência é um desfilar de pedaços, heterogêneos por seus motivos, homogêneos por seu estofo”.

(Lapoujade - p. 273 – Gilles Deleuze)

“O vento, a soprar, dobrava horizontalmente as ervas alucinadas, que haviam crescido nas trinchas da parede, e as penugens da galinha, e umas e outras se deixavam estirarem todo o comprimento, com o abandono de coisas leves e inertes. O teto de telha dava ao pântano, que com o sol de novo se fizera espelhante, uma marmorização cor-de-rosa, à qual eu jamais prestara atenção. E, vendo sobre a água e na superfície da parede um sorriso pálido responder ao sorriso do sol, gritei em meu entusiasmo, brandindo o guarda-chuva fechado: "Oba! Oba! Oba!" Mas, ao mesmo tempo, senti que era do meu dever não me contentar com essas palavras opacas e tentar ver mais claro em meu êxtase. E foi ainda naquele momento - graças a um camponês que passava, com cara fechada, e que se fechou mais ainda quando quase o atingi com o guarda-chuva no rosto, e que respondeu com frieza ao meu "bom tempo, não é

mesmo, é bom caminhar"- que aprendi que as mesmas emoções não ocorrem simultaneamente, numa ordem pré-estabelecida, em todos os homens”.

(Proust – p. 78 – Em busca do tempo perdido)

Demonstrações



Deambular é devir aberto. Deambular por percursos intensos. Deambular em corda bamba. Deambular em bicicleta de uma roda só. Deambular atalho aberto. Como se produz desvios? Somos capturados, porém, não ficamos presos – quando? Pode a captura ser pela sensação, pela deambulação, pela potência? Um turbilhão de ideias é necessário em caso de fuga do que nos prende de modo desnecessário ou pouco potente. A oralidade, na contação de histórias, ainda será revitalizada, reusada, especialmente quando tudo de política de escrita se resumir a complementaridade de compreensões e harmonização de ideias. Entrar e sair. Mil saídas. Mil janelas. Mil fechaduras. Milhares de vidas foram presas naquela gigantesca extensão. Hoje deve ser um lugar de entrar e sair muitas vezes. Um lindo local com detalhes na arquitetura que promova entradas, passagens, coletivos, ocupação e estadas breves, muito breves. Deambular. Fazer relações. Relacionar um caminho com outro, ponte. Relacionar ideias, deambular. Conhecer é prospectar. Ao artesão na artesanaria importa uma materialidade para modular. Direito a desacordo. Direito a dissidência. Direito a heresia. Deambular pela resistência. Deambular, nômade e errante. Jogar um novo jogo, largar-se por entre as peças, recortando o pensamento. Provocar o desentrate. A comunidade como potencializadora de desvios, ao contrário do global. A possibilidade de ingresso, de permanência, de acesso, de chegada - pela ordem do desvio – tomada como mudança. A possibilidade para todos e para cada um, daquilo que pode ser possibilidade para todos e cada um. Nenhum desvio que não seja para abrir passagem para a entrada, a saída, a volta, o acesso, a permanência, a aprendizagem. Os desvios vem como demanda, como possibilidade, como experimentação, contudo, há que se fazer passar. Aprendizagens de vida como investidura e fuga. Há práticas nas passagens de aprendizagem que provoquem vaziar. Um cuidado de si disponível ao acaso. A deambulação. Andança à toa. Ainda que em desvios, definir sua ética e por ela percorrer os espaços abertos. Ir, num fluxo corrente e imanente que leve a algum lugar. Ter consigo a mudança. Qual o rodeio para a fuga da hipocrisia? “O paradoxo está, então, em pretender discutir a magnitude de um problema sem ter à disposição dados que permitam identificá-la com clareza. Quantas pessoas com deficiência poderiam estar no sistema educacional e não estão? Onde estão esses meninos, essas meninas, esses jovens com deficiência que não estão em nenhuma instituição conhecida? Quantas pessoas com deficiência estão no sistema educacional? E como essas pessoas estão, ou seja: o que está acontecendo com a sua educação? Em que medida houve um abandono desta população ao não se encontrar as singularidades pedagógicas adequadas nas instituições comuns, nas ditas escolas regulares (escolas não especiais)? Tudo isto é especialmente grave na África e na América Latina, mas não deixa de ser preocupante em outros continentes também”. (Skliar – p.13 – Incluir as diferenças?). “Não aprendizagem”, entre aspas. Não aprende!, com exclamação. Como experimentação de currículos mais abertos e não disciplinares? Currículo sem fechaduras. Currículos-mapas, que se configurem como linhas de fuga. Um currículo composto por trânsitos de forças, intensidades e multiplicidades. Um currículo rizomático, que abale o modelo linear, disciplinar, seriado, com sua lista extensa e complexa de conteúdos. Currículo-composição. Currículo-criação. Currículo-todo-dia-em-movimentação. Currículo-a-experimentar. Currículo-remoído. Currículo-cotidiano. Currículo-meta. Currículo-falha. Currículo-equívoco. Currículo-curioso. Currículo-

leve. Currículo-a-portar-sem-adoecimento. Currículo-saúde. Currículo-aprendizagem. Currículo-híbrido. Currículo-devir. Currículo-ar. Currículo-pequena-mentira-de-criança. Currículo-fabulação. Currículo-desdobramento. Currículo-diferenciação. Currículo-multiplicação. Currículo-perspectiva. Currículo-suspensão. Currículo-processo. Currículo-sensível. Currículo-coisas. Currículo-variação. Currículo-torto. Currículo-composição. Currículo-saúde. Currículo-imaterial. Currículo-pathos. Currículo-cartografia. Currículo que cartografa o atual ou se atualiza radicalmente no vivido. A cartografia dá a ver o vivido, o vivo, a vida. Saber sobre cartografia, de modo a vivê-la na pesquisa, no estilo do texto, na forma de catar os dados, no jeito de apresentar o trabalho de pesquisa, nos modos de perceber as subjetividades coletivas, são métodos, é método. Para quem se utiliza da cartografia, qualquer informação é relevante, é singular, é digna de análise, é autêntica, é apropriada. As informações que chegam por meio do olhar, da conversação, dos encontros, de oficinas, de estudos, produzem no pesquisador a cartografia e só assim pode ser cartografia. O método não vem antes. O cartógrafo se faz no processo de pesquisa quando em contato com suas informações e informantes na pesquisa. O método cartográfico se faz em meio ao vivido na pesquisa, durante a pesquisa, quando se pesquisa, porque se pesquisa. Não podendo ser generalizada, não sendo passível de comparações. Informação ou dado de pesquisa que vale para arranjar inferências para aquela fonte, para aquele informante, para aquele local de pesquisa, a um campo de investigação que é único. Sem comparações e com olhar em perspectiva age o cartógrafo. “Paisagens psicossociais também são cartografáveis”. A cartografia, nesse caso, acompanha e se faz ao mesmo tempo em que o desmanchamento de certos mundos acontece. Perda de sentido. Formação de outros mundos. “Mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornaram-se obsoletos. Sendo tarefa do cartógrafo dar língua para afetos que pedem passagem, dele se espera basicamente que esteja mergulhado nas intensidades de seu tempo e que, atento às linguagens que encontra, devore as que lhe parecem elementos possíveis para a composição das cartografias que se fazem necessárias. O cartógrafo é antes de tudo um antropófago”. (Rolnik – p.15 e p.16 – Cartografia sentimental). Reunir um grupo afinado com cada canto, com cada sala, com cada material, com cada bolo, com cada suco, com todos os aspectos daquele coletivo. A convivência nunca é absolutamente harmoniosa, nem esperamos tal homogeneidade nas relações profissionais, porém, destaca-se que pode se instaurar ou estourar um convívio cuidadoso. Ir até a cozinha é um convite sempre sério e receptivo para quem ali está. Por dentro desta cartografia fazer diferentes proposições de estudos de currículo em escola, de currículo em graduação, de trabalho em saúde. Fazer exercício intelectual rigoroso-amoroso. Exercícios, sejam quais forem, que disparem hipóteses, erros, equívocos, conectividades, compartilhamentos, associação de ideias, invenções desnecessárias e precariedades. A fim de mudar suficientemente o atual, o virtual, a matéria, o conteúdo. Um ponto da resolução, um novo artigo na legislação, alguma cláusula nova, mas importa a inclusão de pessoas com deficiência nas cenas das escolas, nas cenas de aprendizagem, como nas cenas de respeito e afirmação de potência. Vidas possíveis dentro de uma escola, em uma aula, em um currículo, em uma esquina, naquele prédio d’aulas. Não necessariamente se fala daquele que vive o currículo, o personagem, o professor, a professora, o estudante, a

senhora da rua do lado, a pessoa com deficiência, a potência do outro. Diz-se aqui o que coloca os corpos todos a deambular. Mesmo que com dúvidas, se quer permanecer. Intensidade e extensividade, nas formas de criação que podem ser viabilizadas pelas vias das artes integradas, de artes, de invenções de si e de mundos. Vidas possíveis na saúde, na produção de saúde. Cuidado aliado às coisas da vida. Cuidado aliado da ação inventiva e laboriosa. Cuidado e invenção de si. Cuidado spinozano, afetivo, portanto. Cuidado que é amor, seja lá onde for o lugar onde está passando. Cuidado democrático. Cuidado duradouro. Cuidado prolongado. Cuidado criativo. Cuidado: desafio micropolítico. Cuidado matéria de estudos em currículos de saúde. Currículo prestes a ser artesanalmente planejado, pelos professores, que o vivem e o produzem em seus cotidianos de aula. Que estudam no fervor das poucas horas para planejamento e criação. Que estudam em suas formações homogeneizadoras de professores. Que estudam em suas formações homogeneizadoras de trabalhadores da saúde. Quem dali faz evaporar-se? Por meio da didática, do planejamento e, principalmente, pela qualificação do que se lista como principais experiências a oferecer aos estudantes. Pois que o planejamento é uma lista de empatias, de aproximações com o que está perto, pelo menos perto da curiosidade. Exige uma delicadeza, um cuidado, uma dedicação a cada conceito que se inclui no planejamento e que se reconstitui em experiências diversificadas. Tem um estouro, um colorido, um pequeno arco-íris, um movimento leve, uma sincronia das criações, a invenção de mundos, a contação de histórias, o cinema mudo, a reprodução de aprendizagens que não se materializa em provas ou avaliações clássicas. Tem uma vida, um sangue, um testemunho, um incômodo, um perigo. As grandes intenções, aquelas políticas, são postas em evidência nas arenas de estudo da aula, dos planejamentos de aula, de um currículo. Mas, como, verdadeiramente embrenhar-se na ética que faz o projeto de aula como projeto de currículo? Uma ética da aula, da coisa toda, e, sobretudo, uma ética que vingará na escola da vila como em qualquer outra? Um currículo composto por núcleos de formação compartilhados e abertos. Que se faz em meio a experimentações nômades, generalistas, evasivas, eletivas, por vias das artes. Que faça os professores em formação pensar aulas e currículos abrasadores de aprendizagem. “O acaso do encontro é que garante a necessidade daquilo que é pensado. Fortuito e inevitável”. (Deleuze – p.14 – Proust e os signos). Lista de passagens, de conectividades, de combinações, de alternâncias, de variações, de sobreposições. Lista: linhas de fuga, áreas abertas, temáticas de interesse, formações mínimas em pedagogia, movimentos criadores, espaços de aprofundamento, horas de leituras, dias de aprendizagem, pesquisa, ensino, extensão... Currículo tomado por linhas, veredas, gambiarras, sensibilidades, atalhos, fluxos, lutas, resistências... Lista: possibilidades de travessia, modificação de limites, outros intercessores, ampliação de contornos... Lista: distância da lógica disciplinar, da sequenciação, das etapas lineares, da interdisciplinaridade, da integração, da escolarização, da reprovação, da evasão, dos discursos teóricos, unitários, formais e discursivos... Lista: qualidade nos estudos, aprofundamento nas investigações em educação, dedicação à matéria de interesse, movimentos potentes, movimentos diversos de estudos a serem agenciados. Espaços compartilhados, abertos, móveis, reflexivos, plásticos, mutantes, nômades, artístico-culturais. Espaços que mobilizem os movimentos, os processos, os atravessamentos, os cruzamentos, as paragens, as passagens,

as trocas de saberes. Ideal para aquele que se equivoca e reprova em seus próprios arremessos. As artes não estão descoladas do que experiencio; do que me afecta, dos sentidos que produzo; da maneira que percebo as coisas do mundo; das múltiplas "coisas" que atravessam; dos discursos e práticas que me produzem; das relações de força que tencionam a engrenagem social, cultural, políticas; na perspectiva que se assume na educação... Artes: capital vital, cuidado aliado, produção social, ação inventiva, ação experimental, ação laboriosa, concepção do que pode ser comum a muitos, afetiva-ética-estética-política-comunicativa-comum, ontologia, passe livre para a vida. “A arte não imita, mas isso acontece, primeiramente, porque ela repete, e repete todas as repetições, conforme uma potência interior (a imitação é uma cópia, mas a arte é simulacro, ela reverte a cópia em simulacros). Mesmo a repetição mais mecânica, mais quotidiana, mais habitual, mais estereotipada encontra o seu lugar na arte, estando sempre deslocada em relação a outras repetições com a condição de que se saiba extrair dela uma diferença para (estas outras) repetições. Isto porque não há outro problema estético a não ser o da inserção da arte na vida quotidiana. Quanto mais a nossa vida quotidiana aparece estandardizada, estereotipada, submetida a uma reprodução acelerada de objetos de consumo, mais deve a arte ligar-se a ela e dela arrancar (uma) pequena diferença” (Deleuze – p. 462 – Diferença e repetição). A arte como dispositivo de conversação pode remeter a múltiplos contextos e estabelecer outras relações, situar na narração, além de convidar a participar como tríade na prosa. Produz espaços de fuga e devires outros de alunos com deficiência, de usuários de saúde mental, de estudantes e de professores. Propor - de modo justaposto, entrecruzado, consensual, harmonioso - encontros de estudo de currículo que possam instrumentalizar artisticamente ou artesanalmente os professores e os gestores em suas práticas cotidianas e que isso comporá um outro currículo para a escola, para a educação, para a saúde. Considera-se importante atelier de estudos relacionados aos diferentes currículos para diferentes possibilidades de sujeitos. Em geral, os professores, individualmente, constroem as entradas de seus alunos no currículo. Cada professor inventa formas de inserir conteúdos e formas de expressão no currículo. Afirma-se que o professor se faz em sua didática. Um modo de fazer aulas, de imprimir ideias e sensações, de ensinar e contaminar, faz outros aprenderem pela alteridade e pelo que se ensina. Provocar aprender é se misturar pela contaminação, pela alteridade, pela multiplicidade. Provo – conceitos, conteúdos, informações, dados, gráficos, jogos, lógicas, genes, fórmulas, epidemiologia, didáticas, cálculo – pela boca que fofoca, cochicha, conta causo, sorri daquilo que ensina. Não se pode afirmar que o currículo é cópia ou reprodução de outros currículos. Deambular nos põe no tempo: em tempos de multiconexão, transinteração, transinvenção, transplantes, implantes etc. Um pulmão reserva. Deambulação pulmonar. Deambulação coronária. Deambulação ocular. Deambulação literária. Deambulação diária. Deambulação para experimentar e problematizar, alternadamente. Abertura das experimentações. Proliferações. Polifonizações. “A obra de Proust não é voltada para o passado e as descobertas da memória, mas para o futuro e os progressos do aprendizado. O importante é que o herói não sabe certas coisas no início, aprende-as progressivamente e tem a revelação final. Inevitavelmente, ele sofre decepções: ‘acreditava’, tinha ilusões; o mundo vacila na corrente do aprendizado”. (Deleuze – p.24 – Proust e os signos).

Entoado p

Desconstrução

Argumentos

“A questão talvez seja de outra natureza. Isso porque há uma visão filosófica que domina as agências de fomento, alega que, por exemplo, Michel Foucault e Jacques Derrida também não são filósofos e que Deleuze é um ‘mero’ historiador da filosofia. Logo o que parece estar em jogo é que o discurso da verdade enseja uma verdade para os discursos, empobrecendo a língua da filosofia e a linguagem do pensamento. Esta é uma questão política, pois toda escrita deve ser uma escrita de combate, estratégica, de guerra, que libera uma espécie de ‘agon’ da linguagem, a escrita deve ser transformadora, deve reinventar a filosofia e o filósofo. Nietzsche construiu com sua pena uma ‘política da escrita’. A escrita proposta como guerra, sob os signos do fragmento, da pluralidade e do enigma. Trata-se, talvez, de pensar a escrita de Nietzsche como uma política da escrita”.

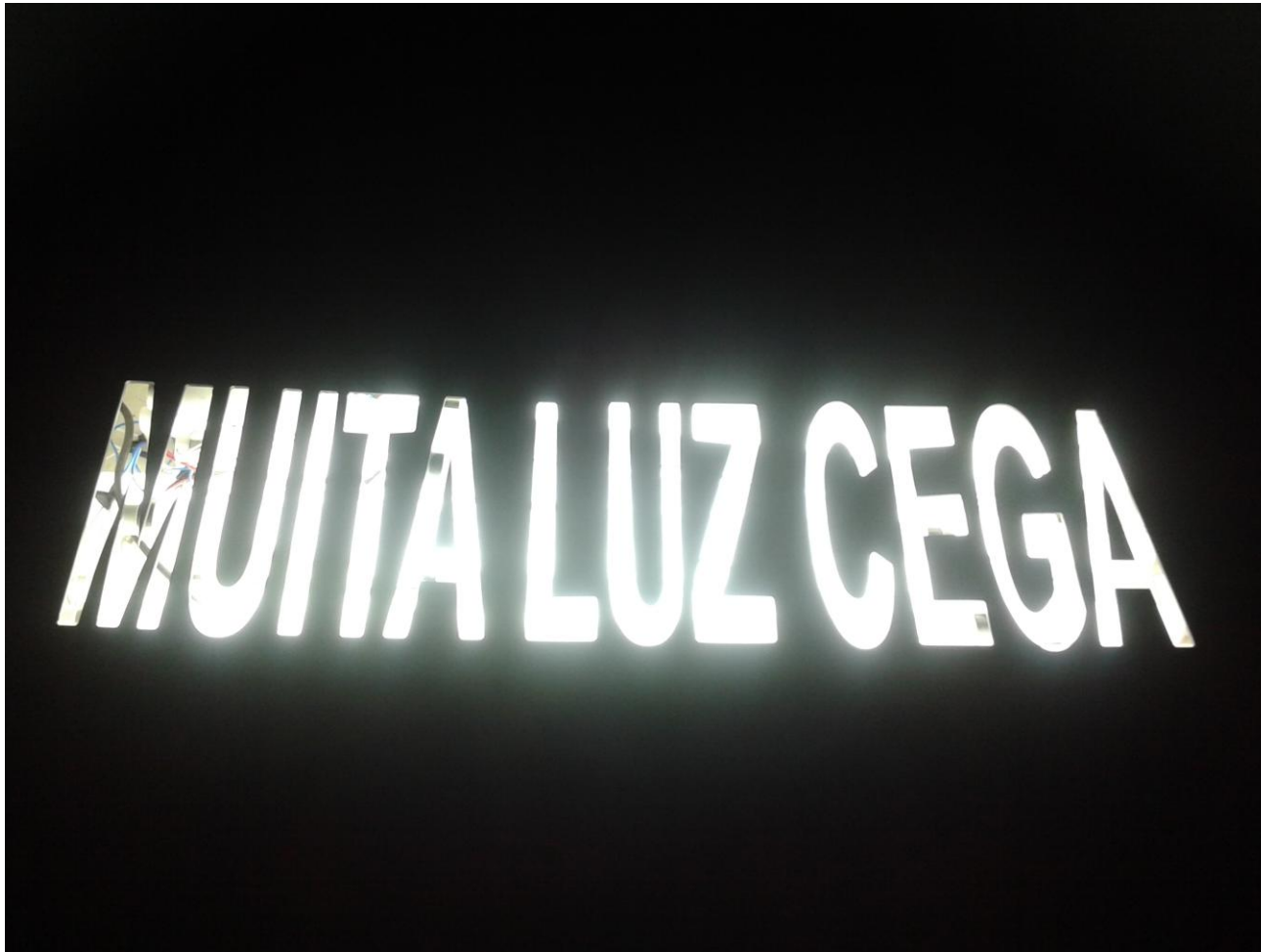
(Queiroz – p. 139 – Barthes/Blanchot um encontro possível?)

“Os críticos desenvolveram três repertórios distintos para falar de nosso mundo: a naturalização, a socialização, a desconstrução. Digamos, de forma rápida e sendo um pouco injustos, Changeux, Bordieu, Derrida. Quando o primeiro fala de fatos naturalizados, não há mais sociedade, nem sujeito, nem forma de discurso. Quando o segundo fala de poder sociologizado, não há mais ciência, nem técnica, nem texto, nem conteúdo. Quando o terceiro fala de efeito de verdades, seria um atestado de grande ingenuidade acreditar na existência real dos neurônios do cérebro ou

dos jogos de poder. Cada uma destas formas de crítica é potente em si mesma, mas não pode ser combinada com as outras. Podemos imaginar um estudo que tornasse o buraco de ozônio algo naturalizado, sociologizado e desconstruído? A natureza dos fatos seria totalmente estabelecida, as estratégias de poder previsíveis, mas apenas não se trataria de efeitos de sentido projetado a pobre ilusão de uma natureza e de um locutor? Uma tal colcha de retalhos seria grotesca. Nossa vida intelectual continua reconhecível contanto que os epistemólogos, os sociólogos e os desconstrutivistas sejam mantidos a uma distância conveniente, alimentando suas críticas com as fraquezas das outras duas abordagens. Vocês podem ampliar as ciências, desdobrar os jogos de poder, ridicularizar a crença em uma realidade, mas não misturem estes três ácidos cáusticos. Ora, de duas coisas uma: ou as redes que desdobramos realmente não existem, e os críticos fazem bem em marginalizar os estudos sobre as ciências ou separá-los em três conjuntos distintos – fatos, poder, discurso – ou então as redes são tal como as descrevemos, e atravessam a fronteira entre os grandes feudos da crítica – não são nem objetivas, nem sociais, nem efeitos de discursos, sendo ao mesmo tempos reais, e coletivas, e discursivas”.

(Latour – p. 11 – Jamais fomos modernos)

Demonstrações



Arnaldo Antunes. Exposição de arte. Brasília. Atividade complementar para o coletivo da região sul. Docência na saúde: ano dois mil e quatorze. Nessa mesma ocasião a pergunta: uma pedagoga na saúde? A única a ser citada. Duas caixas pretas. Caixa de ferramentas. Caixa de pandora. Caixa cartográfica. Não abra. Verifique suas fechaduras! Verifique a sua capacidade e sua saúde frente a ignorância da desconstrução de átomos, hélices, construções, moléculas, corpos. Temos na ignorância a possibilidade da desconstrução, para impulsionar a criação. Como também temos na ignorância a desconstrução segura e previsível. O que se quer dizer é que a desconstrução está sujeita à criação, dela derivam as variações, o que vem, o que pode vir. A desconstrução não pode estar presa à burocracia, à publicação em vão, à pesquisa por pontuação. O que se quer defender é uma desconstrução na pesquisa em educação e em saúde que preveja a vida, afirmando sua potência. Serve para alguma coisa. Jogo que serve para alguma coisa: para a desconstrução e criação. Um pensamento fundado no devir. Um pensamento pró-Nietzsche. Um pensamento pró-présocráticos. Forças e coisas em fluxo de jogo, criação e desconstrução. Pensamento, arte, saber – em fluxo de jogo. Faz fluir o desejo de jogo. Jogo que não é lazer inofensivo, é máquina de pensamento, é máquina de experimentação. Um pensamento atravessado pela arte, artimanha, com a vida. Pedagogia generalista, pedagogia multiplicidade. Coisa linda, vai onde se está. Pretende o comum, luta pelo comum, pelo comunitário, pelo compartilhamento aberto. Aprende formas de fazer autogestão, de cooperar, de trocar, de abrir as portas. Lá onde a vida exige: passe livre para a pedagogia. Que seja práxis. Que seja pensamento ético. Que seja teoria dos afetos. Que seja conhecimento das relações. Que seja mundo. Que seja vida ativa. Que seja vida ampliando-se. Que seja desejo. Que seja o que puder ser. Que seja pública. Que seja imaginativa. Que seja criativa. Que seja inventiva. Que seja afecção. Que seja cutucada. Que seja afeto-paixão. Que seja amor. Que seja pathos. Que saiba dançar com outros. Que se disponha a misturas. Que seja onda enquanto estiver no mar. Que seja infância enquanto estiver em ato de jogo. Que seja perspectiva. Que seja composição com estranhos. Que seja composição com estrangeiros. Que seja composição com sofridos. Que seja composição com pessoas com deficiência. Que se manifeste. Que seja corpo. Que sendo corpo seja coletiva. Lista: mulher cara de ingênua, homem banqueiro, pessoa que cumpre a moda, bolacha de tia, galpão de escola rural, sebo, livraria, criança com chinelo trocado, palavras. Política ato alteritário. Política do ato de desconstrução de verdades. Política do ato generalista. Política do ato comum. Política do ato comunitário. Pedagogia para subir na vida. Pedagogias Guattari. Pedagogia Bergson. Pedagogia Freire. Pedagogia Montessori. Pedagogia que favoreça encontros que nos coloquem em outras possibilidades de composição. Pedagogia felicitário. Pedagogia intertextualidade. Pedagogia da catação. Pedagogia da coleção. Pedagogia relicário. Pedagogia não sei bem. Pedagogia bibliografia para desvendar. Pedagogia ilustração. Pedagogia modo de pensar. Pedagogia uma possibilidade, um modo de ser. Pedagogia percepção de comunidade. Pedagogia percepção de comunitário. Pedagogia percepção de comum.

Entoado q

Composição

Argumentos

“Franck Maubert: Uma relação direta com sua vida e sua pintura, talvez? Francis Bacon: Sim, sem dúvida alguma. É sobre nós mesmos que devemos trabalhar em primeiro lugar... Eu queria alcançar uma pintura “clínica” no sentido em que Macbeth é clínico. Os grandes poetas são formidáveis disparadores de imagens. Suas palavras são indispensáveis para mim, me estimulam, me abrem as portas do imaginário”.

(Maubert – p. 23 – Conversas com Francis Bacon)

“Eu sou muitas pessoas destroçadas”

(Manoel de Barros – Livro das ignorâncias)

Demonstrações

Por performances, aulas e cuidado mínimo em saúde, amor? [Qorpo Santo com Bispo do Rosário]

[performances de aula] [trabalho do doutoramento] [publicação em livro de performers]

. Quem por ventura quer fazer aulas precisa obrigatoriamente pensar em arte contemporânea e, mais especificamente, ter ideias sobre performance e loucura

. O que se quer dizer aqui é que com loucos se aprende coisas de corpo, de palavra e de paradoxo

. O que se quer dizer também é que com artistas se aprende sobre criação, com o mínimo, com corpos, com palavras e com paradoxos

Forasteiro assim.

. Um está para o outro?

. Uns estão para os outros?

. Talvez

. E só se pode afirmar que neste texto se pretende um exercício de pensamento não conceitual

. Se pretende aproximação com saberes pouco ou “quase nada” filosóficos

. Se pretende aproximação com saberes pouco ou “quase nada” artísticos

. Se pretende aproximação com saberes “quase” pedagógicos

. Absolutamente variante as organizações das performances de aula

. Contudo, é imprescindível: roteiro mínimo; figurino catado minimamente; cabelo e maquiagem; fio a fio compostos; delineamento colorido dos lábios; ou pouco

. Isso tudo mesmo que bagunçado despenteado arranhado beijado na boca porra cheio de cafunés gozo que fazem roupa línguas armar molhar tirar

. A chuva sempre faz o convite a matar a aula, para aninhar livros e filmes: essa performance precisa ser assumida verdadeiramente, amor

. O sol sempre faz o convite a matar a aula, para aninhar jardins e sombras: essa performance precisa ser assumida verdadeiramente, amor

. O vento sempre faz o convite a matar a aula, para aninhar trancar o quarto e janela encerrar: essa performance precisa ser assumida verdadeiramente, amor

. As brisas sempre fazem o convite a matar a aula, para aninhar os cansaços e suspirar: essa performance precisa ser assumida verdadeiramente, amor

. Quem sobrevive de aulas, nestes tempos idos de 2014, precisa viver em meio a uma criação aos moldes das artes

. Quem sobrevive de aulas nestes tempos idos de 2014, precisa viver em meio a uma criação aos moldes das artes integradas

. Quem sobrevive de aulas nestes tempos idos de 2014, precisa viver em meio a uma criação aos moldes da vida que faz arte

. Quem sobrevive de aulas nestes tempos idos de 2014, precisa viver em meio a uma criação aos moldes da vida que arte

. E aula é arte, sem simplificações, sim

. E aula é arte-performance, sem simplificações, sim

. E aula se faz com amor-performance, sem simplificações, sim

. Quem faz aula faz performance

. E aula se faz com dois livros três enunciados a digladiar

. Não se diz isso de modo banal e simplório

. Fala-se isso na intenção forte da palavra, das palavras, da intuição

. Finquemos pé, mesmo que sobre um único pé, na intenção da palavra

. Escolher as palavras para a aula

. Imaginar todas aquelas palavras que saem dos gestos atingindo quem as toca e joga para dentro do corpo com toda a força seus sentidos atravessados pelo impacto

. Aquelas letras que saem do gesto sendo agarradas com as duas mãos por quem escuta sente vê ouve

. Seja qual seja, que seja, a forma de expressão, o que importa são os modos de existência na palavra

. Como existo dentro da palavra

. Na aula, arranjo aquelas coisas a serem ditas

. Formo minha enciclopédia

. Invento a minha enciclopédia ao modo **Corpo Santo com sua Enciclopédia ou seis mezes de huma enfermidade em 1862**

. Desfio as palavras, uma a uma, ao modo Arthur Bispo do Rosário (Gai e Ferraz, 2012) com seu Manto da Apresentação

. Rebeldes da palavra

. Rebeldes competentes em suas causas de poucos feitos e tantos efeitos

. Xamanismos para aulas

. Cantigas para aulas

. Remendos para aulas

. Costuras para aulas

. Danças e reversos e convexos e giros de pomba – para aulas!

. Não se trata de dinâmicas de grupo, embora pode ser um princípio

. Os princípios das transgressões, mas passam a ser como as coisas repetidas por aí

. As mais repetidas e comuns por sinal, não são repetidas de modo algum, tem nelas criação, intuição e experienciação

. Transgredir não necessariamente uma forma de aula ou uma norma de aula, mas fazer dentro dela as coisas comuns variarem

. Como fazer da língua das aulas esquizofrenia que comunica?

. Não organizando as palavras, mas fazendo pensar com ela?

“não venha me assistir” (Ferraz – Corpo a dançar)

Quero fugir da aula que vou lecionar hoje

Não venha para a aula hoje



. Segura este coração, comprime, e vê no que dá, em aula

. Faz coisas intensas, inteiras, densas, grandes, em aula

. Faz colchas grandes, de camas grandes, de muitos bordados demorados

. Faz caseados perfeitos, envolve o tecido, faz quem dorme se arrastar sobre aquele lençol enflorado

. Não necessariamente quem faz uma colcha supõe quantos amores enrola

. Cantigas para abraçar

. Cantigas para comer

. Cantigas para te fazer amar

. Cantigas para abraçar-me

. Cantigas para a vida sentir

. Cantigas para te pôr em pé

. Cantigas só para quem sabe ouvir você dizer que já está tudo bem

. Instruções para absurdos

Instruções para sol

. Instruções para abrir sol

. Instruções para abrir sorrisos

. Instruções para abrir aprendizados

. Instruções para abrir ignorância

. Instruções para abrir modos de falar de coisa que se vive, coisa comum

. Interpretar as coisas com imaginação, não necessariamente bem ou mal

“Estou querendo... querem ver me-convenço!? corrijo 29:385 vezes este jornal antes de ir para o prelo, 984-689-depois de estar no prelo; e ainda assim depois de impresso noto erros e faltas como no fim se vêem... não há a menor duvida

— os espíritos aéreos que produzião os efeitos extraordinários nas entranhas da descomunal mulher são — que alterão aquilo que escrevo, e que tantas mil vezes corrijo”.

Qorpo-Santo

. Quem inventa as aulas?

. Um cuidado mínimo com as palavras

. Um cuidado mínimo com as frases curtas

. Um cuidado mínimo com os enunciados

. Aquele cuidado mínimo com aquele amor?

. Um cuidado mínimo com os gestos

. Um cuidado mínimo, que segura a mão e não tem palavras

. Aquele “apertãozinho” suave que diz tudo

. Mensagem de apoio opositivo, mas mesmo assim, um apoio

. Aquele gesto de passar a mão no rosto, mesmo que com os olhos

. Trata-se de romantismo pois que vingará

. Sim, trata-se de romantismo pois que meus preferidos/autores o são

. Sim, trata-se de romantismo pois que a passionalidade aí é temporária

. Sim, trata-se de pathos da paixão

. Um cuidado mínimo que acarinha aninha faz acalmar

. Não necessariamente envolve amor, e pode envolver

. Cuidado mínimo que não quer dizer nada mais além de pouco

. Sentar o cuidado ali

. Só para marcar presença, sentar, e assim dizer mais uma vez do cuidado

. Ficar ali bem perto e acompanhar

. Aquele cuidado mínimo com aquela dor?

. Você estava trancadinho num cubículo, com chorinho nos olhos

. Queriam te ver fracassar, queriam nos ver enfim, nos achar

. Achamos as formas de olhar olhar olhar

. Achamos formas de pelo olho cuidar

. Achei que te daria uma aula

. Achei que te daria uns dias de graça

. Achei tua presença distante cuidadosa com a promoção de minha vida

. Achei coisinhas e te dei, te enviei, sobre ela com cuidado te escrevi

. Achei que te daria pedrinhas, flores, beijinhos

. Te fiz me amar, fizemos aulas para nos amar

. Aquele cuidado mínimo com aquele dia, amor?

. A veste para aquela aula

. O cabelinho para o lado para aquela aula?

. A saíinha para aquela aula?

. Não nessa ordem nem nesse gênero nem de salto 15

[exercite a sua performance aqui]

[performances de loucos]

“GRAÇA:

Aos amantes do bom senso e da ilustração.

Lendo nós reflectidamente o 1.º e o 5.º Livro, produções literárias com o

título Enciclopédia, ou Seis mezes de huma Enfermidade, do Ilmo. Sr. Jozé Joaquim de Campos Leão Corpo-Santo; notamos nessas 400 pájinas, por entre poucos menos importantes pensamentos, hum milhão de sublimidades sobre os mais significativos, momentosos e transcendentos assuntos. Apreciamos nessa variedade infinita sobre politica, história-patria e jeral, administração pública, economia política e particular, instrução pública e doméstica, astronomia, rethórica, e filozofia, &c., – magníficas eisplicações sobre sciencias ainda por outrem não tratadas, como das verdadeiras relações naturaes e suas consequencias entre o homem, Deos e a natureza; sobre a immortalidade da alma; e tantos outros objectos tão raros, que parece impossivel ao que não estudou profundamente o Novo-testamento, a realidade de taes fenomenos. Consta-nos que imprimindo o 2.º, e 3.º, e que imprimir-se-há em seguida o 4.º Livro; e que terminará com a reimpressão do Jornal – A Justiça. Asseguram-nos pessoas fidedignas – que não ficam aquem, em utilidade jeral, dos dous impressos. Em nossas puras consciencias avaliamos cada hum de seus livros em 8\$000 reis, entretanto para que possam ser lidos por todos – marcou-lhe o seu Autor o baixo preço de réis 5\$000”

Qorpo-Santo

Todavia, enfim, o que queria dizer na coletiva e não disse, sobretudo, e que tento dizer pessoalmente e não é eficiente, e que escrevo e deixo vago, e que olho e olho e não necessariamente pra ti é sentido: é que você é incrível! Fica tranquila, todas as tuas, conquanto, considerações são inteligentes, são mais apropriadas quanto a forma de escrita e o peso da tua análise é riquíssima. Veio você para enlouquecer-me? Se era para estudar, a mim mesmo é que aprendi. Se era para desvendar mistérios das coisas simples e triviais, os dias têm sido engraçados. Se for para morrer disso, vivemos! E se o encontro tem de servir, já veio contigo e tua coragem, agora com tua capacidade de companhia e compartilhamento de ideias. O texto tem argumentos fortes. Eu não teria coragem suficiente. Sozinho não promoveria o texto, como certo, será promovido contigo nele. Eu te agradeço. Você é inteligente, fica bem com isso. O que você diz é estranho, de difícil compreensão, insuportável para alguns. Tenho agradecido diariamente por entender das mesmas mirabolâncias que você. Tenho vivido isso com o máximo de minha capacidade, sensações e sensibilidade. É preciso que esse aprendizado seja de fato por afinidade, por desejo de mistura, desejo de contaminação. Aprender é afinar-se, contaminar-se, misturar-se: com o ensinante; com o aprendido; com a matéria; com a expressão. Eu quero muito continuar. Segue comigo. Vai dar tudo certo! Uma grande coisa por vir. Mesmo que uma grande performance. Mesmo que um grande acontecimento político. Mesmo que um esfacelamento pelo prazer. Mesmo que a invisibilidade dos amantes. Mesmo que a dor do fim trágico. Mesmo que mais uma aula chata para lecionar. Grande beijo de portão -- admiração e carinho”

Marçelo do Canto

Entoador

Som

Argumentos

“A música nunca é trágica, a música é alegria”

(Deleuze – p. 104 – Mil Platôs 4)

“Seja sempre poeta, mesmo na prosa”

(Baudelaire – p. 83 – Meu coração desnudado)

Demonstrações



Fotografia em exposição de arte. Arnaldo Antunes. Florianópolis. Evento da educação. Linha temática educação especial. Reencontro com colegas de formatura. Reencontro com colegas com deficiência. Reencontro com a formação primeira, a educação especial. Muitas perguntas. Sensações de reencontro para estranhamentos. Apresentação de trabalho. Perguntas para outros. Silêncio em minha intervenção. Ao encerrar dois comentários sobre o meu trabalho: não tem nada de educação especial; é arte, não é? Sem fôlego, silencieei. Uma colega que não sabia nada do que estava acontecendo e nem do que estava escrito disse: é mais saúde coletiva do que arte, mas também é. Nenhuma polêmica vale a pena, diria Saramago a profanar. Murmurinhos. Dúvidas. Zunidos. Curiosidade. Criança tem imaginação fantástica. Criança tem imaginação fabulosa. Criança tem imaginação diante de perguntas. Criança faz perguntas descabidas. Crianças imaginam. Crianças cantam a sua imaginação. Crianças admiram os autores de seus livros e os cantores de suas músicas preferidas. Cacarecos viram instrumentos musicais. Percussão pronta. Aprendizagem dos sons. Aprendizagem da música. Aprendizagem como saúde. Aprendizagem com saúde. Barulhos. Gritos. Batidas. Portas batendo. Crianças correndo nas escadas. Adolescentes cantando. O ajuste está no tom, na intensidade, na música. Sim, aquele que escuta a música pode escrevê-la. Extravase suas músicas. Fabule! Cirande! Resgate toda a energia das cirandas, e rode! Cantar é muito. Cantando dar veículos para as ideias. Cantando levar ideias. Cantando ensinar a cantar. Quero trabalhar na rádio! Adulto tem apressa pela possibilidade do estudo com música. Adulto tem apressa pela possibilidade de poder tocar um instrumento. Gente pequena ou grande sensibiliza-se por poder produzir sons. Aceleração. Música de ônibus. Rostos. Transito. Só ouve (já é tanto). Só dança (já é tanto). Só brinca (já é tanto). Generosidade. Gentileza. Amorosidade. Cordialidade. Delicadeza. Virtude. Escutar músicas, fruir músicas, está acima de nossa capacidade intelectual, capacidade de interpretação, capacidade de reprodução – e é exatamente isso que a faz durar. Palavra escrita que é musicada pelos instrumentos. Palavra cantada que é dançante. Palavra que canta. Ritmo. Harmonia. Alguns não conseguimos escutar, apenas ouvimos. Alguns ouvimos sem compreender o que dizem. Para alguns não deferimos respeito ao ouvir. Alguns falam e nos sentimos tocados. Outros, poucos, falam e são amados imediatamente. Interesse na pessoa, viva, vívida, e sua ética. “A música, tal como hoje a compreendemos, é também uma excitação e uma descarga geral dos afetos, contudo apenas o resto de um mundo expressivo do afeto muito mais pleno, um mero ‘residuum’ do histrionismo dionisíaco. Para possibilitar a música como arte específica, alguns sentidos, sobretudo o muscular, foram paralisados (pelo menos relativamente: pois, em certo grau, todo ritmo ainda fala aos nossos músculos): de modo que o homem não mais imita e não mais representa de imediato corporalmente tudo aquilo que sente. Contudo, esse é o estado normal propriamente dionisíaco, pelo menos o estado primordial. O ator, o mínimo, o bailarino, o músico e o poeta lírico são profundamente aparentados em seus instintos e, em si, são um só, porém especializados de forma gradativa e separados um do outro – chegando inclusive à oposição”. (Nietzsche – p. 12 – Crepúsculo dos ídolos). Música subcutânea. Música na escola na educação na saúde na unidade básica de saúde. Música faz comum.

Argumentos



Perguntas para a desconstrução em pesquisa com artes (para Residente em saúde mental coletiva perguntarem para qualquer um)

Você faz saúde com arte?

Na arte e na cultura são produzidas quantas saúdes?

Como você começou a fazer o que vem fazendo?

Você é um autodidata?

Tem formação em arte, cultura, saúde?

Qual a sua área de formação?

Quando a arte e a cultura produzem saúde? É mensurável através de qual indicador o que se produz em saúde com as artes? A própria saúde sendo recomposta é recomposta? Uma pergunta informal sempre age em um acaso. Pensemos na articulação possível entre a arte, a cultura e a saúde, mas também procuremos saber as aproximações e motivos daqueles com quem conversamos. É impossível uma forma de aproximação, a mais segura nunca se prevê. Use a intuição, e se for o caso ignore-a também. Não necessariamente as respostas dadas às tuas perguntas durante a pesquisa serão a tua conclusão, a tua resposta final, o teu resultado em si, a tua afirmação final. Está fazendo colheita, catação, arranjando argumentos para mostrar outra política de saúde, uma política viva. Acho muito bacana anotar. O vídeo sempre gera alguma demanda tecnológica que pode falhar, faltar, inibir, inquirir, mostrar demais. Ter a memória à mão ajuda também.

Entoados

Presença

Argumentos

“Invocando paradigmas éticos, gostaria principalmente de sublinhar a responsabilidade e o necessário ‘engajamento’ não somente dos operadores ‘psi’, mas de todos aqueles que estão em posição de intervir nas instâncias psíquicas individuais e coletivas (através da educação, saúde, cultura, esporte, arte, mídia, moda etc.). É eticamente insustentável de abrir, como tão frequentemente fazem tais operadores, atrás de uma neutralidade transferencial pretensamente fundada sobre um controle do inconsciente e um corpus científico. De fato, o conjunto dos campos ‘psi’ se instaura no prolongamento e em interface aos campos estéticos. Insistindo nos paradigmas estéticos, gostaria de sublinhar que, especialmente no registro das práticas ‘psi’, tudo deveria ser sempre reinventado, retomado do zero, do contrário os processos se congelam numa mortífera repetição. A condição prévia a todo novo impulso da análise – por exemplo, a esquizoanálise – consiste em admitir que, em geral, e por pouco que nos apliquemos a trabalhá-los, os Agenciamentos subjetivos individuais e coletivos são potencialmente capazes de se desenvolver e proliferar longe de seus equilíbrios ordinários. Suas cartografias analíticas transbordam, pois, por essências, os Territórios existenciais aos quais são ligadas. Com tais cartografias deveria suceder como na pintura ou na literatura, domínios no seio quais cada desempenho concreto tem a vocação de evoluir, inovar, inaugurar aberturas prospectivas, sem que seus autores possam se fazer valer de fundamentos teóricos assegurados pela autoridade de um grupo, de uma escola, de um

conservatório ou de uma academia... Work in progress! Fim dos catecismos psicanalíticos, comportamentais ou sistemistas”.

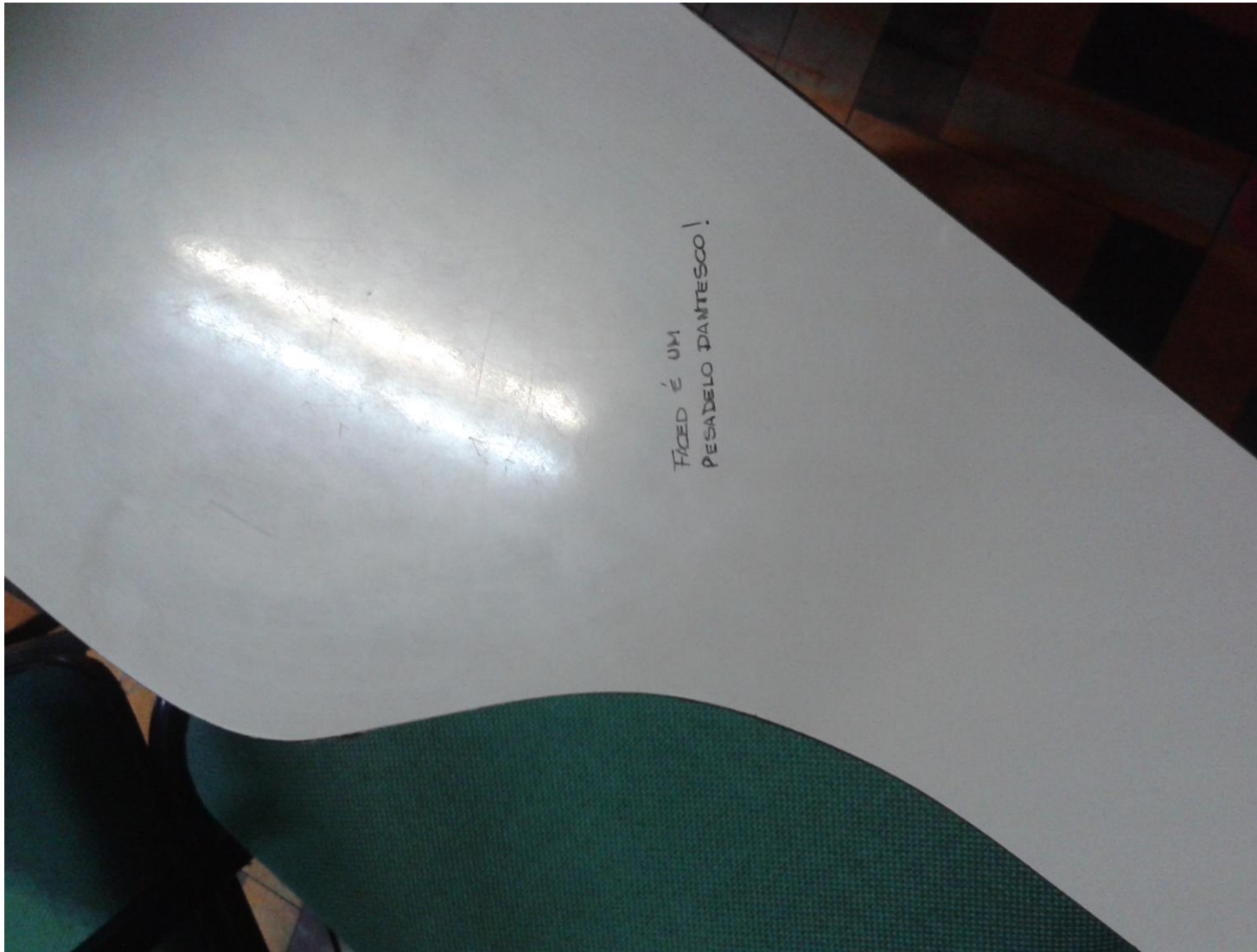
(Guattari – p. 22 – As três ecologias)

“O que quer dizer amar alguém? É sempre apreendê-lo numa massa, extraí-lo de um grupo, mesmo restrito, do qual ele participa, mesmo que por sua família ou por outra coisa; e depois buscar suas próprias matilhas, as multiplicidades que ele encerra e que são talvez de uma natureza completamente diversa. Ligá-las às minhas, fazê-las penetrar nas minhas e penetrar as suas. Núpcias celestes, multiplicidades de multiplicidades. Não existe amor que não seja um exercício de despersonalização sobre um corpo sem órgãos a ser formado; e é no ponto mais elevado desta despersonalização que alguém pode ser nomeado, recebe seu nome ou seu prenome, adquire a discernibilidade mais intensa na apreensão instantânea dos múltiplos que lhe pertencem e aos quais ele pertence”.

“Cada um passa por tantos corpos em cada um”.

(Deleuze e Guattari – p. 63 – Mil Platôs 1)

Demonstrações



Presença é muito. Cadeira da Faced. O que acontece na sala de aula comum é um contrato que fica sobre o controle do professor. O contrato só pode ser feito em grupo, num coletivo atento a ética do brincar, a ética da amizade, a uma ética alteritária. Embora tudo isso possa parecer redundante, antigo, é preciso retomar e assumir como necessário. A dúvida é sobre qual controle o professor necessita exercer. Controle das listas de presença. Controle das avaliações. Controle da participação. Controle do envolvimento. Controle do entusiasmo. Controle da alegria. Controle da aprendizagem. Controle da permanência. Ética: transnacional; generalista; utópica; transexual; sensível; mentirosa; devir infantil; jeitinho nosso; desinstitucionalização -- presença constante! Acolhimento. Encontro. Cuidado. Protocolo cuidadoso. Dimensão pragmática do encontro. Crise do acolhimento? Crise de como fazer melhor o acolhimento? Qual a técnica para encontrar o outro? Acolhimento é o principal momento de um encontro. Acolhimento é um aconchego. Acolhimento exige um toque, de mãos ou de braços, pelo menos. O que pode se passar nesse encontro? Acolhimento: procedimento da saúde complexo e sofisticado. Acolhimento na educação em saúde: procedimento complexo e sofisticado. Acolhimento: procedimento complexo e sofisticado em unidade básica de saúde. Acolhimento em escola: procedimento complexo e sofisticado. Puxar o banco. Puxar a conversa. Somente dar atenção ao que é dito. Estar com toda atenção atenta. Trabalho afetivo. Trabalho para encontrar-se. Atelier de aprimoramentos do acolhimento que ofereço. Clinicando se encontrar. Engajamento clínico para o encontro. Engajamento criativo. Comunidade de trocas éticas. Trocas de experiências entre trabalhadores e usuários. Ensinando a encontrar. Ao lecionar estar disponível aos encontros. A necessidade do outro não é autotransparente, perceptível, previsível. A necessidade emerge do contato, do relato, da conversa, no encontro. No encontro é que se formula o que possível ser enunciado. Prescrições geram enunciados que produzirão outros encontros. Podem ser encontros com prescrições incomuns. Usar a possibilidade dos intercessores das artes e da filosofia ao prescrever. Prescrevo como saúde: beijo, escrita, lúdico, poesia, música, deitar e esperar a dor de cabeça passar. O SUS é um grande sistema de conversações? É pedagógico o que o SUS propõe como acolhida, encontro, presença. Deve ser pedagógico o encontro em saúde. Uma didática do encontro na saúde. Uma didática a ser desenvolvida ao cuidar. Uma didática ao orientar os coletivos, os grupos, os procedimentos, a vacinação etc. Uma didática que conversa sobre os procedimentos a seguir para ficar com mais saúde, com grande saúde. Didática explicação da receita. Didática explicação das doses das medicações. Didático alerta sobre os cuidados caseiros que podem expandir a saúde. Não se trata de formulário. Não se trata de folder. Não se trata de cartilha. Não se trata de programa de televisão explicando como se curar, melhorar, se embelezar. Na democracia do encontro conceder, perseverar, afirmar a potência do encontro alegre para a grande saúde. Saúde voltada para a vida. Até que o outro diga: sinto que ganhei vida. Agrossaúde. Ecosaúde. Zoosaúde. Filôsaúde. Artesaúde. Ampliação da saúde com a presença de outros. “Hábitos ativos: como dizíamos, dá-se o nome de hábitos ativos àqueles que contraímos por um esforço de vontade; são hábitos refletidos, hábitos que uma intenção comandou. Indaguemos como eles são adquiridos e quais são as leis que os regem. O hábito ativo, assim como o hábito passivo, é adquirido ou por repetição ou por

prolongamento do ato primitivo”. (Bergson – p. 263 – Aulas de psicologia e metafísica). No hábito de dançar nossa vontade imprime certa direção ao corpo e esta se conserva, afinal, um ato é o início de um hábito em Aristóteles (Metafísica). Ética na saúde; ética na formação em saúde; ética na ciência; ética na pesquisa; ética na formação em graduação (uma ética do trabalho, no serviço, nas relações sociais, na saúde sendo feita – como impulsioná-la?). Leitura das Cartas aos mortos (é possível um cuidado pela via da palavra, do entusiasmo, do encontro alegre, da presença-distante? Como interlocução com o que a loucura expõe? O que tem de loucura em uma carta anônima para alguém desconhecido, um vivo morto, um louco muito louco? Será que não é essa a lógica da gestão dos protocolos, da gestão dos documentos regulatórios, da gestão que só faz documentos?). Para mexer com isso é que o Parafernália perguntou: currículo, cadê a poesia? É possível protocolar a dor, o sofrimento, o adoecimento e ao mesmo tempo escrever outros sentidos e dar efeitos potentes para o dito? Ao escrever em protocolos o que o outro relatou já (imediatamente) transformo minhas ideias, faço associações, invento possibilidade, reconheço alternativas e me aproximo daquele que me conta sobre seus dias esfacelados. Apenas escrevo, digito, imprimo e mando o tempo passar o próximo que sentará à mesa. Apenas escrevo, digito, imprimo, rapidamente para poder ver quem será o próximo da fila, sem que eu possa curar, cuidar, afetar, ser afetado? Uma escrita como saúde, uma aproximação cuidadosa como saúde, uma contribuição com cuidado para ambos os envolvidos? Estamos falando de uma política de escrita que pode ser feita na gestão como no serviço, no campo, no território, no postinho, na escolinha. Cuidado e condução. Cuidado e atenção. Cuidado e cotidiano. Cuidado e didática do cuidado. Cuidado e ética (Spinoza; Nietzsche; Maffesoli; Deleuze; Guattari; Ceccim; Larrosa; Gastão; Teixeira; Merhy; PNH; Humaniza SUS; Perspectivismo; Agenciamento; Acontecimento; Mínimo; Ecologias; Subjetivação; Experimentação; Riso; Inteligência; Inovação; Criação; A Grande Saúde – toda nossa linda produção em saúde pode ser referenciada pois que é apropriada ao que se quer). Documentário. Uma tentativa de deslocamento do que o trabalho está pedindo, sente aqui, vem aqui, olha o que tenho pra ti: território do brincar. Após o documentário iniciar a discussão teórica e se colocar a brincar. Enquanto estuda faz associação de ideias, pensar o pensado, pensar o pensamento, pensar “com”, fazer junto com alguém, inventar uma pergunta, interferir na ordem da explicação, mexer em caquinho, tal como fazemos quando nossa atenção vagueia em aula, justamente para dar vazão à criação, ao cochicho e não à reconhecimento. Após concluir seu brinquedo escreva um manual de cuidado para quem o receber tomar todas as providências prescritas. Protocolo querençoso. Pensar a clínica e com cacarecos produzir um objeto. Brinquedo para dar ao colega dono do bilhete anônimo trocado no bloco de aulas anterior. Glossário para protocolo da clínica do cuidado (promoção da vida, sujeitos, comunidade, sofrimento, equipe de referência, clínica ampliada, gestão da saúde, gestão-clínica, SUS, equipe de referência territorial, unidade básica de saúde, saúde da família, saúde da criança, saúde da mulher, agentes comunitários de saúde, processo terapêutico, projetos terapêuticos, matriciamento, trabalho especializado, participação nas reuniões de apoio, vínculo terapêutico, transdisciplinaridade, multiprofissionalidade, integralidade, trabalho integrado, humanização da atenção, ética profunda). Expressões conhecidas. Como retirar outras meias palavras dessas e

colar com um tanto de inovação, de saberes de experiência, de proposições outras? Apresentação do protocolo da clínica do cuidado por parte dos grupos. Cada grupo recebe um capítulo, em um livro, para ler em conjunto e a partir dele, da conversa, da aproximação com o já sabido, criar um glossário para o grupo com no mínimo cinco palavras das destacas anteriormente e conhecidas por todos. Se possível ver o que o autor propõe para além do que já sabemos, para além do que está nos documentos referenciais e nas políticas, para além do que já sei. Ao produzir o glossário pensar no que ainda é possível ou no que ainda posso criar. Estudos de três textos da web, recortados excertos e lidos conjuntamente na projeção do datashow. Trechos, pequenos pedaços, alertas, indicações, com destaques que auxiliarão na produção de protocolo de experiência individual (cartografando o cuidado; gestão do cuidado; apoio; matricial; impeditivos epistemológicos; impeditivos éticos; a saúde em 2033). Para um protocolo de experiência individual: fazer uma tabela com as palavras, ideias, sensações, vídeos, conceitos, discussões que perpassaram a aula, as suas demandas, o seu desejo, a sua necessidade de escritura etc. A tabela pode ser um exemplo de catalogação, de classificação, de tabulação, de lista de aprendizagens, de conceitos a serem estudados posteriormente. Pode ser uma tabela para inserir no trabalho de conclusão de curso. Pode ser um esquema para colar no mural do trabalho. Precisa ser de experiências. Experimente a escrita para criar as suas ideias de SUS. Deve passar a tabela de todos os colegas pelo máximo de mãos e escrituras de todos os colegas. Tabelas de letras, de automatismos, de intuições, de velocidades, de cores de canetas etc. Todos irão interferir e preencher os protocolos uns dos outros. Ao final cada um ganha do coletivo um elemento conceitual para compor sua experiência em gestão do cuidado. Protocolo de ética do cuidado: somos uma equipe e como procederemos em uma casa dos mortos, uma casa de brincar, uma casa de ser vagabundo profissional? Não foi possível desenvolver. Só admitem-se professores copiadores, professores escritores por serem preenchedores de quadros de parede, professores reféns de tecnologias e projeções. Tanto na educação- educação, quanto na educação em saúde. A pergunta ecoa: o que disso posso aplicar, o que disso aproveito em meu trabalho, o que disso uso na prática? Uma dependência de políticas de experiências: sem experiência · sem exposição · sem provocação · sem conversação · sem encontro · sem relacionamento · sem dissenso · sem paradoxos · sem multiplicidade · sem variação · sem conexões disjuntivas. Imagine só, aprendemos na afecção, por afetos ativos, com pathos. Pesadelo. Atrito. Transformação das sensações. Transformação das impressões. Transformação.

dantesco · *adjetivo*

1. relativo a Dante Alighieri 1265-1321, poeta italiano considerado precursor do Renascimento ('movimento'), ou a sua obra; dântico.

2. *p.ana.* de grande horror; diabólico, medonho, pavoroso.

"sonhos d."

Entoado t

Jardim

Argumentos

“A delicadeza. Suplemento, não redundância. 1) Segundo o modelo oriental, a delicadeza obriga à eliminação minuciosa de toda e qualquer repetição: a delicadeza horroriza-se, melindra-se com repisamentos. Exemplo, Japão: no aposento do chá: nenhuma cor, nenhum desenho deve repetir-se: se houver uma flor viva, estará proibido qualquer quadro de flores; se a chaleira for redonda, o jarro será angular; uma tigela de esmalte preto não deve ficar próxima de uma caixa de chá de laca preta; não usar flores brancas da ameixeira quando ainda há neve no jardim. Mesmo o espaço não deve repetir-se, portanto, simetrizar-se: no aposento do chá não se deve por nada no centro de nada para não separar o espaço em duas partes iguais”.

(Barthes – p. 72 – O neutro)

“Tudo passa pela linguagem’ quer dizer = a linguagem cria tudo: a metáfora cria a delicadeza; em discurso humanista se diria: a metáfora cria a civilização (não sendo esta, necessariamente, ‘humanista’, clássica). -> Direi até: a língua cria o real; quem escolhe sua língua escolhe sua realidade: não é o mesmo real, o mesmo contato (pois se tratará de um exemplo amoroso) dizer ao ser desejado: minha língua sobre tua pele ou meus lábios sobre tua mão, ou melhor, o ser

desejado receber o mesmo gesto sob duas espécies verbais diferentes. Para Sade, fundador do princípio, ou autor epônimo da categoria, esse princípio não teria sido possível sem a marquesa, a carta, a interlocução, a língua”.

(Barthes – p. 77 – O neutro)

“A afeição parece ser uma emoção, ao passo que a amizade é uma disposição (estado); assim se entende porque a afeição pode ser experimentada inclusive por coisas inanimadas, enquanto a reciprocidade do amor envolve prévia escolha e esta nasce de uma disposição. Ademais, quando as pessoas desejam o bem de quem amam no interesse de quem amam, seu amor não está subordinado a uma emoção ou paixão, mas a uma disposição”.

(Aristóteles – p. 299 – Ética a Nicômaco)

Demonstrações



Flores de greve. Flores para representantes, supostamente. Alguns receberam com sorriso, desses lembraremos bem. A memória tem afeição pela afeição. Estimamos o que, mesmo que misterioso, desabrocha tal flor. Em língua brasileira de sinal o sinal de flor é incrivelmente flor. Flores dedicadas aos colegas da área de educação especial da Faced. Aos colegas surdos, aos colegas com deficiência, aos colegas geniais. Somos bons amigos de pensamento. Jardins não nos faltam para semear. Embora a expressão clichê, e muito: plantamos coisas que só dão mais vida. E afinal, a aprendizagem não é mesmo uma aventura? Deficiência e jogo. Deficiência em jogo. Jogar, fazer inferências, provocar o desenvolvimento. Jogar com as possibilidades da existência na deficiência. Jogo e aprendizagem. Vamos prescrever? Joguem! Joguemos em diferentes lugares. Joguemos em diferentes configurações. Joguemos em diferentes grupos. Joguemos em diferentes momentos da vida. Joguemos em diferentes posições. Joguemos em dias da semana diferentes. Joguemos diferente em situações diferentes. Joguemos pelo prazer. Jogue! Faça uso dos seus jogos de ideais. Jogue com seu espírito de jogo. Brinque com jogos simples. Utilize-se dos brinquedos para aprender. Aprenda brincando com trecos e cacarecos. Brincar requer mais sensações do que etiquetas. Brincar exige rotatividade e nenhum pouco de organização. Rode pela casa. Visite os vizinhos. Corra na rua de bicicleta. Jogue bola no parque mais próximo. Pule no jardim. Colha as flores da vizinha. Colha flores para o vaso da sala de trabalho. Colha flores de papel crepom. Invente flores ao brincar. Desenhe flores. Natureza, sabe essa criatura distante? Natureza, que nem por nome conhecemos? Natureza. Boa natureza. A saúde está na natureza, nas coisas de jardim, de cultivo, de plantação, de catação. Catar ´ colher ´ apanhar ´ recolher ´ descascar. Demasiado ingênuo pensar assim. Fala-se de recursos tão “inhos”, recursinhos. Jardins, tão pequenos e tão democráticos, não? “Flores”. Enquanto as árvores se acanham, e já só se deixam ver atrás de cercas, as flores mostram-se de uma dureza insuspeitada. Não têm com certeza cores mais fortes que nos climas temperados, antes mais pálidas. Mas a sua cor destaca-se muito mais claramente de tudo o que as rodeia. As menores, amores-perfeitos e resedás, são mais selvagens, as maiores, sobretudo as rosas, mais significativas. (...) Quando o sol chega, interpela todas as cores nos jardins – azul, vermelho e amarelo -, a guarda brilhante das flores que nenhuma copa ensombra”. (Benjamin – p. 85 – Imagens de pensamento).

Entoado u

Cuidado

Argumentos

“Ternura. Gozo, mas também avaliação inquietante dos gestos ternos do objeto amado, na medida em que o sujeito compreende que esse privilégio não é para ele. 1. Não se tem apenas carência de ternura, mas também de ser terno com o outro: estamos encerrados numa bondade mútua, somos reciprocamente maternais: voltamos à raiz de toda relação, lá onde de juntam carência e desejo. O gesto terno diz: me pede qualquer coisa que possa adormecer teu corpo, mas não esquece que te desejo um pouco, ligeiramente, sem querer possuir nada imediatamente”.

(Barthes – p 190 – Fragmentos de um discurso amoroso)

“As formações políticas e as instâncias executivas parecem totalmente incapazes de apreender essa problemática no conjunto de suas implicações. Apesar de estarem começando a tomar uma consciência parcial dos perigos mais evidentes que ameaçam o meio ambiente natural de nossas sociedades, elas geralmente se contentam em abordar o campo dos danos industriais e, ainda assim, unicamente numa perspectiva tecnocráticas, ao passo que só uma articulação ético-política – a que chamo ecosofia – entre os três registros ecológicos (o do meio ambiente, o das relações sociais e o da subjetividade humana) é que poderia esclarecer convenientemente tais questões”.

(Guattari – p. 08 – As três ecologias)

Demonstrações



Forças visíveis de cuidado. Atos de sensibilidade, inteligência e desejo de alteridade. Linhas descuidadas. Linhas sem cuidado. Linhas sem atenção. O cuidado em saúde está para o cuidado caseiro (daquele que sabe a dose dos chás curandeiros a cada boca que beija). Tentemos pensar o déficit como potência? Tentemos pensar o sofrimento como potência? Tentemos pensar a loucura como potência? Sem supervalorização. Porém, com compreensões diferentes acerca das possibilidades de agir na deficiência, no déficit, no sofrimento, no adoecimento, na loucura, na ‘não aprendizagem’, na ‘falta de forças’. Na potência de agir, na estimulação maior, na complexificação das coisas, na invenção de si, na ampliação do mundo, na musicalização das formas, na diversificação de parafernalias e trechos da vida: talvez aí fugas. É importante, portanto: não procurarmos moderações leves, graves, severas, complexas de dor, doença, loucura, retardo, déficit. Não procurarmos quem pode e quem não pode ir à escola; não procurarmos quem pode e quem não pode aprender, quem pode e quem não pode interagir com os outros; não procurarmos quem pode e quem não pode ser incluído ou excluído ou cuidado ou escutado ou conduzido. Como fazer aparecer saúde? Como uma didática de saúde ou com saúde ou para a saúde? Como inventar espaços de saúde em que o cuidado, a cura e a vida sejam aprendidos em meio à experiência do que se transforma em meio à vida? Como transpassar a linha do sofrimento, da suposta doença, do adoecimento, da deficiência, a marca de incapacidade, o diagnóstico de debilidade mental, de inaptidão física ou inépcia sensorial? Algo precisa ser esgotado daí. Talvez haja algo na extorsão das intempéries, das fatalidades, dos acontecimentos. Isto para que a vida possa vir a tempo, para que a vida mesma possa aparecer diferentemente, como num outro jogo a ser pensado. Deficiência: quando falamos neste pressuposto compreendemos um déficit, um menos a ser recuperado, um comparativo, uma falta, uma tentativa de trazer para a norma, de igualar. Doente: que sente dor, que está doente, que toma remédios, que precisa de isolamento, que contamina, que é incurável, que é um código, que é uma sigla, que é doença. Já que o que não é igual, normal, contido, curado, sadio, desorganiza, desestabiliza, tira do lugar de domínio, de calma, de equilíbrio, de saber! Qual a relação existente entre a educação em saúde com uma didática experimental? Qual a relação existente entre a educação em saúde com uma didática experimental nas formações em graduação? Qual a relação existente entre a educação escolar com uma didática experimental? Essas correlações compõem uma ética (viva) do brincar na educação escolar. Faz-se uma ética (viva) do brincar, no contemporâneo, com a fotografia e o cinema também. Os modos de fazer aula, ou seja, a didática, tem as mãos e os pés daquele que faz a docência. Uma docência se afirma por uma didática. Os “modos de fazer algo” são “a didática da coisa”. Qual a didática da saúde, pergunta-se aqui? Quais os modos de fazer saúde, que requerem, para além de técnica, intervenção alegre e planejamento didático? Quais as técnicas e os modos de fazer aula na contemporaneidade? Quais didáticas da educação escolar negam-se na educação superior? Uma docência atualizada não necessariamente esquece-se de coisas de aula, coisas de escola, coisas simples, informações aparentemente óbvias. Uma docência é feita por sua didática. A docência na saúde é feita por sua...? Técnica da saúde? Trilha s tecnológicas da saúde? Parafernalias do

cuidado? Talvez, pensemos, e, propositivamente, inventemos uma educação (em saúde ou qualquer educação) que se preocupe com a genealogia da coisa toda. Ontologia da coisa toda. Ética-atenção que se espraia como ética do viver junto, ética das intensidades? Educação especial, em saúde mental ou em saúde coletiva? Nesses campos onde se quer transpassar a lógica da habilitação e reabilitação, do diagnóstico e da cura, onde se quer a possibilidade do ritmo da vida, a vida que possa se dar no comunitário, sob coletivos e em meio ao *socius*, ambiente e subjetividade? Conquanto, a Ética “da educação”, dá passagem àquele com existência fragilizada, com corpo adoecido, que queira um pouco de leveza, sossego e ar? Daquele que dedica um cuidado privativo, se requer a proximidade com o humano, não com o prevenível, pois que exatamente, com o não prevenível. Aquele que recebe o cuidado privativo quer aquilo que é da ordem do humano, quer viver junto (habitar um tempo com outros), mesmo que a dois em descaídas, quer a intensidade, o desafio. O que se quer alertar aqui é que uma didática requer cuidados e atualizações. Intensidade e extensividade nas formas mofadas. Didática prestes a ser artesanalmente troçada. Uma didática não existe, pronta, a copiar os passos, ela precisa de operadores. Exposição didática é a que escolhe seus intercessores pelo afeto, pelas suas histórias reais e posteriormente por suas histórias como cientistas ou profissionais. Não ler comentadores didaticamente. Aproveitar-se das fontes, daquilo que provoca bebedeira ao ler, que é como cachaça. Didática que põe vícios em cena. Didática que se assume criativa. Didática que assume a imaginação. Didática implodindo aos poucos aprendizagens. Escritura didática, que partilha, arranja e fragmenta as partes – somente do que é comum a pelo menos dois. Um pequenino cuidado arranjado. O cuidado em saúde está para o cuidado caseiro, feito por aquele que sabe a dose dos chás curandeiros a cada olho que olha. Como variações na ética (viva) do brincar e nas parafernálias do cuidado em saúde? Talvez aconteçam na medida em que a formação na saúde abranja mais do que as técnicas em saúde, mas volte-se para os modos de fazer saúde, a grande saúde. De início pensemos naquilo feito com a mão, feito à mão, feito a facão, feito com delineamento dos dedos, feito com modelagem das mãos. Como criar espaço para reinvenções e releituras, sempre comprometidas com a afirmação da vida e do SUS? SUS: nome próprio. Sistema Único de Saúde. Sistema Nacional de Saúde do Brasil. Como criar espaço para invenções comprometidas com a afirmação da vida no SUS lá da “vila”, dali do “postinho”? Porque falamos que a universidade pode mudar e que os cursos da área da saúde precisam mudar? É uma necessidade a ser atualizada com proposições. Listemos as proposições! Quais as dimensões da integração ensino-saúde? Como pensar o lugar do ensino-pesquisa-extensão como um lugar de produzir autonomia produtiva e produtora? Nosso estudante hoje é aquele que amanhã estará no serviço? No ensino? Em atuação afirmativa da saúde pela vida? O mínimo do mínimo é o devir. Cuide do seu, que não está em qualquer lugar, está em toca conhecida. Cuide do seu devir! Para quem e por quê devir? “Da necessidade de bater nas mulheres. Pode-se castigar quem se ama. Como as crianças. Mas isso implica a dor de se desprezar quem se ama”. (Baudelaire – p. 71 – Meu coração desnudado)

Entoado v

Condução

Argumentos

“O Liso nos parece ao mesmo tempo o objeto por excelência de uma visão aproximada e o elemento de um espaço háptico (que pode ser visual, auditivo, tanto quanto tátil). Ao contrário, o Estriado remeteria a uma visão mais distante, e a um espaço mais óptico – mesmo que o olho, por sua vez, não seja o único órgão a possuir essa capacidade. Ademais, é sempre preciso corrigir por um coeficiente de transformação, onde as passagens entre estriado e liso são a um só tempo necessárias e incertas e, por isso, tanto mais perturbadoras. É a lei do quadro, ser feito de perto, ainda que seja visto de longe, relativamente. Pode-se recuar em relação à coisa, mas não é bom pintor aquele que recua do quadro que está fazendo. E mesmo a ‘coisa’: Cézanne falava da necessidade de já não ver o campo de trigo, de fixar próximo demais dele, perder-se sem referência, em espaço liso. A partir desse momento pode nascer a estriagem: o desenho, os estratos, a terra, a ‘cabeçuda geometria’, a ‘medida do mundo’, as ‘camadas geológicas’, ‘tudo cai a prumo’... Sob pena de que o estriado, por sua vez, desapareça numa ‘catástrofe’, em favor de um novo espaço liso, e de um outro espaço estriado...”

(Deleuze – p. 218 – Mil Platôs 5)

[175]

Demonstrações



Condução é muito. Aprendizagem que se dá por sensações multiplicáveis, apenas pelo encantamento e contaminação. Aprendizagem de sensações comuns. Aprendizagens comuns a um coletivo. Aprendizagem de sensações singulares. Aprendizagem que não pode ser copiada doutros. Aprendizagem por sensações compartilhadas: apenas em narrações, por legendas, por descrição, por tradução, por exposição, por hiperlinks. Tem muita presença. Pelos modos do professor inventar suas aulas: “todavia, pessoas como ele e tantas outras, que aceitavam a si mesmas ou que se rejeitavam, mas conhecendo-se de perto, caíam sempre no pior paradoxo; estar talvez à beira da singularidade e não poder alcançá-la. A verdadeira singularidade feita de delicados contatos, de maravilhosos ajustes com o mundo, não podia ser cumprida por um só lado: a mão estendida deveria receber outra mão, vinda de fora, vinda do outro”. (Cortázar - p. 119 – O jogo da amarelinha). Jogue amarelinha. Deslize as pedrinhas. Pule os números chegue ao ápice da experimentação. A aprendizagem por sensações exige rodar. Como nos dedicamos à vida que gira? Propondo uma educação que gire, circule, envolva e encante? Viver para além de sobreviver. Sobreviver de vida. Sem poder, viver. Por a vida a trabalhar em proveito seu, em proveito próprio, em proveito da aprendizagem do que nos estima. Sem simplificar: vida é potência naquilo que nela passa, naquilo que nela se conduz. Intensificar a condução na alteridade, pilotando elementos incitadores de vida. Conduzir as condições vitais ao campo da aprendizagem, da experimentação.

CRONOGRAMA (proposto aos membros da banca avaliadora como também aos amigos mais próximos que acompanharam o doutoramento)

- revisão obsessiva acerca do Riso

- revisão leve e lisa acerca do tema Ética, na filosofia nômade;

- revisão (a título de curiosidade, rigor e continuidade de estudos na linha de pesquisa, com o coletivo de orientação) de teses e dissertações em educação e saúde, sob uso dos descritores: educação; saúde; ética;

- revisão dos livros empilhados em minha escrivaninha, mesmo que já mencionados gravitacionalmente no projeto de tese;

- fazer curso de fotografia;

- fazer curso de corte e costura;

- entender mais de poesia e escrever mais de poesia.

DEVOLUÇÃO

Ok - revisão obsessiva acerca do Riso

Ok - revisão leve e lisa acerca do tema Ética, na filosofia nômade;

Ok - revisão (a título de curiosidade, rigor e continuidade de estudos na linha de pesquisa, com o coletivo de orientação) de teses e dissertações em educação e saúde, sob uso dos descritores: educação; saúde; ética;

Ok - revisão dos livros empilhados em minha escrivaninha, mesmo que já mencionados gravitacionalmente no projeto de tese;

Ok - fazer curso de fotografia;

Ok - fazer curso de corte e costura;

Ok - entender mais de poesia e escrever mais de poesia.

Passando pela lista organizativa da pesquisa constato que alterei a ordem das coisas, saltitei sobre alguns pontos. Não aprofundei alguns deles, como no que se refere aos aspectos filosóficos da tese, embora seja esta uma tese artístico-filosófica. Desisti das aulas de fotografia por fazer pensar demais e serem bonitas demais. As aulas de costuras com muitas colegas, muitas máquinas e muitos modelos me atrapalharam. As leituras de poesias foram absurdamente ampliadas, a casa não comporta mais livros, não pela quantidade, mas pelo valor. Fiz poesias em inúmeros cadernos, caderninhos, capas de livros, para doar, para encantar, para não sufocar, tal como poeta já disse. Sigo o cronograma, como proposta individual experimental, como protocolo de experiência individual, a seguir em educação, em educação especial, em pedagogia, em educação em saúde, em saúde coletiva, em artes integradas, na universidade – em meio à vida. O cronograma tornar-se protocolo para novas aulas.

Entoado x

Intuição

Argumentos

“Aqui estou, então: no fundo do poço. Quando a necessidade aperta, aprende-se em breve a apagar da nossa mente o passado e o futuro. Quinze dias depois da chegada, já tenho a fome regulamentar, essa fome crônica que os homens livres desconhecem; que faz sonhar, à noite; que fica dentro de cada fragmento de nossos corpos. Aprendi a não deixar que me roubem; aliás, se vejo por aí uma colher, um barbante, um botão dos quais consiga tomar posse sem risco de punição, embolso-os, considero-os meus de pleno direito. Já apareceram, no peito de meus pés, as torpes chagas que nunca irão sarar. Empurro vagões, trabalho com a pá, desfaleço na chuva, tremo no vento; mesmo meu corpo já não é meu; meu ventre está inchado, meus membros ressequidos, meu rosto túmido de manhã e chupado à noite; alguns de nós tem pele amarelada, outros cinzenta; quando não nos vemos durante três ou quatro dias, costumamos a reconhecer-nos”.

(Primo Levi – p. 48 – É isto um homem?)

“O instinto. Quando a casa está queimando, esquecemo-nos até do almoço. É verdade, mas em seguida comemo-lo sobre as cinzas”.

(Nietzsche – p. 90 – Para além do bem e do mal)

“Aquilo que é feito com amor faz-se sempre para além do bem e do mal”.

(Nietzsche – p. 96 – Para além do bem e do mal)

“Em arte ou em literatura, quando a inteligência intervém, é sempre depois, nunca antes”.

(Deleuze – p. 20 – Proust e os signos)

Demonstrações



Como constituir uma experiência em educação na qual alguém se reconheça nela? Outras didáticas, sensíveis, sejam elas virtuais, expositivas, demonstrativas ou intuitivas: experimentais! Em espaço para além da sala de aula e com registros de impressões a serem, sempre, compartilhados. O que significa uma rede em correlação, e não apenas um professor a frente de sua turma. Convocando a escola, como comunidade, a viver junto as expressões indizíveis e inclassificáveis de um varal de fotografias, de um documentário da comunidade, de uma exposição de arte na praça central etc. A avaliação pode tomar força de revisão de procedimentos por parte do professor. Foto e não provas ou testes de aprendizagem? Qual a viabilidade dessa plástica da vida na escola? E, sem dúvida, aquele aluno com deficiência poderá, de modo diversificado, modelar, escrever, pintar, bordar, desenhar, ler, escutar, sorver, falar, anotar, degustar, recortar, calcular, passear, cheirar: para ir fotografar. Ficar quietinho. Planejar o click. Avançar e estacionar sempre que o cansaço ou tédio se instalar. O aluno com deficiência teria, dessa maneira, mais tempo para dar uma resposta, pesquisar, ir à “Lan”, para usar a Internet, para pesquisar nas “Wikis”, para vaguear por bibliotecas, para trocar informações com gente experiente, para experienciar coisas... Um tempo intenso, em vida, em meio às experiências, em meio a propostas intensas de aula e convívio com o disparate. A verdade por se achar verdade, não dura, é cristalização, quebra facilmente. Essas são as intuições para uma pedagogia da diferença. Como também podem ser intuições para grupos de saúde, coletivos de saúde, coletivos terapêuticos. Fazer intuição. Fazer proposições. “Brincar de sensações II: quem fica atrás do muro se esconde de quem? Quem fica em cima do muro tem medo do quê?” (Selma Maria - p.13 – Um pequeno tratado de brinquedos para meninos quietos). Proposições para consultório de rua, para ações na rua, para vagamundos. Sair de trás do muro e expor-se, ir ao encontro das experiências. Algumas pessoas ouvir mais, outras ouvir para respeitar, outras para aprender, outras pela intuição que trazem consigo inovações ou distorções. Pegar pela via sem fim, pela via contrária, pela rua de mão única (Benjamin – Rua de mão única).

Relatoria do Coletivo in-Visíveis (que cria artesanias para a pesquisa de mestrado de Renato L. Borges e para o Jornal Boca de Rua)

17 de abril de 2015 Renato Luiza Daniele Sala 411 da faced da ufrgs. Cagar tudo. Meu problema é a representação. Inexatidão. Platô 3. Mulheres catadores. Bairro da Sé. Famílias na rua. Crianças na rua. Muitas pessoas. Participam de Bienal. Tenho vestígios da Rosângela. Terça a tarde. Redenção? Subjetiva-se lixo. Não a falta. Sim a presença. São colaboradores. Pesquisar. Suely Rolnik. Xerox. Nunca li. Tempo abril. Tempo para junho. Artigo a fazer. Trabalho e estágio. Pegar o artigo.

Elementos textuais menores. Vídeos. Dois documentários. Temos visto tanto. Temos lido tanto. Vejamos. Mais. Documentários Unisinos. “se essa rua fosse minha”.

Qual o lance de morar na rua ou na lua? Ganhar a visibilidade quando sair para expor na rua. Fazer laboratório disso. Varais na rua. Produções expostas na rua. Projeção na rua? Eu documentaria as práticas deles. Ocupação do espaço urbano. Daqui há pouco fazer oficinas. Afirmar como invisível? Afirmar como visível. Olha ali, tem algo ali. Até sem autoria. As catadoras. Parada a gráfica. Luiza. Catadoras cartoneiras. Palestrantes. Assistir. Vídeo. Leão Dia. Poder. Público. Categorias. Categoria. Lixos. Catadores 10 anos. Professora vai conseguir na clandestinidade o documentário para mim. Eu trago pois já pedi a ela. Disse que não leem. Poxa. Como não leem? Falar por e escrever sobre? Então até que se mostre é delas. Mas bem, não é. Tem sim autoria. E delas. Stencil. Costura. Cara que fez-fez. Nada igual. 15 reais. “Sonho físico”. Lami. Longe, muito longe. Produz em madeira. Em restos da Bienal. Não entendo mensagem subliminar. Diz que se faz. Eu posso fazer. Produzem juntos. As crianças estão junto no processo. Utopia e luta. América Latina. Mapa com os rostos. Maquete com andares. Objetos imitavam o que queriam. Trocas na própria Bienal. Último dia. Algumas coisas vão sendo conquistadas. O que importa é pintar. Um mapa da América. Pés de moldes. Moldes-pés. Pessoas em lotação. Super circulação. Lotação de apartamentos. Perdi meu esquema. Tem fogo no centro da roda. Morro da Cruz. Canto em Francês com os jovens. Simetria da cena. Sob o viaduto. Lindo plano. Cinza e preto. Com horizonte. Vertical. Bem interessante o espaço. Amplo. Na rua. Sob algo. Sub-algo. Sob-tudo. Marcenaria. Encontrar soluções. Ver. Lixar. Contemporâneo. Artesanato. Sonho coletivo. Comunidade como comunidade? Algo disso sendo afirmado. Coletivamente sendo um sonho de outrem. Conjuntamente sendo sonho. Instrumentos são desejados pela comunidade? Ligado a juventude. Tem criatividade. Camisetas. Goleiras. Vende pedra. Usa. Porque espanhol? Francês de português? Português de francês é espanhol? Olha a escola. Um morro. Veja alto. Está melhor. Fico bem com o cuidado Francês. Olha a Vam! Um toco pra cima. Pelo menos eu que acho que sim. Professora é quem vai dirigir. Ampliar as necessidades. Acomodar a necessidade de eletricidade? Sorriso no olho. Quer um restaurante popular. Carrega. Carregam. Carregaram todos. Pesado o transporte da madeira. (Lacer). Lazer? Serrando. Desejo comum? Primeiro prédio comunitário. Há uma contingência. Não? Bienal de 2009. Jéssica canta. Alguém faz a guarda dos outros de modo comunitário. Minha casa. A vida. Horta. Rúcula. Tomate. Desejo coletivo. Grupo: modo de vida. Não diz respeito a ninguém ao mesmo tempo em que é coletivo. Paris. Higienização. Viaduto da Borges. Liga uma coisa na outra. Se livra da galera. “venha ver cidade não vista”. Tinha que andar para ver as obras. No viaduto. No parapeito. Quem viu. O carambola? Barracas. Eles não vão gostar de nós e nem nós deles. Vida sem internet. Neri Onório. Plug. Computador falha. Pinto por quirela. Um dia há de ser presidente do Brasil. Muda. Passa. Um dia tudo. Veí ter suco de maracujá? Calma calma polentina. Papel amassado. Mapa amassado. Curto o curta. Significando a coisa? Será que precisamos? Vai. 60 músicas. Treze segundos. Colocar a câmera na mão. Pilhado para deixar criar. Sem falar não quer falar. Não falar como. Sem a técnica deixar falar. Propor fazer o gesto e a câmera captura. Vila Flores. Emprestaram câmera para Gerson. E quem tem a luz

violeta. Há? Quinta. 10 horas. Nesta sala. Só ações práticas. Sou prática. Quanto mais leve a carroça passa vai fazendo mais barulho. Barulho se faz. Artes a expandir.

Tem materiais no facebook. Vamos partilhando. Equipamentos. Onde? Quais? Tem no IA. Vejo. Acertamos na próxima. **O coletivo é composto também por**

Bruna, Flávio e Ricardo. Temos dito, Zaratustra.

Entoado w

Máquina política

Argumentos

“Querer liberta, porque o querer é criador: assim ensino eu. E é só para aprender a criar que precisais aprender! E só de mim aprendeis agora a aprender, a aprender bem. Quem tiver ouvidos que ouça!”.

(Nietzsche – p. 237 – Assim falava Zaratustra)

“O que quer aquele que diz "eu quero a verdade"? Ele só a quer coagido e forçado. Só a quer sob o império de um encontro, em relação a determinado signo. Ele quer interpretar, decifrar, traduzir, encontrar o sentido do signo”.

(Deleuze – p. 14 – Proust e os signos)

Demonstrações

Escovar a hipocrisia = Descascar etcéteras = Escovar a pesquisa = Colecionar relíquias

Escovar quem está vivo hoje. Ética da matriz de experiência. Da importância da experiência como ética do/de brincar. Ensinar a estudar exige criar estratégias particulares para cada aluno (junto ao aluno) se conectar com o desejo da aprendizagem. Sair da ideia de “aluno diagnosticado” “aluno tímido” “aluno coitado” “aluno que não sabe nada” “aluno mais ou menos” “aluno com dificuldades de aprendizagem”. Sair da ideia de retardado, de idiota, de portador, de especial, de usuário, de doente. Capturá-lo pela experiência da aprendizagem. Provocar gostar da investigação de conceitos formais em meio a limitações cognitivas tão marcadas pelos instrumentos formais de avaliação. Burlar, sim, a rigorosidade das avaliações em detrimento de um planejamento que seja compartilhado e aberto. Confrontar tudo que se possibilitou em termos de experiência e que foi cumprido com excelência pelo “aluno diagnosticado”. Diante do aluno se fazendo aprendiz, um fazer aulas bem planejado. O planejamento das intervenções pedagógicas é muito anterior ao contato com um aluno e um diagnóstico. Um planejamento de aula ou de atendimento ou de consulta ou de terapia exige: linhas profundas de cuidado. Éticas profundas. Por sermos superficiais temos enlouquecido? Por sermos voláteis temos adoecido? Por termos necessidade de cuidado sofremos? Ter modos de condução que favoreçam a permanência, a expansão da vida e a aprendizagem das múltiplas formas de viver e da vida. Como usar aquele restinho de curiosidade e esforço intelectual? O que ainda sobra das dificuldades tão cheias de siglas e nomes? Um menino, uma menina, o Jeremias, a Ana Lua? Retardado. O gogo. Retardado. O Lucas. Retardada. A Fernanda. Retardado. O Zé. O que necessariamente entender absolutamente: de desenvolvimento e/ou de aprendizagem? Seria um equívoco a disciplina de jogo dedicar-se a um ou outro, mais importante é a aprendizagem (em alguma medida) acontecer. Aprendizagem por sensações, certamente. Sob o alerta de que mais importante do que saber o aluno e o diagnóstico dele, para colar um ao outro, melhor mesmo era saber olhar para o aluno com todas as informações que ele traz e mais um tanto que podemos auxiliar a criar. Ética da experiência. Olhando para a sucessão, aspectos geracionais e alteritários? Uma família ali, uma experiência com ela. Uma comunidade ali, a cultura dela em consequência. Um mundo se fazendo em conflitos. Corpos sobrevivem ali. Estão ali todos aqueles que se submetem a encontros, a amizade, a vizinhança, a junção na esquina, a paquera, a luz, a escuridão, a vida. De

todo modo há aí, no cotidiano, o comum, o demasiado do humano, as descobertas, os fazeres, os afetos, os encontros, as rugas, o rigor, a pontualidade, a espera. Isto tudo em lócus, na comunidade, na comunhão, na mesa. Pode-se perguntar, quem cuida quem? Quem educa quem? Uma sugestão seria tomar a sensibilidade piscapisca, a leveza da imagem vaga-lume. Assumir a alternância, a variação, a multiplicidade, a graça, o brilho, a cor, mesmo quando a rede se apaga. Quando uma lâmpada queima a intermitência se altera, há uma variação. Quando há compartilhamento em redes, o que é da ordem e emergência do contemporâneo se faz. Estudar, em alguma medida, é arremessar-se. Ir dois ou três passos para o lado, algum a frente, dois e um para trás. Tal como quem fabula, varia, formula, risca, risca e apaga: um estudo precisa fazer exercício intelectual rigoroso. Exercícios, sejam quais forem, que disparem hipóteses, erros, equívocos, conectividades e precariedades. Não necessariamente se fala daquele que vive o local, o personagem, o sujeito, o amante, a senhora da rua do lado. Diz-se aqui o que coloca os corpos todos a pulsar. O que provoca presença, aquilo que vem antes da palavra, antes da formação, antes da avaliação, do estar e cumprir com o que se pede ali: na profissão dos déficits ou das loucuras ou das dores. O que traz o entusiasmo conceitual, o ânimo do estudo, o que enfrenta as dores e permanece, faz ficar, obriga querer olhar mais perto, embora envergonhado, embora sem jeito. Mesmo que com dúvidas, se quer permanecer. Alguém, alguma coisa, algum elemento, todos os vãos: algo é querençoso, e quando o é? Quais são as vidas que aparecem aí? Quais são as vidas catamos aí? Quais são as vidas que deixamos passar aí? Quais são as vidas que se superam aí? Uma didática não é uma dinâmica de grupo para pôr a conversar. Uma didática tão pouco pode viver anos sem variações. Uma didática não pode enfadar. Uma didática não se presta a deixar mais fácil os conteúdos. Uma didática não preenche um currículo, pois que faz o currículo. Uma vez que é preciso viver os modos de fazer as coisas – ou a didática da coisa - minimamente, com entusiasmo e saúde. Cuidemo-nos por dentro delas, das didáticas possíveis. Como quem molda bolha de sabão, moldar a didática. Sim, moldá-la plasticamente. Isso requer entender de generalizações, como das minúcias e miudezas de uma atuação pedagógica. Colocar relevo no currículo, que pode ser moldado como quem molda bolhas de sabão. Tem um estouro, um colorido, um pequeno arco-íris ali. Tem uma vida, um sangue, um testemunho, um incômodo, um perigo. Uma ética que vingará. Aula como acontecimento. Aula como máquina experimental. Aula como atelier pedagógico. Aula como máquina experimental. Mas o quê da aula sem a didática? O quê da aula sem a preparação, a preparação do romance, o caos das tintas, as coleções de livros? Seria esta uma ética que quer afirmar: professor prepare-se, desordenadamente e diversificadamente, só assim a aula será para cada um aprender? Férias professor. Nada para fazer. Poucas opções, muitas sensações. Desperte-se, professor. Evite exageros nas horas de trabalho, na dedicação ao trabalho. Não cobre dos outros uma ética servil. Acaso sem programação. Acaso por acaso. Emergência de um acaso. Aprendizagem-acaso. Viagem sem programação dos acasos. Viagem com aberturas para o acaso. Acaso para abertura: das mudanças de trem, das migalhas dos detalhes, do “em falso”, da mesa rangendo, da cama sem coberta, da neve sem casaco, da aula sem aula, da aula para acabar com a aula, aula que poderia se tornar agenciamento coletivo - ao acaso! Essa é a política pelo capital vital. Política gravitacional, gratuita e universal.

Entoado y

Máquina experimental

Argumentos

“A vida é busca de potência”

(Baudelaire – p. 89 – Meu coração desnudado)

Demonstrações

Ética contemporânea da alteridade nos trouxe questões desdobradas do contemporâneo:

Ética da alteridade;

Ética do viver junto;

Ética do compartilhamento;

Ética da conectividade;

Ética do deslocamento;

Ética viva;

Ética da amorosidade;

Ética do brincar;

Ética que seja do absurdo

(Camus – Esperança no mundo).

Ética do primitivo.

Ética do torpor.

Ética da dor.

Ética da alegria.

Pelo precário da vida.

Pelo morno da vida.

Pelo entristecido forte.

Pelas coisas caseiras.

Pelo artesanal.

Pelo terno na antropologia.

Pelo iconográfico nas artes.

Por brincar.

Pelas bobagens da rotina.

Pelas leves bolhas de sabão.

Por brisas e certa escuridão.

Pela metamorfose de pedras e lagartixas.

Pelo feitiço.

Pela benzedura.

Por xamanismos.

Pela educação desescolarizada.

Pela saúde desinstitucionalizada.

Por coisas de escola.

Por coisas de posto de saúde.

Por coisas da comunidade.

Os raios da vida, numa tarde talvez.

Com uma (e não duas) ética (viva) do brincar.

Tropeços

Pertinácia

Afinco

Teimosia

Insistência

Apaixonado

Apaixonada

Apaixonados

Apaixonadinhos

Apaixonadíssimos

Apoquentadores

Atos de alegria

Na escola especial não é possível abrir portas para sair e entrar e pular e foliar e parar e vazar e ficar e voltar e seguir: ao contrário da escola que seria a comum. A psicologia dos “melhoramentos da humanidade” é uma insistência na didática da escola especial somente?

Na escola comum. Como uma ética do brincar, do comum, do trivial, minimamente, sendo feita ali? Não se criam desejos e empatia e manias e sensações e ecolalias e performances e mortes: ao contrário da escola que seria a especial.

Nem tão boas nem tão ruins, nem nem.

Mesmo assim é preciso pensar coisas de escola pública que sejam para todos e qualquer um.

Desde que escolas absurdamente abertas e afincadamente relacionais.

Escolas que sejam abertas - quaisquer escolas - para deslizos, para lapsos, para despedidas.

Quase nômades: por suas circulações e retornos e intenções e levezas e absurdos e sacanagens pedagógicas.

Quase nômades por não necessariamente portar malas e armas e tralhas e técnicas e manuais.

Quase nômades, por carregarem-se. E se for o caso, escola que não crie dependência, escola que não crie fixidez, escola que não seja de um ou aquele lugar.

E, paradoxalmente, possa ter raiz, queira estar na tradição, pretenda fixar-se.

Que no intempestivo, se mova, se espraie, que vá para todo e qualquer lugar.

Escolas que configurem realidades relacionais, tal qual propõe a arte relacional, a arte contemporânea, a performance.

Casos, causas, efeitos, sentidos, sensações – sejam provocadas pelas misturas, pela realidade mista, feita de causas heterogêneas.

Realidades relacionais e universais e generalistas e genéricas e amplas e abertas e entrecruzadas e justapostas e anexas e adjuntas.

Escolas que configurem realidades relacionais, tal qual propõem os Coletivos de rua, as Escolas nômades, as Casas de autogestão, as Tribos, os Índios, os Itinerantes, aqueles sem fronteiras etc.

Que o relacional seja entendido pela diversidade de sistemas de vida, de multiplicidade de modos de vida, de amplificação da Vida.

São tão diferentes as linguagens utilizadas no serviço e no ensino.

É importante encontrar-se com a contradição, com os paradoxos, com o dissenso, com o contrassenso, num movimento alteritário.

Aquele que relata o adoecimento contando casos.

O senhor que tem curas pelas plantas a ensinar.

As palavras que informam a dor por vias de expressões populares.

O dito conhecido somente naquele local.

Outro que se expressa pela timidez.

A vizinha que busca um remédio e uma saúde da troca de açúcar.

Cadê pesquisas intervenção em saúde com um projeto de mundo mais adequado à vida?

Pesquisas que serviço, ensino, mas em especial a comunidade - pessoas, famílias, grupos (que cada um coloca como “mais importante” em sua vida) - possam se beneficiar?

Geografia das cidades.

Andar muito por todos os locais.

Deixar-se explorar, convidar a um passeio de ônibus, caminhadas em lugares do cotidiano, sentar em lugares diferentes, observar as pessoas, dar destaque a coisas simples, corriqueiras, aos cheiros, aos olhares, as sensações, as conversas, as prosas.

Na educação em saúde, mobilizar para reconhecer-se como parte de uma família, de uma comunidade e que – misturado a isso – também sou professora, enfermeira, assistente social, doutora.

Como, enquanto na comunidade, ser parte, fazer parte?

Lugares previstos, que são “de risco”, discriminados, precários, perigosos?

Refletir sobre perguntas difíceis, enfrentamentos e sensações.

Responsabilizações e encontros. Encontros provocados e ocasionais.

Conversa com pauta, com analítica, com síntese, com proposições.

Exercícios com aplicabilidade

Planejar enquanto estuda. Planejar justapondo ensino e aprendizagem.

Promover intervenção processual.

Produzir narrativas.

Pedagogia de cartazes

Por aprendizagem de sensações, jogo de pequenas partes e de outras grandes partes.

As pequenas partes são os detalhes e as grandes partes são os argumentos. Não necessariamente em ordem. Ambos poderiam ser repetidos separadamente: detalhes e argumentos.

Fragmentadamente, calmamente, um espírito de jogo vai contaminar, ao modo Benjamin.

Fragmentadamente, o texto vai sendo composto.

Não são defendidas as ideias de um ou outro ponto do texto.

Ideias em conservação de um único enunciado: uma ética (viva) do brincar.

Conjunto-tese afirma: a aprendizagem de sensações

Artefato-tese.

Coisinha-tese.

Vale explicar que as impressões feitas neste texto foram escavadas de aulas, de coisas de escola, de coisas de posto de saúde, de coisas de hospital psiquiátrico, de espaços que se localizam entre a seriedade, o obrigatório, o singelo e a alegria pedagógica.

Olhe para todos os lados, especialmente para aquilo que está abaixo do nível dos olhos. “Olha para todos os lados mas evita olhar para cima pois alguém lhe dissera que os humanos só participam nos acontecimentos abaixo do nível dos olhos, e esta expressão - abaixo do nível dos olhos - torna-se tão forte como a velha expressão - abaixo, ou acima, do nível do mar” (Tavares – Uma viagem à Índia).

A poesia como operadora no desfazimento de diagnósticos.

Uma ética se faz no encontro com quem tem um nome, sobretudo.

Vida viva.

Vida onírica.

Viva o próximo.

Resistência é experimentação de novos espaços. Novas formas de cooperação, coletivos, querências.

E não se acha tão legal ouvir, falar, trocar, brincar, jogar, esperar, "perder tempo", fazer um jogo de aprendizagem, misturado com sensações de alegria, fazer encontros, ter encontros, inventar alguns.

Cartas. Jogos. Vamos trocar cartas? Vamos jogar? Troco cartas por poesias. Trocas essas cartas por poesias. Troco poesias por desenhos. Troco cartas de amor. Troco badulaques e cartas. Troco um pato de borracha por um desenho e uma cartinha. Vamos tirar os sapatos, tirar a camisa, entrar na água, rolar no chão, lambar a cara do outro, rir de apontar o dedo, arrastar as sacolas de brinquedos, juntar quinquilharias, levar pra baixo das cobertas... Sei lá. O que seria a Ética nesses casos? Seria uma Ética do ambiente, das relações sociais, da subjetivação? Não é a Ética da amizade, pois seria reservada a dois. Não é a Ética da alteridade, pois se reservaria o terceiro. Um encantamento a ser mantido, existe um vínculo a ser firmado, algo a ser encontrado naquilo que me é ofertado (ou que oferto, pedindo sem pedir): a carta, o bilhete, a dedicatória, o escrito. Uma Ética do brincar começa a se fazer com a tua carta, com os nossos trocinhos e as nossas parafernalias necessárias. Responde-me? Como ir ao encontro de todos e qualquer um? Penso primeiro a escola, depois o posto de saúde, não não: primeiro a vida? Uma saúde para cuidar da vida, uma educação para procurar a saúde (ou a potência de cuidar da vida). Certa confusão, assumo. Como posso pensar a Vida, de maneira mais livre, espontânea, experimental, através de uma permeabilidade, uma passividade, até mesmo uma fraqueza? Os poetas aventam. Trazem o apagamento de fogo e o ar para novos inícios. Aquilo que queima é imediatamente remediado e em memória disso outros mundos são inventados. Para o instante de revoltas, incêndio, o bom é ter aquele que tem presença atenta e incentivadora. Nada mais intermitente que uma poesia após a revolução dos ventos e do rio, após ter sedimentado as cercas e os alicerces ribeirinhos. O absurdo, o insuportável e a imaginação são alimentos de poesia. Também são alimentos para a vida. Também são sustentos para a aula. Ou afirmo aqui que são, para passar a ser. Glossário-elucidário. Iluminário-vestuário. Elucidário-vestuário. Glossário-vestuário. Glossário da autora. Glossário léxico da autora. Glossário do grupo que falou. Glossário das principais ideias extemporâneas. Colei dois corações no computador, são adesivos e brinco.

Entoado z

Ética experimental

(viva)

“Os poetas não são mais educadores”



ética do brincar

1. pelo que se interessa:

- interessa-se pelas coisas pequenas, pedrinhas, um furinho, a pontinha do dedo, uma alcinha, os tons de verde,
 - por coisas de criança, de alunos, de pacientes, de loucos, de retardados, de autistas, de moradores de rua.

2. como se apresenta/com que se parece:

- como uma pedagogia generalista, uma potência.pedagogia; um apoio para rodas e círculos e redes e tramados e bordados de saberes, de fazeres, de conversares; jogarmos, trocarmos, nos tocarmos, nos interessarmos uns pelos outros e gostarmos de vida uns nos outros,
- procura territórios de educação e de saúde para encontrar a vida das forças alegres, a vida dos trocinhos, das miudezas, das palavras baixinhas, a vida das pedras, das coisas molhadas.

3. o que não gosta/se arma do contra:

- os bom mocismos, bom purismos, bom científicismos, da educação e da saúde, quer parafernália, inventos, o amor.

4. e no que acredita, afinal, essa tal:

- que quando brincamos é mais gostoso de existir, viver parece mais fácil, as preocupações não entristecem e pensamos muito mais, até mesmo treinamos pensar,
- de repente, um doce nos satisfaz e enche de prazer, não precisa a mesa farta, um copo d'água com bolinhas nos faz ver perspectivas, não precisamos das lentes mais eletrônicas e mais multifocais,

- conversar com os fantasmas debaixo da cama e com os seres dos escuros e com os seres das linhas presas nas agulhas e com o entra e sai de botões pelas casas e furinhos e de se pendurar em fitas e embolar com bolinhas e em se enfiar pelos panos e se envelopar em cartas, cartinhas e cartões,
- entende as artes da presença e os processos em conectividade, os princípios da docência plurimedial (não apenas a mediação do professor) ou da atenção (à saúde) plurimedial (não apenas a mediação biomédica),
 - interessa-se pela interdisciplinaridade (no mínimo entre a saúde coletiva, a educação e as artes; educação em saúde, saúde mental coletiva).
 - uma ética do brincar é aquela proveniente do encontro alegre.

jóia

viveu encantado
no coração da montanha
um lilás alado

em fuga da rocha triste
fende teu colo a ametista

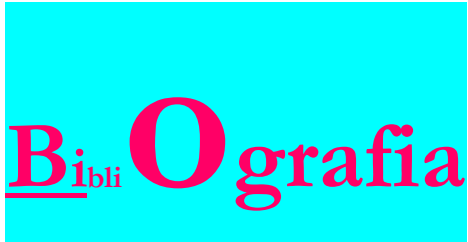
*

exercício escolar

trinta tigres trêfegos
são mais que três tigres tristes
decora o menino

depois dorme mansamente
e sonha com passarinho

(Bueno – Pequeno tratado de brinquedos)



Agamben, Giorgio. *Infância e história: destruição da experiência e origem da história*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

Agamben, Giorgio. *Opus Dei: arqueologia do ofício: homo sacer*. Tradução Daniel Arruda Nascimento. 1ª edição. São Paulo: Boitempo, 2013.

Agamben, Giorgio. *A comunidade que vem*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007a.

Agamben, Giorgio. *Profanações*. São Paulo: Boitempo, 2007.

Agamben, Giorgio. *O que é o contemporâneo?: e outros ensaios*. Chapecó, SC: Argos, 2009.

Agamben, Giorgio. *O homem sem conteúdo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

Aristóteles. *Metafísica*. Tradução Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2014.

Aristóteles. *Ética a Nicômaco*. Tradução Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2ª Ed., 2012.

Artaud, Antonin. *Linguagem e vida*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

Bacon, Francis. *Conversas com Francis Bacon: o cheiro do sangue humano não desgruda seus olhos de mim*. Franck Maubert. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

Barthes, Roland. *Fragments de um discurso amoroso*. Tradução Hortência dos Santos. 3ª edição. Rio de Janeiro: F. Alves, 1981.

Barthes, Roland. *O óbvio e o obtuso*. Lisboa: Edições 70, 1982.

Barthes, Roland. *O neutro: anotações de aulas e seminários ministrados no Collège de France*. Tradução Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2003a.

Barthes, Roland. *Como viver junto: simulação romanesca de alguns espaços cotidianos*. Tradução Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

- Barthes, Roland. *A preparação do romance, II A obra como vontade*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- Barthes, Roland. *O prazer do texto*. Tradução J. Guinsburl. São Paulo: Perspectivas, 2006.
- Barros, Manoel de. *Poesia Completa*. São Paulo: Leya, 2010.
- Barros, Manoel de. *Livro das Ignorâncias*. São Paulo: Leya, 2010.
- Barros, Manoel. *Documentário Só dez por cento é mentira*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XCMczEBuII4>. Acesso em: setembro de 2015.
- Baudelaire, Charles. *Meu coração desnudado*. Tradução e notas Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- Benjamin, Walter. *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. São Paulo: Editora 34, 2002.
- Benjamin, Walter. *Ensaio reunidos: escritos de Goethe*. Tradução Irene Aron. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2009.
- Benjamin, Walter. *Escritos sobre mito e linguagem*. Tradução Susana Kampff. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2011.
- Benjamin, Walter. *Rua de mão única: infância berlinense, 1900*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013a.
- Benjamin, Walter. *Imagens de pensamento: sobre haxixe e outras drogas*. Tradução João Barreto. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.
- Benjamin, Walter. *A obra de arte na época de sua reprodutividade técnica*. Tradução Francisco de Ambrosio Pinheiro Machado. Porto Alegre: Zouk, 2014.
- Benjamin, Walter. *O conceito de crítica de arte no romantismo alemão*. Tradução, prefácio e notas: Márcio Seligmann-Silva. 3ªed. São Paulo: Iluminuras, 2011.
- Bergson, Henri. *O pensamento e o movente: ensaios e conferências*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- Bergson, Henri. *O riso: ensaio sobre a significação da comicidade*. Tradução Ivone Castilho Benedetti. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- Bergson, Henri. *A energia espiritual*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.
- Bergson, Henri. *A evolução criadora*. São Paulo: E. Unesp, 2010.
- Bergson, Henri. *Memória e vida*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- Bergson, Henri. *Aulas de psicologia e de metafísica*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.
- Blanchot, Maurice. *O livro por vir*. Tradução Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- Bourriaud, Nicolas. *Estética Relacional*. São Paulo: Martins, 2009.
- Bueno, Wilson. *Pequeno tratado de brinquedos*. São Paulo: Iluminuras, 2003.
- Ceccim, Ricardo Burg. *Memorial de Concurso pra Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*. 2015.

- Camus, Albert. *Estado de sítio*. Tradução Alcione Araújo. Rio de Janeiro: Civilizações Brasileiras, 2002.
- Camus, Albert. *Esperança no mundo*. Rio de Janeiro: Record, 2013.
- Cortázar, Julio. *O jogo da amarelinha*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
- Deleuze, Gilles. *Crítica e Clínica*. Tradução Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- Deleuze, Gilles. *Espinosa: filosofia prática*. São Paulo: Escuta, 2002.
- Deleuze, Gilles. *Proust e os signos*. 2. ed. Tradução Antonio Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- Deleuze, Gilles. *A ilha deserta: e outros textos*. Edição preparada por David Lapoujade; organização da edição brasileira e revisão técnica Luiz Orlandi. São Paulo: Iluminuras, 2006.
- Deleuze, Gilles. *Diferença e Repetição*. Trad. Luiz B. L. Orlandi; Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2006a.
- Deleuze, Gilles. *Bergsonismo*. Tradução de Luiz Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2012a.
- Deleuze, Gilles. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2 vol.5*. Tradução de Peter Pal Perbart. São Paulo: Editora 34, 2012.
- Deleuze, Gilles; Guattari, Félix. *O Anti-Édipo*. Tradução Georges Lamazière. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- Deleuze, Gilles; Guattari, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira. São Paulo: Ed. 34, 1995.
- Deleuze, Gilles; Guattari, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 4*. Tradução de Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 2012.
- Deleuze, Gilles; Guattari, Félix. *Kafka: por uma literatura menor*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.
- Dicionário da Língua portuguesa. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/>. Acesso em: fevereiro de 2015.
- Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. Disponível em: <https://www.priberam.pt/dlpo/>. Acesso em: fevereiro de 2015.
- Didi-Huberman, Georges. *Diante da imagem: questões colocadas aos fins de uma história de arte*. São Paulo: Editora 34, 2013.
- Dostoiévski, Fiódor. *Gente Pobre*. São Paulo: Editora 34, 2009.
- Ferraz, Wagner. *Corpo a dançar: entre educação e criação de corpos*. 2014.
- Foucault, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.
- Foucault, Michel. *A Hermenêutica do sujeito: curso dado no Collège de France (1981-1982)*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2010.
- Foucault, Michel. *A coragem da verdade*. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

- Gagnebin, Jeanne Marie. *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- Gai, Daniele Noal. *Ética de brincar*. Projeto de tese, Ppgedu/Ufrgs, 2014. 71p.
- Gai, Daniele Noal; Ferraz, Wagner. *Parafernalias I – Diferença, arte, educação*. Porto Alegre: Indepin, 2012.
- Gai, Daniele Noal; Ferraz Wagner. *Parafernalias II – Currículo, cadê a poesia?* Porto Alegre: Indepin, 2014.
- Genet, Jean. *O ateliê de Giacometti*. Tradução Célia Euvaldo. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 2001.
- Goethe, Johann Wolfgang Von. *Doutrina das cores*. Tradução Marco Geraude Giannotti. 4ª edição. São Paulo: Editora Nova Alexandria, 2013.
- Guattari, Félix. *As três ecologias*. Tradução Maria Cristina. São Paulo: Papyrus, 1990.
- Guattari, Félix. *Máquina Kafka*. São Paulo: n-1 edições, 2011.
- Guattari, Félix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Tradução Ana Lúcia de Oliveira. São Paulo: Editora 34, 2012.
- Hilst, Hilda. *Rútilos*. São Paulo: Globo, 2003.
- Klossowski, Pierre. *Nietzsche e o círculo vicioso*. Tradução Hortência S. Lencastre. Rio de Janeiro: Pazulin, 2000.
- Kuasne, Selma Maria. *Um pequeno tratado de brinquedos para meninos quietos*. Ilustrações Anne Vidal. São Paulo: Peirópolis, 2009.
- Kuasne, Selma Maria. *Um pequeno tratado de brinquedos para meninos quietos da cidade*. Ilustrações Nina Anderson. São Paulo: Peirópolis, 2011.
- Lapoujade, David. *Potência do tempo*. Tradução Hortencia Santos. São Paulo: n-1 Edições, 2013.
- Lapoujade, David. Do campo transcendental ao nomadismo operário. William James. In: Alliez, E. (Org.). *Gilles Deleuze: uma vida filosófica*. São Paulo: Ed. 34, 2000.
- Latour, Bruno. *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica*. Tradução Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2013.
- Latour, Bruno. *Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. Tradução Ivone Benedetti. São Paulo: Ed. Unesp, 2011.
- Levi, Primo. *É isto um homem?* Tradução Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.
- Macchi, Jorge. *Biografia e obras*. Disponível em: <http://www.jorgemacchi.com/en>. Acesso em junho de 2015.
- Nietzsche, Friedrich. *O nascimento da tragédia ou Helenismo e pessimismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- Nietzsche, Friedrich. *Sabedoria para depois de amanhã*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- Nietzsche, Friedrich. *Para Além do Bem e do Mal. Prelúdio a uma filosofia do futuro*. São Paulo: Editora Martin Claret Ltda, 2007.
- Nietzsche, Friedrich. *Genealogia da moral*. São Paulo: Companhia de bolso, 2009.

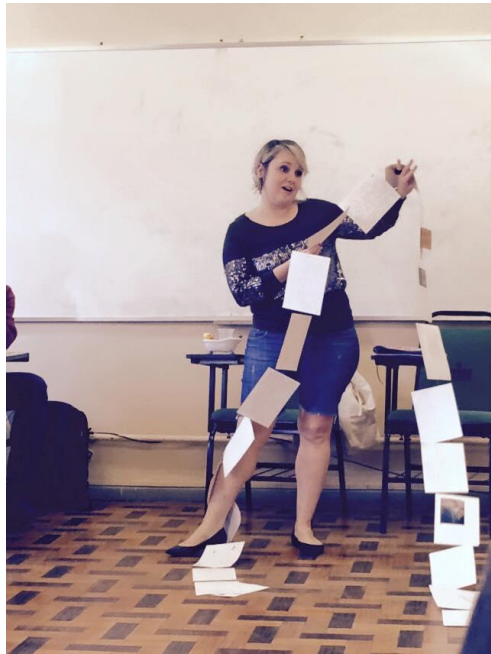
- Nietzsche, Friedrich. *Ecce Homo: de como a gente se torna o que a gente é*. Tradução Marcelo Backes. Porto Alegre: L&PM, 2009.
- Nietzsche, Friedrich. *Assim falava Zarathustra*. Tradução Mário Ferreira dos Santos. Petrópolis: Vozes, 2011.
- Nietzsche, Friedrich. *Escritos sobre educação*. Tradução Noeli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Ed. Loyola, 2011.
- Nietzsche, Friedrich. *A Gaia Ciência*. Tradução de Paulo César de Souza. 1ª Edição. São Paulo: Companhia de bolso, 2012.
- Nietzsche, Friedrich. *Crepúsculo dos ídolos, ou, como se filosofa com o martelo*. Petrópolis: Companhia das Letras, 2013.
- Röhrs, Hermann (Org.). *Maria Montessori: coleção educadores*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.
- Onfray, Michel. *Contra-história da filosofia: os libertinos barrocos*. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.
- Pelbart, Peter Pal. *O avesso do niilismo: cartografias do esgotamento*. São Paulo: n-1 Edições, 2013.
- Proust, Marcel. *Em busca do tempo perdido*. Volume I. Tradução Fernando Py. 2013.
- Informe C3. *Contemporâneo: triture algumas coisas e leve ao forno*. Periódico Eletrônico. Edição 16/2014. Disponível em: <http://informec3.weebly.com/blogue/informe-c3-edicao-16>. Acesso em fevereiro de 2015.
- Queiroz, André. *Foucault hoje?* Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.
- Queiroz, André. *Antonin Artaud, meu próximo*. Rio de Janeiro: Pazulin, 2007.
- Queiroz, André (Org.). *Barthes/Blanchot: um encontro possível?* Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.
- Ramond, Charles. *Vocabulário de Espinosa*. Tradução Claudia Berliner. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.
- Rolnik, Suely. *Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Editora Estação Liberdade: São Paulo, 1989.
- Sahm Estela. *Bergson e Proust: sobre a representação da passagem do tempo*. São Paulo: Iluminuras, 2011.
- Schopke, Regina. *Dicionário filosófico: conceitos fundamentais*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- Skliar, Carlos. *Incluir as diferenças?* Sobre um problema mal formulado e uma realidade insuportável. In: Revista Artes de Educar. Volume 1, Número 1. UERJ: 2015.
- Spinoza, Benedictus de. *Ética*. Tradução Tomaz Tadeu. 2ª edição. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.
- Tavares, Gonçalo. *Uma viagem à Índia: melancolia contemporânea*. São Paulo: Leya, 2010.
- Valéry, Paul. *Introdução ao método de Leonardo da Vinci*. Tradução de Geraldo Gérson de Souza. São Paulo: Ed. 34, 1998.
- Valéry, Paul. *A alma e a dança e outros diálogos*. Tradução Marcelo Coelho. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2005.

Valéry, Paul. *Alfabeto*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

Valéry, Paul. *Variedades*. Tradução Maiza Martins de Siqueira. 4ª edição. São Paulo: Iluminuras, 2011.

Viveiros de Castro, Eduardo. O chocalho do xamã é um acelerador de partículas. In: Ribeiro, Darcy. *Encontros*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2007.

anexos



Performance Pathos. Performance Ética de Brincar. A defesa deste texto. Fotos das costuras. Fotos de Elisandro Rodrigues. Fotospóstumas.

Texto foi costurado cartão por cartão. Os cartões imitavam cartões postais. Texto foi unido por linhas em ziguezague e outros tipos de pontos. Uma encadernação frouxa, com lógica para a

passagem das páginas. Texto foi entregue à banca dentro de um pequeno pacote de tecido. Pacote parecido com uma fronha de travesseiro. Envolvida em uma fita. Na fita vários botões de formas, tamanhos e cores variadas. Fronha feita de tecido elástico. Um embrulho de tecido contendo duzentos cartões. Em meio às páginas colagens de patos-patinhos e retalhos de pequenos e bonitos tecidinhos. Em meio às páginas desenhos feitos por mim e coloridos pelos filhos, de uma série “família narigo”. Em meio às páginas papéis que sobraram de uma intervenção em brechó (de livros, pulseiras, chapéus, colares, mantas, bergamotas, chás etc). Em cada peça do brechó havia um bilhete feito em papel graft ou papel pardo dizendo: “troco por abraço”; “troco por desenho”; “troco por beijo”; “troco por poesia” etc.

Leitura que se espalha. Leitura rabo. Relicário profano. Ética de brincar. Banca que faz sentido pra tese. Orientação que sempre é companhia.

Um copo de água em uma banheirinha de patinho. Um gorro de patinho para a Estrela, minha filha, entender que estamos em uma teatro, em uma performance e que sem pathos não haveria família como a que inventamos para nós, tampouco vívidos dias comuns. Um grupo de bons amigos me observam, alguns cito ao longo do Texto performance.

Proponho a escrita-perspectiva.

Proponho esta Tese-escrita. Proponho um objeto-tese-escrita. Uma escrita comunicação, mas que seja comunicação, mas que acione comunicação, mas que se comunique, mas que comunicação seja. Que se comunique mais, nos tempos que estamos por instaurar e esculpir.

Uma escrita diálogo. Um diálogo. Recolho coisinhas de quem se comunica, comunicou, voz fez, canto entoou, garatuja esboçou, ecolalias ecolalias. Um relicário a guardar efeitos de encontros alegres. Impulsos para comunicar? Impulsos que comunicam: dissensos, loucuras, deficiências, sofrimentos, corpos rabo de lagartixa, gente. Comunico e escrevo. Narro comunicação. Ressalva: comunicação profana.

Não penso oficinas de escrita, tampouco formação em escrita, ou escrita para pesquisadores melhores escritores. Mesmo que a Ética do Brincar possa funcionar e acionar tudo isso. Ela, a ética viva, definhada e desfiada, na tese, é Pathos. Querendo quase. Pesquisa quase.

Sendo quase tese. Ela, a ética viva, flancos descarnados e esfiada, na tese, é Pathos. Não penso oficinas de escrita acadêmica. Não propus oficinas durante esses dois últimos anos de tantos encontros profundos. Dois anos doutorando de doutoramento de doutora brincar de vir a ser. Fiz aulas. Fiz aulas e considerei a duração absoluta destas minhas aulas na escrita. Fiz aulas. Faço docência. Proponho uma ética do brincar, que invente formas de permanecer, durar, aos tropeços, existir na multiplicidade em seu absurdo e absoluto. Proponho comunicação, modos de comunicar, de se colocar em conversação, proseando, deixando de enumerar, calcular, pontuar, seguidamente interpretar e sem calma analisar. Calmaria! Sentar no meio do

campo de futebol para perguntar, durante o jogo, qual lado defender? Para qual goleira chutar? Calmaria. Perguntar-se repetidamente sobre a hora de mamar na gata. Só sei disso pelo Neco, pelo Lucas, pela Geu, pelo Gogo, pela Aline, pelo Daniel, pela Gabi, pelo Carlos. Tantos tantos corpos rabo de lagartixa compõem-me. Não negar o outro. Não negar o diálogo. Está aí uma das proposições e argumentos para as traduções literais-afectivas desta tese. Tantos dados, tantos números e como falamos sobre o mundo e o que tem mudado e o que precisamos mudar e o que nos muda e como mudaram o que não era para mudar tanto? Uma Ética do Brincar política. Para parar a nossa autodestruição. A força! Há força! Linguagem. Linguageando coisas construtoras, desproporcionais a destruição. Linguagem fazer. Sem compaixão, orações, louvações. Linguagem forte, profética pois que para além e que vem e por vir e por alentos. Parar a nossa autodestruição. Sob a força da palavra frear o que nos decompõe. Palavra-ação. Palavra presa na mão. Palavras a serem recolocadas. Palavras escovadas a contrapelo. Palavras-pele sendo esfregadas no outro. Palavras-dedo. Palavras-pathos. Palavras de dicionário idiorrítmico. Coisas a serem anunciadas para emoção ramificar. Coisas a serem anunciadas para cuidado ramificar. Coisas a serem anunciadas para sensações ramificar. Coisas a serem anunciadas para jardim ramificar. Coisas a serem anunciadas para curandeiras ramificar. Coisas a serem anunciadas para intuição ramificar. Linha pedagógica do cuidado. linha didática do cuidado. Linha didática da amorosidade. Linhas gastas interminavelmente, sem crise, mobilizando o que pode o quase nada.

Indissociabilidade entre criação e desconstrução.

A Ética do Brincar está sujeita à criação e à desconstrução. Engendram-se por ser máquina política e máquina de ensinar experimental. Essa tal opera com a pedagogia na educação e com a pedagogia na saúde, produzindo outra pedagogia, com articulação contemporânea vívida. Frágil.

Frouxa. Molenga. Hipotônica. Bamba. Com espasmos. Cheia de roupas. Veste-se. Veste-se. Veste-se. Parada na esquina por dias sem fim por gargalhadas sem fim. Por amorosidade às flores, pela felicidade sem fim dentro de um jardim.

Sensível sim. Sensitiva também. Arrepiada e em alerta. Essa tal Ética flerta. Essa tal tira partido da filosofia, das artes, da pedagogia, cria método pra educação e pra saúde. Afirma a pedagogia como ciência. Assume o ensino, a pesquisa, a extensão. Articula uma educação para todos e para cada um. Articula uma educação para qualquer um. Articula qualquer coisa de modo muito sério mesmo que leve e delicado. Pensa a aprendizagem na deficiência, no autismo, na saúde mental, como na não deficiência. Essa tal Ética funciona pelos entoados, argumentos, demonstrações e procedimentos. Essa tal se causa, é sua própria causa. Essa tal faz-se ao modo filosófico e artístico. Funciona por uma entrecomposição engenhosa, articulada, simétrica e complementar das partes. Estas partes são partes-conceitos, são conceitos desfiados no texto-tese. E são: pathos. Efeitos poiéticos. Criação. Riso. Espaço de habitação. Escrita. Curandeira. Arteira. Geringonça. Relicário.

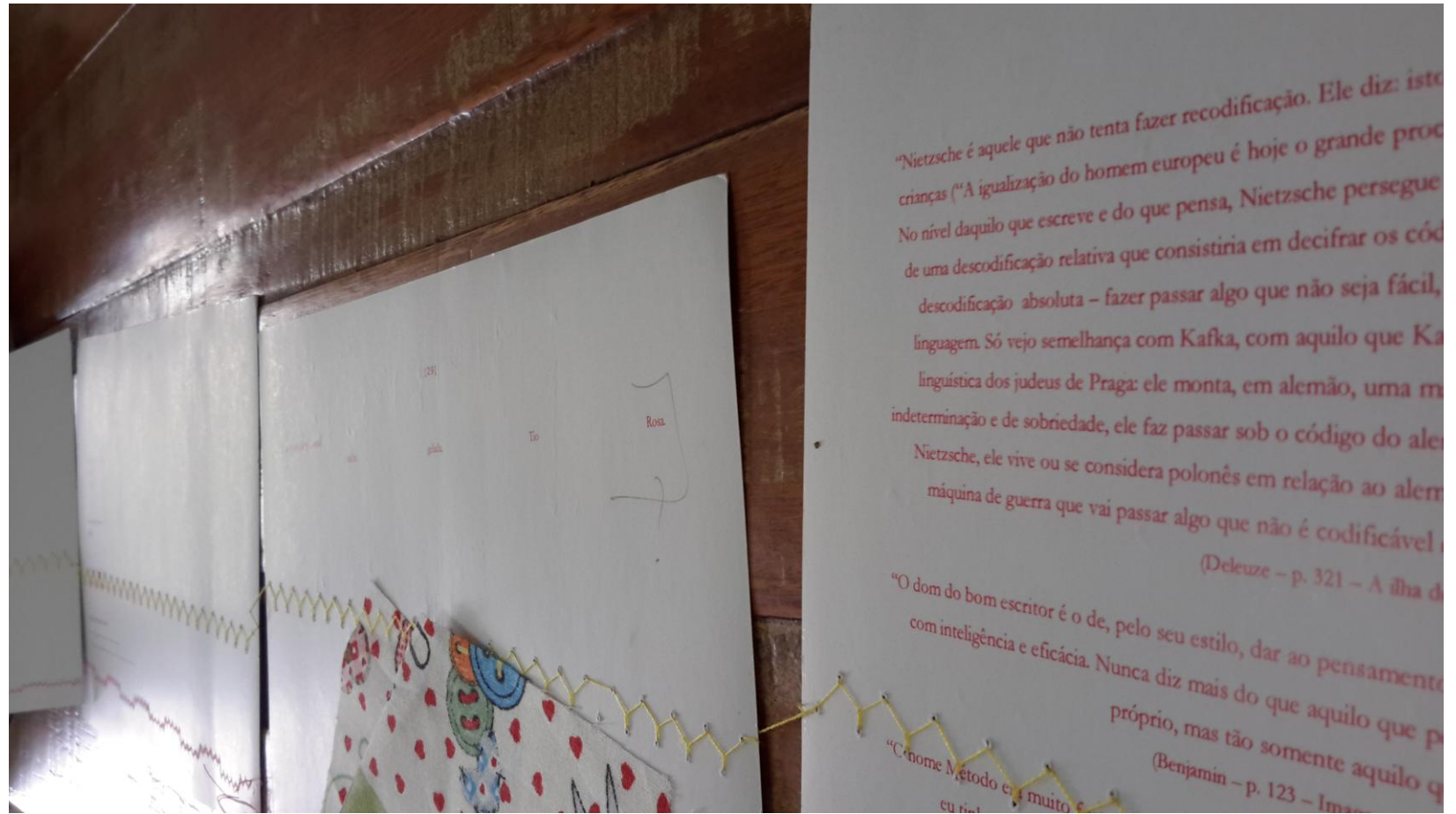
Acúmulo. Lúdica. Descabimento.

Experimentação. Deambulação. Desconstrução.

Composição. Som. Presença. Jardim. Cuidado. Condução. Intuição. Máquina política. Máquina

experimental. Ética experimental. Ao que se prestaria essa Ética na contemporaneidade? Uma Ética posta a brincar. Um modo de movimentar o empobrecimento dos nossos dias comuns. Um modo de provocar a desconstrução do empobrecimento das nossas condições de existência. Prestaria, pelo menos, e já seria tanto, se fizesse perceber o comum, o que é próprio em cada um, o que nos compõe e nos expande potencialmente. Presta (Ria). Proponho uma Ética do Brincar que se valha do comum, do comunitário, dos dias módicos, dos dias simples a que nos submetemos. Importa: as coleções, os relicários, as cartas, os brinquedos, o espírito de humor e jogo, a existência em composição e regeneração. Preocupo-me com o cinza da contemporaneidade, que reage às informações e às opiniões, paradoxalmente, investe ou pode investir atenção às suas cores mais fortes, às cores mais fortes de nossa cultura, de nossa potência lúdica, de nossa potência bizarra e inteligente ao mesmo tempo. Preocupa-me a ludicidade que há naquilo que criamos, tecemos, arranjam, pintamos, moldamos, modelamos, cantamos. Extraímos daí a Ética. Que não é moralista, cientificista, tecnicista, burocrática, homogeneizadora, fascista. Uma Ética que não salva tampouco moraliza. Ética do Brincar que de tão comum seja comum. Ética do Brincar, uma vez que de tão comum pode e é vivida, é viva. Mostra a intuição, intui, mostra os fios tênues e aquilo que se faz quando coletivos investem cuidado ativo, como cuidado ético ao outro.





"Nietzsche é aquele que não tenta fazer recodificação. Ele diz: isto
crianças ("A igualização do homem europeu é hoje o grande proce
No nível daquilo que escreve e do que pensa, Nietzsche persegue
de uma descodificação relativa que consistiria em decifrar os cód
descodificação absoluta – fazer passar algo que não seja fácil,
linguagem. Só vejo semelhança com Kafka, com aquilo que Ka
linguística dos judeus de Praga: ele monta, em alemão, uma m
indeterminação e de sobriedade, ele faz passar sob o código do ale
Nietzsche, ele vive ou se considera polonês em relação ao alem
máquina de guerra que vai passar algo que não é codificável

(Deleuze – p. 321 – A ilha d

"O dom do bom escritor é o de, pelo seu estilo, dar ao pensamento
com inteligência e eficácia. Nunca diz mais do que aquilo que p
próprio, mas tão somente aquilo q
(Benjamin – p. 123 – Im

"C'nome Metodo e muito e
eu rí